

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PAULA FALCÃO DE SOUZA

**A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede.  
O #vemprarua no Brasil**

Rio de Janeiro

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

PAULA FALCÃO DE SOUZA

**A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede.**

**O #vemprarua no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de Tecnologias da Comunicação e Estéticas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antoun

Coorientador: Prof. Dr. Fabio Malini

Rio de Janeiro

2014

S729 Souza, Paula Falcão de

A genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede: o #vempraruá no Brasil  
/ Paula Falcão de Souza. 2014.

117 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Antoun

Coorientador: Prof. Dr. Fabio Malini

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

1. Mídia social. 2. Redes de informação. 3. Capitalismo. I.  
Antoun, Henrique. II. Malini, Fabio. III. Universidade Federal do  
Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 302.23

Paula Falcão

**As Lutas Multitudinárias em Rede. O #vemprarua no Brasil.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovado em 28 de abril de 2014

---

Prof. Dr. Henrique Antoun (Orientador)

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dra. Ivana Bentes de Oliveira

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Avaliador Suplente:**

---

Fernanda Bruno

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2014

Àqueles que lutam.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos funcionários da Escola de Comunicação da UFRJ, pela disponibilidade em ajudar nas questões burocráticas.

Aos professores, por proporcionarem tanta troca de conhecimento nas aulas ministradas.

A Henrique Antoun, meu orientador, pela oportunidade da convivência e por compartilhar comigo um pouco de sua genialidade nas aulas e reuniões de orientação.

À CAPES, pela bolsa que possibilitou dedicação exclusiva a este trabalho.

Ao Laboratório de Imagem e Cibercultura (Labic-Ufes), especialmente a Allan Cancian, pela parceria e por estar sempre disposto a ajudar; e também aos parceiros Jean Pereira, Nelson Reis e Marcus Vinicius Leite, por se colocarem à minha disposição em diversos momentos para resolver as questões técnicas deste trabalho; e imensamente ao coorientador desta dissertação, Fabio Malini, por toda a paciência, atenção e cuidado na lida comigo e com meu projeto. Sem a imprescindível ajuda do Labic, certamente este trabalho não seria possível.

Aos meus pais, Olívia e Pedro Sérgio, pelo grande amor e pelos ensinamentos genuínos sem os quais eu nada seria.

Aos meus irmãos, Vitor e Renata, pelo carinho e pela certeza de que, independente de distância, caminhamos lado a lado.

Aos amigos, por suportarem minha ausência e, mesmo assim, terem mantido todo o amor e afeto por mim. Em especial àqueles que, em determinados momentos, despenderam de forças que por vezes lhes faltavam para me fortalecer.

A Vitor Lopes, pelo amor incondicional. Gratidão eterna.

À família Gomes Ribeiro, pelas incontáveis acolhidas em Vitória-ES. Zezé e Waldo, por serem meus segundos pais, e Felipe e Marcelo, pois somos primos-irmãos.

À família Oggioni Gomes de Souza, minha principal fonte de luz, energia e amor. Eu poderia usar um dicionário, mas não há palavra que baste para dizer o que vocês significam para mim.

Ao vô Seu Pedro Gomes e à vó Dona Zezé Falcão, por continuarem olhando por nós desde onde estão agora.

Por fim, agradeço à vida, pelas quedas, pelos renascimentos, pelos ensinamentos constantes e pela beleza em tudo o que há.

Ainda vão me matar numa rua / quando descobrirem / que faço parte dessa gente / que  
pensa que a rua / é a parte principal da cidade.

(Paulo Leminski)

## RESUMO

Em junho de 2013, uma onda de protestos tomou conta do Brasil, deixando evidente um recente empoderamento da multidão. Grande parte disso justifica-se pelo fato de a população ter incorporado novas tecnologias ao seu cotidiano. Se antes os relatos dos movimentos sociais ficavam a cargo do monopólio da *mass media*, hoje os cidadãos comuns tornaram-se atores ativos no processo de narração dos fatos sociais. Neste trabalho, analisamos a rede formada pela *hashtag* #vemprarua no Twitter. Para isso, capturamos 108.158 tweets, no período de 15 de junho a 15 de julho, e geramos grafos no Gephi a fim de possibilitar a visualização e a identificação dos atores dessa rede e de suas interações ao longo desse recorte mensal. Indo mais além, optamos por estudar a explosão da rede #vemprarua no Twitter, isto é, o início e a solidificação de seu uso ao longo dos protestos. Sendo assim, analisamos os dados específicos dos dias 15, 16 e 17 de junho de 2013, separadamente, para entender quais os atores iniciais dessa rede. Realizamos, ainda, uma análise semântica a partir das *hashtags* e palavras mais utilizadas nesse período e um estudo sobre quais os links mais compartilhados entre os usuários nesses três dias.

**Palavras-chave:** capitalismo; poder; multidão; resistência; rede; gephi



## **ABSTRACT**

In June 2013, a wave of protests swept Brazil, leaving clear a recent empowerment of the crowd. Much of this is justified by the fact that the population has incorporated new technologies into their daily lives. If earlier reports of social movements were in charge of the monopoly of the mass media today ordinary citizens have become active actors in the narration process of social facts. In this paper, we analyze the network formed by the Twitter hashtag #vemprarua. For this, we captured 108,158 tweets in the period from June 15 to July 15, and we generated graphs on Gephi in order to facilitate the visualization and to identify the interaction of the actors in this network. Going further, we chose to study the explosion the Twitter network #vemprarua, in other words, the beginning and the solidification of its use over the protests. For this, we analyzed datasets from days 15, 16 and June 17, 2013, separately, to understand who are the original actors in this network. We also performed a semantic analysis based on hashtags and most frequently used words in this period. Furthermore, we performed a study about which links were most shared among users in these three days.

**Keywords:** capitalism; power; crowd; resistance; network; gephi

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Números de linhas de telefones celulares de banda larga por 100 habitantes

**Figura 2:** infográfico: no mundo, mais de um terço da população é internauta

**Figura 3:** recente evolução dos movimentos sociais e seus canais de comunicação.

**Figura 4:** gráfico do aumento do uso da Internet no mundo (2011).

**Figura 5:** rede #vemprarua completa, sem aplicação de qualquer métrica.

**Figura 6:** grafo gerado a partir das estatísticas de Modularidade e Grau de Entrada

**Figura 7:** grafo gerado a partir das estatísticas de Modularidade e Grau de Saída

**Figura 8:** grafo gerado a partir da estatística Hits, com a métrica de Autoridade.

**Figura 9:** grafo gerado a partir da estatística Hits, com a métrica de Hub.

**Figura 10:** grafo gerado a partir da estatística de Centralidade de Intermediação.

**Figura 11:** grafo gerado a partir da estatística de Autovetor.

**Figura 12:** os principais atores do dia 15 de junho de 2013 na rede #vemprarua

**Figura 13:** as *hashtags* mais utilizadas no dia 15 de junho de 2013

**Figura 14:** as palavras mais ditas no dia 15 de junho de 2013

**Figura 15:** URL mais compartilhado no dia 15 de junho de 2013

**Figura 16:** Segundo e terceiro URL mais compartilhado do dia 15 de junho

**Figura 17:** os principais atores do dia 16 de junho de 2013 na rede #vemprarua

**Figura 18:** *hashtags* mais usadas no dia 16 de junho de 2014

**Figura 19:** nuvem de palavras mais ditas no dia 16 de junho de 2013

**Figura 20:** URL mais compartilhado no dia 16 de junho

**Figura 21:** Segundo URL mais compartilhado de 16 de junho

**Figura 22:** Terceiro URL mais compartilhado de 16 de junho

**Figura 23:** Quarto URL mais compartilhado do dia 16 de junho

**Figura 24:** os principais atores da rede #vem pra rua na madrugada do dia 17 de junho

**Figura 25:** as *hashtags* mais utilizadas na madrugada do dia 17 de junho

**Figura 26:** as palavras mais ditas na madrugada do dia 17 de junho

**Figura 27:** os principais atores do #vemprarua na manhã dia 17 de junho de 2013

**Figura 28:** as *hashtags* mais utilizadas na manhã do dia 17 de junho

**Figura 29:** palavras mais ditas na manhã do dia 17 de junho

**Figura 30:** os principais atores do #vemprarua na tarde do dia 17 de junho de 2013

**Figura 31:** *hashtags* mais usadas na tarde do dia 17 de junho

**Figura 32:** palavras mais ditas na tarde do dia 17 de junho

**Figura 33:** os principais atores do vem pra rua na noite do dia 17 de junho de 2013

**Figura 34:** *hashtags* mais usadas na noite do dia 17 de junho

**Figura 35:** nuvem de palavras mais ditas na noite do dia 17 de junho

**Figura 36:** os principais atores do #vemprarua no dia 17 de junho (rede completa)

**Figura 37:** as *hashtags* mais utilizadas no dia 17 de junho

**Figura 38:** as palavras mais faladas no dia 17 de junho

**Figura 39:** URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 40:** segundo URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 41:** terceiro URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 42:** quarto URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 43:** quinto URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 44:** sexto URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 45:** sétimo URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 46:** oitavo URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 47:** nono URL mais compartilhado do dia 17 de junho

**Figura 48:** décimo URL mais compartilhado do dia 17 de junho

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I – Poder e Contrapoder no Capitalismo: A Multidão Resiste</b> .....	7
I. Noções de Poder e seus Mecanismos de Engendramento.....	7
II. Gênese, desenvolvimento e crise do capitalismo tradicional.....	11
III. Capitalismo Cognitivo e os Bens Intelectuais.....	13
IV. Multidão, Comum e Resistência em Negri e Hardt.....	21
 <b>INTERMEZZO I</b>	
<i>Resistência e as Lutas do Comum</i> .....	28
 <b>CAPÍTULO II – As Lutas em Rede</b> .....	31
I. Genealogia da Internet e das Redes Sociais.....	31
II. A Sociedade em Rede segundo Castells.....	35
III. O Ciberativismo e a Lógica do Compartilhamento.....	39
 <b>INTERMEZZO II</b>	
<i>Narradores de Si. De Como a Multidão Passou e Narrar sua Própria História</i> .....	56
 <b>CAPÍTULO III – Cartografia das Controvérsias Brasileiras</b> .....	59
I. Teoria Ator-Rede e Cartografia das Controvérsias.....	59
II. Genealogia dos Recentes Protestos no Brasil.....	67
III. Estudo de Caso: O #vemprarua no Twitter.....	70
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

O ano de 2010 foi o marco inicial do levante da multidão que se observa até os dias de hoje em todo o globo. Em dezembro desse ano, teve início a Primavera Árabe, quando populações de países do oriente médio e do norte africano foram às ruas para se manifestar contra as tentativas de repressão e censura na Internet por parte dos Estados, as más condições de vida, além do desemprego e da injustiça política e social de seus governos.

A partir daí, surgiu uma onda de revoltas por todo o globo. Na Espanha, o movimento intitulado 15M (devido à data de início, 15 de maio de 2011) tomou as ruas e praças com reivindicações que iam desde a defesa de uma democracia mais participativa, sem interferências dos bancos e das empresas, até uma luta para melhorar o sistema democrático como um todo. Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street de fato ocupou diversas cidades do país numa luta contra a desigualdade social e econômica, a ganância, a corrupção e a indevida influência de empresas – sobretudo no setor financeiro – no governo do país. E, dessa maneira, uma onda de indignação foi tomando todo o mundo. No Brasil não foi diferente. Em meados de 2011, com a realização das Marchas da Maconha, da Liberdade e das Vadias, já se anunciava que os brasileiros também estavam tomados pelo desejo de ir às ruas lutar por suas causas.

Em junho de 2013 veio o estopim dessas lutas. Milhares de moradores da capital paulista, pautados pelo Movimento Passe Livre foram às ruas contra o aumento da tarifa dos ônibus municipais. Houve violência policial e vários manifestantes e policiais ficaram feridos. A partir daí, a indignação contra a repreensão aos manifestantes tomou conta de todo o país, além do desejo de colocar suas reivindicações em voga, na rua. Inúmeras capitais e cidades interioranas foram – e continuam indo – às ruas para defender causas heterogêneas como: melhoria na mobilidade urbana, fim da corrupção, contra a violência policial, os gastos públicos com a Copa das Confederações realizada em 2013 e a Copa do Mundo FIFA de 2014, entre outras.

No Rio de Janeiro, em alguns dias as manifestações chegaram ao número de 100 e 300 mil pessoas. Em São Paulo, reuniram por várias vezes 100 mil pessoas. Em Vitória, capital do Espírito Santo, as primeiras reuniram cerca de 10 mil pessoas e culminaram também nos 100 mil. E assim foi no Recife, em Belo Horizonte, em Porto Alegre e em muitas outras cidades do Brasil. Estima-se que cerca de um milhão de brasileiros foram às ruas nesse período.

Em resposta às maiores manifestações populares realizadas no país desde as mobilizações pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor em 1992, o governo brasileiro anunciou várias medidas para tentar atender às reivindicações dos manifestantes e o Congresso Nacional votou uma série de concessões, como ter tornado a corrupção um crime hediondo, arquivado a chamada PEC 37 - que limitaria o poder de investigação criminal a polícias federais e civis, retirando-o de outras organizações, como o Ministério Público - e proibido o voto secreto em votações para cassar o mandato de legisladores acusados de irregularidades. Houve também a revogação dos então recentes aumentos das tarifas nos transportes em várias cidades do país, com a volta aos preços anteriores ao movimento. E vale lembrar que todo esse movimento vem sendo realizado desde junho de 2013, portanto, ainda está em andamento.

Grande parte desse recente empoderamento da multidão no que tange aos assuntos e manifestações citados acima ocorreu em simultaneidade com a assimilação e a incorporação dos novos meios de comunicação por parte da população. A partir da última década do século XX - principalmente neste início de século XXI -, as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) tornaram possível novas formas de articulação e mobilização por parte da população. Tudo isso graças à disseminação do acesso aos dispositivos móveis e às redes sociais online, que fez surgir uma nova forma de produção e difusão de conteúdo: a partir deste momento, pessoas comuns tornaram-se tecnologicamente aptas a relatar suas próprias vidas e suas experiências de mundo. Ao assumir a função de narradores de sua própria história, esses cidadãos acabam, conseqüentemente, por se libertar das amarras das fontes tradicionais de informação – o que se convencionou chamar de “grande mídia”.

É o que podemos ver ao lançar o olhar para as recentes manifestações realizadas em todo o globo e também no Brasil: grande parte das pessoas que têm ido às ruas para manifestar suas causas sociais, políticas e econômicas têm se utilizado desses novos dispositivos de comunicação para relatar sua versão dos fatos. Entretanto, muitas vezes, esses relatos não são condizentes com os disseminados pelas mídias tradicionais – as grandes empresas de comunicação.

A metodologia aplicada neste trabalho trata da análise de uma controvérsia - isto é, de um conflito ainda em andamento - por meio da seguinte forma: todos os dados utilizados para a formação da rede emergente em torno dos protestos no Brasil foram extraídos do Twitter a partir de um processo de mineração de dados. O primeiro passo foi a filtragem do material

através do YourTwrapperKeeper, um *software* utilizado em servidores do computador para captura e armazenamento de dados da plataforma. Esse programa rastreia os *tweets* associados a uma determinada pesquisa, conforme os dados disponibilizados pelo usuário, para em seguida serem compilados em um arquivo geral, que pode ser de diversas extensões, como .csv, .html, entre outros.

Escolhemos o Twitter como fonte de dados por duas principais questões: 1) o Twitter possui a API (*Application Programming Interface*) aberta, permitindo o desenvolvimento de aplicativos que podem usufruir das informações disponíveis nessa rede, o que torna possível fazermos uma busca para recolher todas as mensagens ligadas ao termo de busca escolhido; 2) tal rede foi fundamental para a articulação das mobilizações dos protestos no Brasil. Ao total, foram analisados 108.158 *tweets* – e na soma entre *tweets* e retuites o número é de 449.094. É possível analisar tanto os RTs quanto os ATs. Neste trabalho, optamos por estudar somente as redes geradas pelos RTs.

Para este trabalho em particular, selecionamos a *hashtag* #vemprarua, que foi rastreada no período de 15 junho até 15 julho de 2013. Como se sabe, os protestos deste ano no Brasil reuniram diversas causas e, portanto, foram utilizadas muitas *hashtags*. A escolha pelo #vemprarua se deu como forma de tentar catalogar a maior parte das informações que as pessoas escreviam no Twitter sobre esse período, já que essa foi a *hashtag* mais utilizada durante os protestos. Além disso – e talvez isso explique o porquê de esta ter sido a mais utilizada -, essa é uma *hashtag* mais geral, pois não trata de uma causa específica diretamente. Com os dados coletados em formato .csv, o passo seguinte foi separar esses *tweets* em dois diferentes arquivos: *retweets* (RTs) e menções (ATs). A separação dos RTs e ATs é feita através de um *script* processado na linguagem de programação ‘R’. Tal *script*, o “tweetgraph.R”, foi encontrado em um blog<sup>1</sup> e serve para extrair de um arquivo “Pipe-delimited” (tweets.csv) um documento de texto onde as informações sobre o *tweet* (texto, hora, local, dispositivo, etc.) são separados pelo símbolo | (*pipes*).

Para aqueles que estão pouco habituados à análise de redes sociais (SNA), cabe explicar que quatro elementos estão sempre presentes numa rede: *Nodes*, *Ties*, *Clusters* e *Graph*. *Nodes* (em português, “nós”) são representados numa rede por pontos. Já os *Ties* (em português, “laços”) são concebidos como linhas. E os *Clusters* (“aglomerações”) são grupos de

---

<sup>1</sup> <http://blog.ynada.com/339>

nós fortemente conectados. O *Graph* (“grafo”) é uma representação de uma rede interativa formada por nós e laços (também chamados de *Edges*, “arestas”).

Explicada essa noção básica de SNA, a etapa posterior à mineração e processamento é a visualização dos dados utilizando o *software open source* Gephi de análise de redes complexas, que também cria visualizações e aplica métricas capazes de fornecer a dinâmica de formação e funcionamento da rede de RTs ligada à *hashtag* #vemprarua. Os algoritmos do programa permitem a disposição dos nós do grafo a partir da escolha de um *layout*, que estabelece os parâmetros de distribuição como: gravidade, repulsão, atração, escala do grafo, dissuadir hubs, dentre outros. Além disso, o *software* gera estatísticas fundamentais para análise de rede. Para esse trabalho, utilizamos os *layouts* Force Atlas 2, Fruchterman Reingold e Ajustar Rótulos. Além disso, aplicamos a ferramenta *Spline*, que permite, por meio de curvas, filtrar os dados de maneira que os grandes e pequenos nós estejam presentes no grafo gerado.

Primeiramente, vale explicar melhor o que é um grafo: Em 1973, o matemático Leonard Euler publicou um artigo sobre o enigma das Pontes de Königsberg, uma cidade prussiana localizada em meio a ilhas no centro de um rio. Ao todo, a cidade tinha sete pontes e contava-se que era uma diversão para seus habitantes tentar atravessar a cidade por meio delas, mas cruzando-as apenas uma vez cada. Euler desmistifica a ideia dos habitantes, mostrando que cruzar essas pontes sem repetir o caminho era impossível e apresenta uma rota possível para os habitantes da região. O matemático conecta quatro partes terrestres (nós) com as sete pontes (arestas), confirmando a inexistência da rota desejada pelos moradores e criando o primeiro teorema da Teoria dos Grafos<sup>2</sup>.

Essa teoria é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto, empregando estruturas chamadas grafos  $G(V,A)$ , nas quais  $V$  é um conjunto de objetos denominados vértices e  $A$  é um conjunto de pares não ordenados de  $V$ , chamado de arestas. Grafos são, portanto, redes expressas matematicamente, constituídas por um conjunto de pontos (chamados de nós) conectados por linhas (chamadas de arestas) que expressam uma relação entre esses nós. Freitas (2010) explica que, em grafos gerados a partir de redes sociais, os nós representam os atores e as arestas, as relações entre eles.

Graças ao Gephi, foi possível entender a trama que se formou no que se refere ao #vemprarua, quem são os principais atores, quem recebeu mais *retweets*, quem é mais central, quem consegue disseminar uma informação mais rapidamente, entre outros dados. De acordo

---

<sup>2</sup> Parte da matemática aplicada encontra-se disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_dos\\_grafos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos)



com os objetivos apresentados nesse trabalho, inicialmente limitaremos o estudo às estatísticas de grau de entrada, grau de saída, modularidade, hits, centralidade de intermediação e centralidade de autovetor.

Além dessa análise da rede geral #vemprarua ao longo de um mês, optamos também por analisar o momento de explosão do uso dessa *tag* durante os protestos, que ocorreu entre os dias 15 e 17 de junho de 2013. Depois de analisar o #vemprarua como um todo, aplicando métricas – como se verá logo abaixo –, fizemos também um estudo sobre esses três dias iniciais da *tag*, gerando grafos dos dias 15, 16 e 17 separadamente, a fim de saber como se constituiu e se solidificou a rede #vemprarua no Twitter, a evolução dos assuntos mais falados, etc. No que tange ao dia 17, que foi o dia em que a *tag* e os protestos de fato explodiram, resolvemos separá-lo em fases: madrugada (00h às 6h), manhã (6h às 12h), tarde (12h às 18h) e noite (18h às 00h). Tudo isso com a intenção de melhor analisar quem foram os principais atores/usuários do #vemprarua nos protestos durante esse período de explosão das manifestações no Brasil.

Ademais, analisamos também quais foram os links mais compartilhados e realizamos uma análise semântica das *hashtags* e palavras mais utilizadas nos dias 15, 16 e 17 de junho de 2013. Na análise semântica, utilizamos a seguinte metodologia: depois de capturar os dados do #vemprarua utilizando o Youtwapperkeeper, separamos os dias que escolhemos analisar – dias 15, 16 e 17 de junho de 2013 –, em arquivos .txt. Depois aplicamos um *script* em *python* desenvolvido no âmbito do Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura (Labic), que fornece as seguintes *outputs*: palavras e *hashtags* mais utilizadas; *tweets* mais replicados; nuvem de termos e de *hashtags*; rede de co-ocorrência de *hashtags*; *tweets* mais replicados; usuários mais mencionados; número de *tweets* por usuário e outras. Além disso, aplicamos o *script* no *dataset* de cada dia, a fim de retirar palavras que não tem muito valor semântico, conhecidas como “*stopwords*”, como, por exemplo, “eh”, “vc”, “que”, “é”, pronomes, artigos e coisas do gênero. Isso foi preciso para que essas palavras não ficassem soltas na nuvem semântica e não atrapalhassem o aparecimento do real e útil conteúdo disseminado nesses dias.

Após fazer isso, inserimos o arquivo .txt já corrigido no site Tagxedo.com, que é um gerador de nuvens de palavras. As nuvens geradas trazem em maior tamanho as palavras e *hashtags* mais destacadas em determinado momento, isto é, as mais mencionadas, seguidas por outras palavras e *tags* menores, mas também importantes para o entendimento desse momento vivido no país. Os resultados de todos esses estudos encontram-se descritos neste trabalho – no Capítulo 3.

Por fim, realizamos uma pesquisa bibliográfica para tentar compreender nosso caso específico dentro de um aspecto filosófico e político mais amplo, com base em autores como Foucault, Negri, Hardt, Castells, Deleuze, Shirky, Lazzarato, entre tantos outros, a fim de responder os questionamentos surgidos no decorrer do trabalho, tais como: qual é o papel hoje das redes sociais na constituição e mobilização social na produção de alternativas no interior da crise do capitalismo cognitivo? Como as estratégias de replicação e do compartilhamento se constituem como esfera que ultrapassam e disputam os sentidos estabelecidos nos circuitos tradicionais de mídia? Quais foram as ferramentas e as táticas de construção de uma militância que se constitui nas ruas a partir das mobilizações 2.0? Que modalidades de poder e contrapoder passam a funcionar a partir do momento em que o cidadão assume a função de narrador e comentarista dos fatos sociais? Como explicar os processos de opinião pública, se um fluxo constante de opinião é conformado dentro das redes e não mais somente pelo e no interior de veículos tradicionais de comunicação? Estas são perguntas que tentaremos responder ao longo deste trabalho.

O principal objetivo é identificar como se constituiu a rede do #vemprarua ao longo dos protestos no Brasil, a partir da descoberta e análise de quem foram os principais atores das manifestações na rede, do que eles diziam, do que compartilhavam, além de analisar como rede e rua dialogavam. Além disso, buscamos definir os conceitos de Multidão e Comum segundo Negri e Hardt e entender o que muda na sociedade a partir da apropriação das novas tecnologias por parte da população.

Para isso, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, tratamos das noções de poder, contrapoder, resistência, comum e multidão, segundo Foucault, Negri e Hardt. No segundo, relatamos o surgimento da internet e das “guerras em rede”, ao trazer um breve histórico do ciberativismo mundial. Já no terceiro, trazemos a Teoria Ator-Rede, o estudo de caso do #vemprarua e os resultados obtidos.

## **CAPÍTULO I – Poder e Contrapoder no Capitalismo: A Multidão Resiste**

### **I. Noções de Poder e seus Mecanismos de Engendramento**

Em suas obras, o filósofo francês Michel Foucault se recusa a estabelecer uma teoria geral do poder, isto porque defende a não existência de algo geral denominado “poder”, mas sim relações heterogêneas e díspares. Segundo o autor (Foucault, 1988), o poder é uma prática social constituída historicamente que, ao contrário do que se pode pensar, não é sinônimo de Estado, visto que assume diversas formas externas - porém a ele articuladas - e, inclusive, indispensáveis para sua sustentação.

Em resumo, o que Foucault (1988) defende é que não há um objeto chamado poder, uma unidade, essência, entidade ou coisa que possa definir-se como poder por características universais; para ele, o poder se situa no corpo social, não acima dele. Isso significa que as práticas de poder são multiformes, dispersas, não possuem localização nem sujeitos específicos, ao contrário, o poder está em toda a parte, atravessado em indivíduos, exercendo-se sobre os corpos e sendo exercidos pelos sujeitos.

A fim de introduzir a análise sobre as lutas pelo poder na atualidade, faz-se necessário estudar, primeiramente, a inserção dos mecanismos de poder nas sociedades ao longo da história, a começar pela chamada Sociedade de Soberania. Segundo Foucault (1988), nesta sociedade, o soberano exercia seu poder sobre todos os âmbitos de maneira indireta – ao enviar seus súditos à guerra -, ou direta – ao punir súditos rebeldes. Nesse momento, realizava-se a gestão da morte, mais do que da vida, pautada pela lógica “fazer morrer e deixar viver”.

O poder soberano era simbolizado pelo gládio – espada utilizada por legiões romanas -, fato que pode indicar um histórico de sociedade em que o poder se exercia essencialmente como instância de confisco, mecanismo de subtração, direito de se apropriar de uma parte das riquezas: extorsão de produtos, de bens, de serviços, de trabalho e de sangue imposta aos súditos. Por isso faz sentido dizer que, nesse tipo de sociedade, o poder era direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos, enfim, da vida; significava o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la.

A partir da época clássica, com o desenvolvimento econômico e o surgimento de um novo modo de produção, iniciou-se uma transformação profunda desses mecanismos de poder. Surge, assim, um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las ou destruí-las. Com isso, o poder sobre a morte desloca-se para um poder que necessita gerir a vida. Trata-se da Sociedade Disciplinar.

Entre o fim do século XVII e decorrer do século XVIII, a tecnologia disciplinar passa a gerir os corpos individuais, na tentativa de aumentar sua força útil e torná-los dóceis politicamente. Nessa sociedade, o poder está centrado no corpo máquina, por meio da extorsão de suas forças para os sistemas econômicos – vale destacar que o sistema disciplinar está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. Para que se estabeleça a disciplina, é preciso distribuir os indivíduos por meio de sua inserção em um espaço individualizado, classificatório – instituições como a escola, a igreja, a fábrica, e outros.

O Panóptico de Bentham, descrito por Foucault na obra *Vigiar e Punir* (1975), é uma amostra da lógica disciplinar: com uma construção anelar na periferia e uma torre central, essa estrutura torna o prisioneiro perfeitamente individualizado e constantemente visível. Em suma, é o princípio da masmorra invertido; de três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se mantém a primeira. Isto é, neste caso, a visibilidade é uma armadilha, uma vez que o prisioneiro é visto, mas não vê quem o vigia do alto da torre central. Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder – o essencial é que ele se saiba vigiado.

É justamente essa a lógica disciplinar, um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações do poder com a vida cotidiana dos homens. Com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para a sociedade. Foi ao longo dos séculos XVII e XVIII que esses dispositivos disciplinares multiplicaram-se através de todo o corpo social, constituindo o que se convencionou chamar de sociedade disciplinar.

Essas instituições disciplinares carregam algumas características que valem descrição. A primeira delas é a inversão funcional das disciplinas: se antes lhes cabia neutralizar os perigos, fixar as populações inúteis ou agitadas, evitar os inconvenientes; agora lhes é atribuído o papel de aumentar a utilidade dos indivíduos. Outra característica é a ramificação dos

mecanismos disciplinares: antes maciços e compactos, agora se decompõem em processos flexíveis de controle.

A “disciplina” não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (FOUCAULT, p.203, 1975). Em resumo, pode-se dizer que a disciplina se incide sobre os corpos dos indivíduos por meio de mecanismos de vigilância e treinamento, reduzindo a força política do sujeito, o que diminui sua capacidade de luta e resistência e potencializa sua força econômica, o que aumenta o efeito do seu trabalho.

Pode-se dizer, ainda, que as disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis e que asseguram a ordenação das multiplicidades humanas. O que é próprio das disciplinas é que elas tentam definir três critérios em relação às multiplicidades: tornar o exercício do poder o menos custoso possível; fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível; fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema.

A crise generalizada dos meios de confinamento culmina na implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação. A chamada Sociedade de Controle substitui as antigas disciplinas e implementa o controle ao ar livre. Enquanto os confinamentos são moldes, distintas moldagens, os controles são uma modulação, isto é, uma moldagem autodeformante que muda continuamente a cada instante (DELEUZE, 1992). Isto se vê claramente na questão do salário:

A fábrica era um corpo que levava suas forças internas a um ponto de equilíbrio, o mais alto possível para a produção, o mais baixo possível para os salários; mas numa sociedade de controle a empresa substitui a fábrica, e a empresa é uma alma, um gás. (...) A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade, excelente motivação que contrapõe os indivíduos entre si (DELEUZE, 1992).

Assim como a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame; Deleuze afirma, ainda, que nas sociedades de controle nunca se termina nada, pois a empresa e a formação coexistem numa mesma modulação.

E Deleuze segue traçando um paralelo entre esses mecanismos de dominação. Como descreve o autor, as sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa. Já nas sociedades de controle o essencial não é mais uma assinatura ou número, mas sim uma cifra, ou seja, uma senha – que marca o acesso à informação, ou a rejeição. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes (DELEUZE, 1992).

Ao tentar corresponder cada sociedade com certos tipos de máquinas – sob a alegação de que elas exprimem as formas sociais capazes de lhes criar e utilizar -, Deleuze explica que as soberanias manejavam máquinas simples; as sociedades disciplinares tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia ou o perigo ativo da sabotagem; e, por fim, as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo, a pirataria e a introdução de vírus.

Em decorrência de todas essas mudanças, houve alterações no modo de produção capitalista. No século XIX o capitalismo visava à acumulação para a produção, hoje seu foco deixou de ser a produção – relegada ao terceiro mundo - e passou a ser a sobreprodução, isto é, os serviços. O marketing assume, assim, o papel de instrumento de controle do corpo social e o homem deixa de ser “homem confinado” e passa a ser “homem endividado” – à época em que Deleuze escreveu o texto “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”, o autor afirma que três quartos (3/4) da humanidade se encontrava em estado de miséria, o que o francês explica da seguinte maneira: “pobres demais para as dívidas, numerosos demais para o confinamento”.

A partir da segunda metade do século XVIII, nasce outra tecnologia de poder que não exclui as anteriores, visto que atuam em diferentes níveis. Trata-se da Biopolítica, mecanismo de poder que define o “homem-espécie” - o corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (1988, p. 152). Baseando-se nessa lógica, o biopoder tem o objetivo de gerir as multiplicidades dos homens enquanto massa afetada por processos que são próprios da vida, como o nascimento, a mortalidade, as doenças, etc. É a noção de população: um novo corpo repleto de inúmeras cabeças. Essa tecnologia está centrada em controlar eventos fortuitos dos processos biológicos com a intenção de encompridar e melhor manejar a vida. Assim como a disciplina foi necessária na docilização do corpo produtivo

fábrica, o biopoder foi também muito importante para o desenvolvimento do capitalismo, ao controlar a população e adequá-la aos processos econômicos. “O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento” (Foucault, 1988, p. 154).

Enquanto nas obras de Foucault biopolítica e biopoder são termos sinônimos, nas obras de Negri e Hardt são conceitos antagônicos, porém complementares. Como analisa Sobral (2002, p.27), “Negri e Hardt definem que o Biopoder, ou a vida como objeto do poder, é o novo paradigma produtivo, é a forma de funcionamento imperial não apenas na sua gestão política, mas econômica, social, cultural, perpassando toda a constituição capitalista. O biopoder regula o interior da vida, produzindo-a e reproduzindo-a”, como defendem os próprios autores:

Biopoder é a forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando. O poder só pode adquirir comando efetivo sobre a vida total da população quando se torna função integral, vital, que todos os indivíduos abraçam e reativam por sua própria vontade. Como disse Foucault, “a vida agora se tornou objeto de poder”. A função mais elevada desse poder é envolver a vida totalmente, e sua tarefa primordial é administrá-la. O biopoder, portanto, se refere a uma situação na qual o que está diretamente em jogo no poder é a produção e a reprodução da própria vida. (NEGRI e HARDT, 2000, p.43)

Isto é, para Negri e Hardt, “ambos investem a vida social em sua totalidade – donde o prefixo “bio” em comum -, mas o fazem de formas diferentes. O biopoder situa-se acima da sociedade, transcendente, como uma autoridade soberana, e impõe sua ordem. A biopolítica, em contraste, é imanente à sociedade, criando relações e formas sociais através de formas colaborativas de trabalho” (NEGRI e HARDT, 2005, p.135).

## **II. Gênese, Desenvolvimento e Crise do Capitalismo Tradicional**

Foi lento e completo o processo pelo qual o capitalismo se desenvolveu a partir de uma forma anterior da sociedade de classes – o feudalismo medieval -, bem como a servidão da forma de produção original se transformou em trabalho assalariado (DOBB, 1975). Ao tecer comentários acerca da dissolução da sociedade feudal, Dobb distingue duas importantes fases desta transição: 1- primeiramente, o pequeno produtor obteve sua emancipação, parcial ou completa, das obrigações feudais; 2- em um segundo momento, o produtor foi separado da sua

propriedade dos próprios meios de produção, tornando-se, assim, dependente do trabalho assalariado. Este foi o processo que deu origem à criação do proletariado, a partir da desintegração social e econômica da comunidade de pequenos produtores.

A fase crucial de ascensão do capitalismo é a chamada Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra do século XVIII – quando uma série de inovações técnicas transformou o processo de produção, transferindo-o da casa ou da oficina artesanal para a fábrica -, tornando-o um processo coletivo. Foi essa a transformação que se constituiu no ponto de partida para a industrialização, depois da qual a acumulação de capital e a expansão econômica adquiriram grande aceleração (DOBB, 1975).

Nesse contexto, a empresa familiar cedeu lugar à sociedade anônima e acabou desencadeando um processo natural do capitalismo: a concentração dos capitais.

Às empresas baseadas em seu caráter familiar, sucederiam as grandes empresas com base em sociedades por ações. Ao capital familiar sucederia um primeiro indício de “capital social”. Ao autofinanciamento baseado em acumulações privadas preferencialmente agrárias ou comerciais sucederia o império das grandes entidades bancárias. E com ele se generalizariam práticas que seriam determinantes da fisionomia deste capitalismo característico da segunda metade do século XIX, como, por exemplo, o sistema de créditos. (CATANI, 1980, p.56)

Na era da estrada de ferro, coexiste o caráter competitivo da livre empresa com as tendências concentracionistas características do chamado “capitalismo tardio”, marcado pela tendência para oligopólios e monopólios, bem como pela debilitação da livre concorrência. Esta é, entretanto, a fase mais criativa do capitalismo, uma vez que consagra o ideal de progresso científico e tecnológico. O fim do século XIX é um período de consolidação das principais características desse “capitalismo tardio”: o surgimento de oligopólios e monopólios como formas concentradas que unificam o esforço empresarial e abrandam o caráter competitivo com o objetivo de aumentar o próprio lucro, limitar a produção e subir os preços.

Pode-se perceber que, a partir de então, o monopólio não exclui a concorrência, mas modifica sua forma. Em lugar da concorrência de preços do século XIX, travam-se guerras publicitárias. Pode-se afirmar que a principal inovação da tecnologia nesta forma de capitalismo está no campo da eletrônica e da informática, por meio da criação dos computadores. Se a máquina substitui a força humana, o computador substitui as operações cerebrais mais fatigantes.



Como já foi dito anteriormente, a ferocidade concorrencial presente no regime capitalista acaba por determinar vitoriosos aqueles que criarem melhores condições de produção. Nessa lógica competitiva, surge a vocação monopolística, que visa o domínio de mercado por meio do aumento do próprio lucro, limitando a produção e aumentando os preços – prática que não exclui a concorrência, mas a modifica. Uma das formas mais completas de monopólio se dá na fusão de algumas empresas numa só – a grande absorvendo as pequenas.

Em “O Capital”, Marx afirma que, após alcançar certa maturidade, o capitalismo entraria em uma fase crítica, principalmente por conta da sua tendência à concentração do capital e da eliminação do seu princípio original, a concorrência. Dessa forma, o capital terminaria nas mãos de poucos, constituindo o cume estreito de uma pirâmide, em contraposição a uma base piramidal – constituída pela “força de trabalho” – cada vez mais alargada horizontalmente. Marx constatou que o proletariado sofria um progressivo empobrecimento e que somente invertendo a pirâmide seria possível impedir a catástrofe. Em seu entender, era impossível o capitalismo sobreviver de outra maneira, que não fosse uma revolução que levasse a base ao poder econômico e político e que instaurasse um regime de apropriação comunista dos meios de produção. Essa impossibilidade, no entender de Marx, era devido ao caráter contraditório do capitalismo, que socializava o trabalho ao mesmo tempo em que privatizava os meios de produção.

No século XX, o jogo espontâneo do mercado não foi capaz de contornar uma crise que se iniciava, determinando um baixíssimo nível de emprego e, conseqüentemente, uma falta de trabalho generalizada – o que deu origem ao chamado “crack” de 1929, considerado o marco inicial da crise do capitalismo industrial. Após essa breve explanação e historicização da gênese e das mutações sofridas pelo modo de produção capitalista, para este trabalho, vale destacar uma nova forma de capitalismo conhecida como “cognitivo”, que descrevemos a seguir.

### **III. Capitalismo Cognitivo e os Bens Intelectuais**

“Os conhecimentos são bens gratuitos e tão indivisos quanto infinitos” (TARDE)

As mutações sócio-econômicas ocorridas ao longo dos séculos - desde o feudalismo até a crise do capitalismo industrial - deram origem a um novo modo de produção capitalista,

como já dito anteriormente. Trata-se de algo que autores como Lazzarato, Moulier-Boutang e Cocco denominam de “capitalismo cognitivo” - uma nova fase produtiva marcada pela informatização da produção.

Opor um período histórico no curso do qual o valor tinha origem na produção de bens homogêneos e reprodutíveis a um período histórico novo no curso do qual o valor tem origem principalmente na mudança e na inovação (...) Em uma sociedade pós-fordista e cognitiva, é a inovação que se transforma no principal fator de valorização. (PAULRÉ, 2000, p.37)

A característica produtiva dessa “nova economia” será a interatividade, capitaneada pela integração da forma (indústria de *hardware* e eletrônico), do conteúdo (indústria de *software*, cinema, programas televisivos) e da difusão (indústria de telecomunicações e informática). “Quer dizer que a produção cultural e o desenvolvimento das redes de difusão – *networks* – e das tecnologias de *two ways* [interativas] não atravessam somente o mercado de multimídia, mas o conjunto das atividades econômicas” (COCCO, 1995, p.03).

A passagem do fordismo<sup>3</sup> ao pós-fordismo<sup>4</sup> pode ser vista como um marco no modo de produção capitalista, visto que indica a transição de uma lógica de reprodução a uma lógica da inovação, de um regime de repetição a um regime de invenção. Enquanto no período fordista a valorização repousava essencialmente sobre o controle do tempo de reprodução de mercadorias padronizadas, produzidas com tecnologias mecânicas, no pós-fordismo a valorização repousa sobre o conhecimento, sobre o tempo de sua produção, de sua difusão e de sua socialização. Portanto, pode-se afirmar que “a um tempo de repetição opõe-se um tempo de invenção” (Bergson, 1989). Assim, é a própria dimensão cognitiva agora o que importa, seja a cognição resultante dos conhecimentos incorporados à mercadoria, seja aquela sinônimo de processos subjetivos materializados em inúmeras formas de inovações, produzidas através de diversas formas de cooperação social.

A transição para o capitalismo cognitivo é mais do que um momento pós-industrial, mas o projeto de um capitalismo cujo eixo é a indústria, mas o centro da produção é a própria

<sup>3</sup> As principais características do fordismo são a automatização, os princípios de padronização e simplificação. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fordismo> acessado em 22 de março de 2011

<sup>4</sup> Fundamentado na idéia de flexibilidade, o pós-fordismo é um regime de produção que atua com estoques reduzidos, voltando-se para a fabricação de pequenas quantidades, com os objetivos de suprir a demanda do momento exato (*just in time*) e de atender um mercado diferenciado, composto por públicos cada vez mais específicos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-fordismo> acessado em 22 de março de 2011

rede - social e técnica -, o que possibilita um modo de produção amplamente socializado, “baseado, portanto, sobre a comunicação social (esta é que alimenta a inovação, as tecnologias da informação e a chamada economia do conhecimento) de atores flexíveis e móveis” (COCCO, 2002, p.46).

O regime capitalista, no final do século XX, passa a não orientar seus ganhos preponderantemente na energia do trabalho, e sim, no aspecto cognitivo deste, o que obviamente provoca profundas alterações nos papéis, nos processos e no modo de produção econômica – inclusive na maneira como o capitalismo constitui valor às mercadorias. A despesa material de uma mercadoria como o sapato Nike é de 10 a 15%, por exemplo. Entretanto, o seu principal custo advém da política de gestão da marca (o ex-jogador de basquete Michael Jordan chegou a receber anualmente mais do que todos os funcionários asiáticos da marca receberiam no mesmo período de tempo). A política de marketing (*branding*) e as inovações técnicas – ou seja, suas dimensões imateriais – que são adicionadas ao calçado são o que compõem o principal vetor de valorização dessa mercadoria.

À diferença dos meios de produção do industrialismo, o saber agora pode ser reproduzido, praticamente a custo zero, em quantidades ilimitadas. Como realça Jollivet<sup>5</sup>, o verdadeiro trabalho é a atividade da primeira peça, do original. “Isto vale para os programas de *software*, bem como para o conteúdo de saber embutido nos medicamentos”, aponta Gorz (2005).

Essa possibilidade do “custo zero” remete a uma crise na ideia de rendimento decrescente presente na visão econômica do capitalismo industrial. Essa ideia se sustentava na assertiva de que os acréscimos de produção de um bem vão se tornando cada vez menores na medida em que se adiciona mais unidade de determinado fator produtivo, mantendo a quantidade dos restantes fatores produtivos constante.

A noção de bens intangíveis não só deve ser usada para caracterizar os bens informacionais (*software*, por exemplo), mas para denotar como a inovação e a inventividade dão a forma e o valor das mercadorias no capitalismo atual. “É a tradicional separação entre produção e consumo que entra em crise. O paradigma pós-fordista define-se como “paradigma

---

<sup>5</sup> in COCCO et al, 2003

social” exatamente porque o novo modo de produção integra estes dois momentos e faz com que a circulação e a comunicação se tornem imediatamente produtivas”<sup>6</sup>.

Como ressaltam Negri & Hardt (2005), organizar a produção ocorre menos na linearidade das linhas de montagem do que nas relações difusas das redes. A fábrica então é tornada eixo da produção, e não mais seu centro (COCCO, 1997). O capitalismo cognitivo representa assim o paradigma da produção em rede.

“Hoje, em contrapartida, vemos redes por toda parte – organizações militares, movimentos sociais, formações empresariais, modelos de migração, sistemas de comunicação, estruturas fisiológicas, relações lingüísticas, transmissores neurológicos e até mesmo relações pessoais. Não é que não existissem redes anteriormente ou que a estrutura do cérebro tenha mudado. E que a rede tornou-se uma forma comum que tende a definir nossas maneiras de entender o mundo de agir nele. E, sobretudo, da nossa perspectiva, as redes são a forma de organização das relações cooperativas e comunicativas determinadas pelo paradigma imaterial da produção. A tendência dessa forma comum para se manifestar e exercer sua hegemonia é o que define o período” (NEGRI & HARDT, 2005, p.191)

Mas por que falamos hoje de um capitalismo cognitivo se, desde o momento que a produção se industrializou, o conhecimento (como ciência e tecnológica) já era aplicado nas máquinas?

Em uma análise consistente, Enzo Rullani (2004, p.99) responde a essa indagação ao investigar as características e finalidades do conhecimento desde o início do industrialismo. Para o autor, o primeiro conhecimento que foi aplicado na produção industrial era de tipo determinista, pois sua tarefa era “de controlar a natureza através da técnica e os homens através da hierarquia”. Esse conhecimento industrialista impulsionou um notável crescimento da produtividade e dos empregos, mas às custas da neutralização da força viva do trabalho e à sua transformação em atividade mecânica e utilitária. Era um conhecimento objetivo, pois subjugava o homem e a natureza ao domínio da produção de valor ao capital: o conhecimento era as máquinas, os mercados e o cálculo econômico.

Reduzindo o conhecimento a um simples modo de cálculo e de controle técnico, a modernização reprimiu a variedade, a variabilidade e a indeterminação do mundo, para conformá-lo às exigências da produção. [...] A modernidade reduziu e maneira forçosa a complexidade do entorno natural, do organismo biológico, o espírito pensante e da cultura social, às dimensões toleradas pela fábrica industrial. (Rullani, 2004, p.100)

---

<sup>6</sup> Cocco, 2002, p.47

Gorz (2005) denomina o trabalho no capitalismo cognitivo como produção de si, um autoempreendimento. “A pessoa deve, para si mesma, tornar-se uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige ser continuamente reproduzido, modernizado, alargado, valorizado”.

O conhecimento hospedado nas redes sociais torna-se insumo para que haja criações e recriação, que, depois de produzidas, retornam em parte para as mesmas redes de onde saíram suas bases e referências. Isso gera um rendimento em escala sempre crescente: quanto mais se sabe, mais se é capaz de saber. E provoca a intensificação do trabalho imaterial sob a forma de trabalho reticular e cooperativo – porque se processa a partir das capacidades de auto-organização, de comunicação e de cooperação em rede entre os sujeitos.

As novas tecnologias interativas são uma verdadeira ruptura na história das técnicas, pois unem aquilo que sempre esteve separado, a máquina (*hardware*) e a sua programação (*software*). O instrumental e a comunicação. Essa recomposição – para além de todo maniqueísmo manual *versus* intelectual – exprime uma produção que se tornou “criação de usos”, pois o seu instrumento primordial, as tecnologias multimídias e o computador, são metamáquinas relacionais. “O PC em rede é literalmente uma caixa vazia: a metamáquina não tem mais função nem valor-utilidade em si; apenas a maneira como é aplicada e o uso que dela se faz lhe conferem função e utilidade”<sup>7</sup>.

Essa nova fase do capitalismo dissemina que a valorização dos conhecimentos não pode funcionar segundo as mesmas leis que fundamentam a valorização das mercadorias. “Estas leis diferem profundamente daquelas imaginadas pelo pensamento liberal ou marxista em suas respectivas teorias do valor; conseqüentemente, o capitalismo cognitivo funciona de maneira diferente do simples capitalismo” (RULLANI, 2000, p.87).

O conhecimento não é uma mercadoria como as outras (LAZZARATO, 2000); no entanto, até o momento em que estava submetido à lei da repetição e à produção de mercadorias por mercadorias, segundo a lógica de valorização do capital, sua especificidade ficava escondida atrás das mercadorias que o incorporavam. Desincorporados de qualquer suporte material, os conhecimentos desequilibram as teorias do valor, tanto a marxista quanto a neoclássica, recolocando o problema de sua valorização, pois, em virtude mesmo de sua

---

<sup>7</sup> Corsani, 2003, p.2

desincorporação, eles podem ser reproduzidos, trocados, utilizados separadamente do capital e do trabalho (RULLANI, 2000).

Quais são as características específicas que fazem do conhecimento uma mercadoria diferente das outras? Pode-se dizer que sua produção escapa à lei dos rendimentos decrescentes e que eles não são escassos. Sobre o “consumo” de conhecimentos, pode-se dizer que ele não é destruidor, ou seja, o fato de utilizar conhecimentos não implica o esgotamento de sua utilidade ou sua degradação. Ao contrário, a utilização de um conhecimento é uma atividade criadora, pois o conhecimento evolui com o uso que se faz dele. Quanto à “troca”, ela não constitui perda nem sacrifício – na verdade, o termo “troca” é apenas uma metáfora, pois aquele que fornece um conhecimento não fica por isso privado dele (CORSANI, 2003).

Em um mundo de produção de mercadorias por mercadorias, no qual o conhecimento é incorporado em alguma coisa, os direitos sobre a propriedade intelectual (patentes, licenças) constituem um vetor importante de difusão e de socialização dos conhecimentos, pois, em sua ausência, o processo seria muito mais longo e custoso. Entretanto, em um mundo de produção de conhecimentos por conhecimentos isso não acontece: o conhecimento, desmaterializado, não tem nenhum valor fora da troca – ou seja, só tem valor se for “trocado”, ou seja, quando se difunde (CORSANI, 2003, p.29).

Nesse contexto, pode-se afirmar que, se o “motor” da acumulação do capital foi baseado no positivismo científico que “recolheu, no século passado, a herança das Luzes, e inscreveu o saber na reprodutibilidade” (RULLANI, 2000, p.88), o motor da acumulação de conhecimentos baseou-se no poder de forças sociais que constituiu o saber na invenção e na cooperação livre.

A apropriação social das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) tem papel fundamental nessa lógica da cooperação. Isso porque, segundo definição de Corsani, podemos considerá-las como um sistema integrado de suportes ou de meios criado com a finalidade de servir, no consumo, à realização de um conjunto indeterminado de atividades. Portanto, as NTIC auxiliam essa cooperação horizontal, que amplia graças à multiplicação e à interconexão das redes virtuais, possibilitando a cooperação social – esta, por sua vez, não pode ser submetida à disciplina da fábrica nem ficar fechada na empresa e submetida a seu controle hierárquico.

Irredutíveis aos conhecimentos tecnológicos, os conhecimentos produzidos e valorizados no capitalismo cognitivo são, de maneira enredada, conhecimentos científicos, técnicos, artísticos, ideológicos, e isso por duas razões. Inicialmente porque sua produção se

faz em locais exteriores à fábrica. Em segundo lugar, as NTIC, produto de consumo e ferramentas de trabalho ao mesmo tempo, não têm uso em si; sua função, seu uso é construído, inventado pelo usuário.

Graças às NTIC, os conhecimentos podem circular independentemente do capital e do trabalho. Porém, ao mesmo tempo, esses conhecimentos nascem e se difundem por heterogêneses - ou seja, ao longo de trajetórias desenhadas por aportes criativos cumulativos, cooperativos e largamente socializados - nos contextos de produção e de uso.

Numa releitura da obra de Gabriel Tarde, Lazzarato explica que todo bem se transforma em mercadoria, e toda atividade é submetida, cada vez mais, ao domínio da moeda. Mas, ao mesmo tempo em que “a riqueza das sociedades nas quais reina o modo de produção capitalista aparece como uma gigantesca coleção de mercadorias” (MARX, 1993, p.39), “os conhecimentos e as afeições se prestam cada vez menos a este gênero de avaliação” (TARDE, 1902, p.296). Estaríamos vivendo, portanto, o início da queda do regime capitalista de acumulação?

Segundo o autor, mercadorias e conhecimentos têm propriedades essenciais opostas. Enquanto as mercadorias são “tangíveis, apropriáveis, cambiáveis e consumíveis”, os conhecimentos são “inteligíveis, inapropriáveis, não-cambiáveis e inconsumíveis”. Lazzarato defende que os economistas e socialistas negligenciam o estabelecimento desta diferença, pois geralmente os conhecimentos são automaticamente “incorporados” ao trabalho e ao capital, ficando subordinados a essas duas instâncias.

Ao tratar o conhecimento como bem inapropriável, Tarde reforça a já mencionada teoria de Corsani, ao dizer que o conhecimento não precisa ser “propriedade exclusiva” de alguém para que possa ser trocado e satisfazer uma necessidade. Já as mercadorias são bens “divisíveis”, portanto só podem ser “minhas” ou “suas”, e as tentativas de colocá-las em um lugar comum fracassam diante da “natureza do objeto”. O autor defende, ainda, que o acesso a um bem é mais importante que sua aquisição e posse.

Dizer que o conhecimento é “não-cambiável”, significa, para Tarde, que aquele que transmite conhecimentos não os perde, não se desfaz deles ao compartilhá-los. Sendo assim, pode-se dizer que a transmissão de um conhecimento em nada empobrece aquele que o possui; pelo contrário, sua disseminação contribui para aumentar o valor próprio do conhecimento.

“É por metáfora ou abuso de linguagem que se diz de dois interlocutores que eles trocam suas ideias ou admirações. Troca, em matéria de luzes [conhecimentos] e de belezas, não quer dizer sacrifício: significa mútua expansão por reciprocidade de dom, mas de um dom absolutamente privilegiado, que nada tem em comum com aquele das riquezas. Aqui, o doador se despoja ao dar; em matéria de verdades, e também de belezas, ele dá e retém ao mesmo tempo” (TARDE, 1902, p.79)

No caso dos bens imateriais, “consumiríamos nossas crenças ao pensar nelas e as obras-primas que admiramos ao olhá-las” (TARDE, 1902, p.89). O consumo não é destrutivo, mas criador de outros conhecimentos.

A regra, em matéria de livros, é a produção individual, ao mesmo tempo em que sua propriedade é essencialmente coletiva, pois a “propriedade literárias” só tem sentido individual se as obras são consideradas como mercadorias, e a idéia do livro só pertence ao autor com exclusividade antes de ser publicada, isto é, quando ainda é estranha ao mundo social. Inversamente, a produção de mercadorias torna-se cada vez mais coletiva e sua propriedade permanece individual e o será sempre, mesmo que a terra e os capitais sejam “nacionalizados”. (TARDE, 1902, p.92)

No contexto das mudanças sócio-econômicas descritas neste trabalho, a elaboração da “filosofia do ter”, segundo os princípios do individualismo possessivo, é radicalmente abalada, pois os conhecimentos não necessitam, como as mercadorias, ser propriedade exclusiva de alguém para que sejam produzidos e trocados. Para Tarde, é impossível comandar e ditar as modalidades de produção de conhecimentos e de socialização dos conhecimentos segundo a lógica capitalista, pois a natureza da atividade subjetiva e a “natureza do objeto” implicam a “livre” produção e a “livre” socialização dos conhecimentos. Isso porque são “quantidades sociais” produzidas e reproduzidas pelo “trabalho intelectual”.

Em resumo, pode-se afirmar que, atualmente, a produção torna-se fortemente marcada pelo comunal, isto porque todo conhecimento carrega consigo a sua natureza coletiva e comunitária. Assim, uma inovação na química fina para a indústria, a alteração de um processo de trabalho para uma indústria automobilística ou ainda uma nova função (como serviço) no celular para a indústria das telecomunicações, são fatos que têm em comum a existência da inovação no núcleo da construção de novos valores sociais e econômicos. A inovação é permanentemente desenvolvida por comunidades, que, por conseguinte, devem suas invenções aos saberes sociais inscritos no tecido social.



#### IV. Multidão, Comum e Resistência em Negri e Hardt

O comum baseia-se na comunicação entre singularidades e se manifesta através dos processos sociais colaborativos da produção. (NEGRI & HARDT)

A multidão é o único sujeito social capaz de realizar a democracia, ou seja, o governo de todos por todos. (NEGRI & HARDT)

No texto *O Império e a Resistência*<sup>8</sup>, Simone Sobral (2010) faz uma releitura do livro *Império* – de Negri e Hardt – a fim de explicar os fenômenos de resistência e luta frente ao modo de produção capitalista. Foucault defende a tese de que a resistência é anterior ao poder: “a resistência vem pois em primeiro, e ela é superior a todas as forças do processo; ela obriga, sob seu efeito, as relações de poder a mudarem. Eu considero pois que o termo ‘resistência’ é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica”. (FOUCAULT, *Ditos e Escritos*, IV, p.741) Na perspectiva de análise contemporânea de Antonio Negri e os chamados operaístas<sup>9</sup>, resistir, portanto, à expropriação desse comum é impedir a expropriação da linguagem e da cooperação social. Como analisam Negri e Hardt (2005, p.257):

“Só podemos nos comunicar com base em linguagens, símbolos, ideias e relações que compartilhamos, e por sua vez os resultados de nossa comunicação constituem novas imagens, símbolos, ideias e relações comuns. Hoje essa relação dual entre a produção e o comum – o comum é produzido e também é produtivo – é a chave para entender toda atividade social e econômica”. (2005, p.257)

Assim, quando o produto da cooperação entre cérebros torna-se comum, tem-se uma garantia para que a riqueza cognitiva seja expandida. O espaço da produção em comum (*commons*) torna-se um espaço liso – um espaço aberto a todas as travessias e modificações (BLONDEAU, p.17, 2004) – em que não está presente nem o sistema mercantil de concorrência, nem a soberania antiga e burocrática do Estado. A esse sistema o comando capitalista responderá com a privatização do próprio comum – equivale dizer transformá-lo em raridade - consubstanciada na ampliação das patentes e da propriedade intelectual das formas de vida que constituem o comum - a cultura, o pensamento, o conhecimento etc. -, fator

<sup>8</sup> Livro *O Trabalho da Multidão*. Org.: Anelise Pacheco, Giuseppe Cocco, Paulo Vaz.

<sup>9</sup> O operaísmo é corrente franco-italiano que analisa as transformações dos modelos de acumulação econômica, mostrando fundamentalmente, que a crise aberta pelo Maio de 68 liberou as forças sociais não somente para contestação dos valores culturais, mas também para não aceitar o modo fordista de produção, estruturado na repetição e no automatismo como condições da produtividade humana. O operaísmo italiano torna o movimento da classe uma variável que independe da relação de capital para se constituir. O operaísmo vai, portanto, releer o próprio marxismo virando-o do avesso: são as lutas o motor de qualquer desenvolvimento. —São as lutas, dentro e contra o comando capitalista, que fazem a história, insiste Negri.)

econômico produtivo da cultura colaborativa das redes, ou seja, os verdadeiros meios de produção de nossa época. Quanto mais se aumenta o regime das patentes, menor é a capacidade produtiva do trabalho em produzir futuras inovações.

Os direitos sobre a propriedade intelectual intervêm então para assegurar àquele que a detém uma frenagem do processo de socialização. Todavia, os conhecimentos desmaterializados se enriquecem permanentemente com os aportes criativos, ao longo de todo o seu processo de difusão/socialização. E é justamente este processo que assegura uma dinâmica de crescimento de riquezas. Consequentemente, os direitos sobre a propriedade intelectual introduzem um princípio de raridade em um mundo possível da não-raridade (BLONDEAU, 2004, p.30).

Como aponta Sobral (p.30, 2010) Negri e Hardt defendem que “no contexto biopolítico do Império, porém, a produção de capital converge progressivamente com a produção e reprodução da própria vida social; dessa maneira, torna-se cada vez mais difícil manter distinções entre trabalho produtivo, reprodutivo e improdutivo. O trabalho – material ou imaterial, intelectual ou físico – produz e reproduz a vida social, e durante o processo é explorado pelo capital” (2001: 426).

Negri e Hardt escrevem: a realidade imperial é definida por crise. A crise é a rotina desse tipo de comando, é sua forma operatória e não um momento pontual. O poder aqui não é algo que vai ser adquirido *a posteriori*, ou algo externo à constituição do indivíduo, mas um ato de liberdade (constituente) ou de comando (constituído). A saída estaria não em uma lógica assentada no modelo dialético, mas na resistência, na luta, na produção livre de uma outra subjetividade, no ultrapassamento do comando e do controle (SOBRAL, p.40, 2010).

O conceito de multidão<sup>10</sup> é de fundamental importância para o estudo do processo comunicacional na contemporaneidade. Isto porque, como um conjunto de singularidades cooperantes, a multidão é a expressão da multiplicidade de subjetividades que compõe a sociedade – subjetividades estas produzidas por meio da comunicação e da cooperação. Negri e Hardt (2005) definem que a multidão é composta de um conjunto de singularidades, isto é, um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade; que mesmo se mantendo múltiplo, não se pode definir como fragmentado, anárquico ou incoerente. Isto porque sua constituição e ação não se baseiam na identidade ou na unidade, mas naquilo que

---

<sup>10</sup> O conceito de multidão foi cunhado por Antonio Negri e Michael Hardt e como definem os próprios autores: —A multidão é um sujeito social ativo, que age com base naquilo que as singularidades têm em comum

tem em comum. Os autores defendem, ainda, que —as singularidades interagem e se comunicam socialmente com base no comum, a sua comunicação social por sua vez produz o comum. A multidão é a subjetividade que surge dessa dinâmica de singularidade e partilha (2005, p.258). Ou seja, que o processo de produção encontra seus pilares na comunicação e na colaboração por meio da ação comum.

Para Negri e Hardt, há diferenças entre os conceitos de multidão e povo. O povo é uno ao sintetizar e reduzir diferenças sociais a uma identidade. Por esse motivo, tradicionalmente é o povo quem governa como poder soberano e não a multidão – afinal, inicialmente só o que é uno pode governar, seja o monarca, o partido, o povo ou indivíduo. Para explicar essa premissa, os autores metaforizam esse governo uno a partir do corpo humano: forma-se um corpo político dotado de uma cabeça que governa, membros que obedecem e órgãos que auxiliam e dão sustentação ao governante. Negri e Hardt defendem que o conceito de multidão desafia esta metáfora, porque —a multidão é carne viva que governa a si mesma (NEGRI). Dessa maneira, pode-se afirmar que a multidão é o único sujeito social capaz de realizar a democracia – governo de todos por todos.

Tal como a carne, a multidão é pura potência, ela é a força não formada da vida, um elemento do ser. Como a carne, a multidão também se orienta para a plenitude da vida. O monstro revolucionário chamado multidão que surge no final da modernidade busca continuamente transformar nossa carne em novas formas de vida (NEGRI, 2002)

Negri e Hardt definem que o Biopoder, ou a vida como objeto do poder, é o novo paradigma produtivo, é a forma de funcionamento imperial não apenas na sua gestão política, mas econômica, social, cultural, perpassando toda a constituição capitalista. O biopoder regula o interior da vida, produzindo-a e reproduzindo-a. No funcionamento do Biopoder, a esfera da reprodução social é tornada produtiva, totalmente submetida ao capital. No Império, a produção e a vida são coetâneas e coincidentes (SOBRAL, p.28, 2010).

Segundo a autora, em Império, Negri e Hardt identificam a vida produtiva da multidão como a nova figura do corpo biopolítico coletivo: “as massas revoltadas, seu desejo de libertação, suas experiências com a construção de alternativas e suas instâncias de poder constituinte apontaram, em seus melhores momentos, para a internacionalização e globalização das relações, para além das divisões de mando nacional, colonial e imperial. Em nossa época, esse desejo posto em movimento pela multidão foi atendido (de forma estranha e perversa, mas apesar disso real) pela construção do Império. Pode-se até dizer que a construção do Império e de suas redes globais é uma resposta às diversas lutas contra as modernas máquinas de poder, e

especificamente à luta de classes, ditada pelo desejo de libertação da multidão. A multidão exigiu o nascimento do Império” (2001: 62. apud SOBRAL, p.28, 2010).

De acordo com os autores, assim como Marx assinalou o caráter civilizatório do capitalismo diante dos modos de produção anteriores, a análise do Império como parte do produto das lutas, e não apenas como fruto da “criação” do comando do capital, possibilita a verificação do potencial de libertação da multidão. Isto porque, “os processos de resistência e revolta são o motor que exigem novas configurações e arranjos por parte do capital” (SOBRAL, p.29, 2010).

Na soberania imperial, o poder possui a característica virtual de onipresença, de estar sempre em tudo e não repousar fixamente em nada ou, ainda, “ele está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar” (2001: 210). No Império, o diagrama do poder não tem um de-fora, trata-se de sua dominação em todos os corpos.

Sobral (2010) explica a epígrafe de Negri e Hardt - “a resistência nasce da deserção”: deserção significa abandono, fuga, esta teria como primeiro movimento a recusa a uma forma de vida, no caso, ao modelo de vida gerido pelo capital. Segundo os autores, é preciso propor uma alternativa global, pois, as saídas individuais e locais são falíveis no contexto imperial. Em contrapartida, retroceder o movimento do capital, desglobalizando-o com fortes estruturas estatais que garantam o bem comum, é retroceder a luta.

A mobilidade da força de trabalho apresenta-se como resistência à disciplina e não somente como consequência da expansão do mercado mundial; esse processo não pode ser visto unicamente como resultado natural da subordinação imposta pelo capital, mas principalmente como uma recusa, ou melhor, um desejo de libertação dos trabalhadores.

A recusa da multidão não é negativa, “seu ser contra é um ser a favor” (2001: 383 apud SOBRAL, 2010). O campo ontológico da multidão que luta para transformar a mobilidade da população em liberdade é um movimento positivo e plural de construção de subjetividades que recusam as imposições das fronteiras e do mercado para a criação do lugar comum sem homogeneidades ou purezas, mas miscigenado e sem barreiras<sup>11</sup>.

Segundo os autores, a força para a construção da nova vida encontra-se na “experiência comum das novas práticas produtivas e a concentração de trabalho produtivo no terreno

---

<sup>11</sup> (SOBRAL, p.35, 2010).

plástico e fluido das novas tecnologias de comunicação, biológicas e mecânicas” (2001: 237-238, apud SOBRAL, 2010)

Segundo Negri e Hardt, a crise capitalista não pode ser analisada apenas em termos de uma função inerente a esse sistema de produção, ou dentro da teoria dos ciclos, mas é produto direto da luta de classes, do conflito proletário. A recusa à disciplina fabril e ao tipo de trabalho que lhe é correspondente não só gerou conflitos de ordem econômica, mas também atingiu a estrutura política do comando do capital à medida que os movimentos, no seu processo de recusa, criaram outras formas de vida através de novas práticas coletivas. “Esse movimento de recusa ao trabalho, realizado durante as décadas de 60 e 70, obteve resposta do capital” (SOBRAL, p.36, 2010).

A respeito do poder do proletariado, o que fundamentalmente os autores explicitam é que “a história das formas capitalistas é sempre, necessariamente, uma história reativa” (Negri e Hardt, p.289, 2000). O capitalismo, escrevem Negri e Hardt (2000), “só se submete a transformações sistêmicas quando é obrigado, e quando o regime atual torna-se insustentável”. Segundo os autores, “o poder do proletariado impõe limites ao capital, e não apenas determina a crise, mas também dita os termos e a natureza de transformação. O proletariado ‘inventa, efetivamente, as formas sociais e produtivas que o capital será forçado a adotar no futuro’” (2001: 189 apud SOBRAL, p.36, 2010)

De acordo com Negri e Hardt, na passagem para a pós-modernidade, “o trabalho aparece simplesmente como o poder de agir, que é ao mesmo tempo singular e universal: singular na medida em que o trabalho tornou-se domínio exclusivo do cérebro e do corpo da multidão; e universal na medida em que o desejo que a multidão expressa no movimento do virtual para o possível é constantemente constituído como uma coisa de todos (2001: 380 apud SOBRAL, p.38, 2010)

Em Império, o trabalho imaterial é a força produtiva dominante – o conceito de trabalho imaterial já foi citado no tópico III deste capítulo. Nessa espécie de imenso confinamento totalizador, o indivíduo produtivo não é só aquele que está dentro da fábrica, os indivíduos como sujeitos produtivos integram se numa complexa tríade: indivíduos sociais-produtores-produtos (id: 2001:408). Porém, essa nova forma hábil e difusa de organização do capital não desapareceu com os antagonismos e lutas contra a exploração.

Negri e Hardt analisam o poder criativo do desejo: “O biopolítico, visto da perspectiva do desejo, não é mais do que uma produção concreta, coletividade humana em ação. O desejo aparece aqui como espaço produtivo, como a realidade da cooperação humana na construção da história” (2001:401 apud SOBRAL, p.40, 2010)

Em duas palavras, o desejo é criativo e generativo. Diante dessa perspectiva, tem-se o que pode ser a força coletiva do desejo. Corrupção do capital: a corrupção empregada pelo capital é a responsável pela desvinculação entre o ato produtivo – enquanto gerador de sociabilidade e pertença no mundo – e o desejo, reduzindo a produção à repetição e subordinando-a ao poder constituído. Essa corrupção funciona, também, através da ideologia e do discurso de segurança e proteção frente ao terror. Seu alvo é a multidão, com fins a reduzi-la a uma massa homogênea ou mônadas que nunca se encontram. A corrupção age para obstruir toda expansividade e intensidade da multidão, quer dizer, “é comando dirigido para destruir a singularidade da multidão mediante sua unificação coercitiva e/ou sua segmentação cruel” (2001:414 apud SOBRAL, p.41, 2010)

O processo de luta contemporâneo não tem um de-fora revolucionário, a cooperação produtiva da multidão é imanente não devendo nada ao capital ou à transcendência do Estado. “A multidão não tem necessidade de buscar fora de sua história e de seu poder produtivo atual os meios capazes de levá-la para a sua constituição como sujeito político” (2001:420 apud SOBRAL, p.41, 2010)

Os processos de resistência do século XX, sempre segundo Negri e Hardt, fizeram mais que mostrar o caráter civilizatório do capitalismo. O movimento migrante da multidão, muitas vezes provocado de forma violenta, constrói novos lugares de liberdade, desejo e autonomia no seu processo de resistência.

A conjugação do que Negri e Hardt chamam de “cidadania global”: é o direito à autonomia, ao preceito básico de ir e vir, ou ficar e permanecer. “o direito geral de controlar seu próprio movimento é a demanda definitiva da cidadania global” (2001:424 apud SOBRAL, p.42, 2010)

Num mundo onde o trabalho é imediatamente produtivo e fruto da ação coletiva de cooperação de corpos e cérebros no conjunto da vida, a distribuição de renda entre todos torna-se uma possibilidade e, ao mesmo tempo, uma exigência política imposta pela multidão. Nesse

caso, o trabalho ganha nova e poderosa centralidade – na medida em que o corpo da multidão conjuga de modo comum a política, o social e o econômico (SOBRAL, p.43, 2010).

## ***INTERMEZZO I***

### ***A RESISTÊNCIA E AS LUTAS DO COMUM***

Negri e Hardt nos oferecem uma ferramenta que nos impede de separar a luta da classe. A subjetividade inventiva da força de trabalho que impeliu o capital a se transformar não partiu apenas do chão da fábrica ou do movimento sindical. Vários outros tipos de movimentos sociais, reconhecidos como ações de contracultura (movimento dos negros, feministas, estudantil), serviram para criticar o regime disciplinar distribuído em toda esfera social (SOBRAL, p.37, 2010).

Os movimentos sociais das décadas de 60 e 70 serviram para transformação da força de trabalho e da produção capitalista com ações políticas que afirmaram como valor a mobilidade, a flexibilidade, o conhecimento, a comunicação, a cooperação, o afetivo – aqui, encontra-se relação direta com o conceito de trabalho imaterial – conceito já citado no tópico III do capítulo anterior.

Como todas essas análises, os autores reafirmam a tese de que a resistência vem de baixo e é anterior ao poder: “a passagem da fase de aperfeiçoamento do regime disciplinar à fase sucessiva de mudança do paradigma de produção foi impulsionada, de baixo pra cima, por um proletariado cuja composição já tinha mudado. O capital não precisou inventar um novo paradigma (mesmo que fosse capaz disso) porque o momento realmente criativo já tinha ocorrido” (2001: 296 apud SOBRAL, p.38, 2010).

A força do trabalho encontra-se hoje nesse excesso sempre produtivo. Como explicam os autores, não se trata apenas de constatar a centralidade do trabalho na constituição da luta, mas afirmá-lo como um poder virtual – “por virtual entendemos o conjunto de poderes para agir (ser, amar, transformar, criar) que reside na multidão” (2001: 379 apud id, p.38, 2010)

É o movimento da multidão que obriga o poder a estar em toda a parte, quer dizer, a “vitalidade” do poder capitalista é resultado de uma relação parasitária e arriscada de luta, em que “o funcionamento do poder imperial está inelutavelmente ligado ao seu declínio” (2001:389).

O movimento das lutas desenha uma espiral capaz de criar novas maneiras de viver que não o *bios* gerido pelo capitalismo. A urgência e as metamorfoses incessantes do capitalismo devem-se, principalmente, à própria luta: a organização de seu comando é resposta ou



rearticulação do desejo das lutas. Nesse caso, o onde é móvel, o *locus* privilegiado multiplicou-se, espalhou-se, não só deixando a sensação de estarmos todos num imenso confinamento, mas também disseminando as possibilidades de resistência (SOBRAL, p.30, 2010)

O solo onde se erguem as redes de dominação é o mesmo onde se dá o movimento de revitalização provocado pelas lutas. Na constituição imperial não existe um de fora – isto é, na transição para o Império, dentro e fora são muito próximos, quase sem distinção. Não existem, portanto, iluminados, escolhidos, ungidos, ou aqueles que portam uma consciência revolucionária. Talvez, nesse sentido, o termo multidão seja tão preciso para afirmar os atores da luta. Está-se dentro e contra o controle, a luta opera internamente, ela é imanente à constituição do Império.

A autora propõe uma questão: como lutar nessa realidade espacial em que dentro e fora pouco ou nada se distinguem? Negri e Hardt explicam que “a moderna dialética do dentro e do fora foi substituída por um jogo de graus e intensidades, de hibridismo e artificialidade” (2001: 207), sem separação entre público e privado, sem distinção entre natural e social, em que a subjetividade integra-se como produto das forças sociais: subjetividades fabricadas socialmente (SOBRAL, p.31, 2010).

Negri e Hardt utilizam-se de três conceitos para ilustrar o movimento da luta: deserção; êxodo; e nomadismo. Entretanto, não os utilizam de modo negativo – respectivamente como abandono, coação e a figura do errante. A apropriação desses conceitos pelos autores se dá da seguinte maneira, como explica Sobral (2010) o nomadismo é tratado como mobilidade libertária, que ultrapassa as fronteiras enquanto dispositivos de controle; a deserção, como fuga, como movimento de inscrição de outros percursos que não os do comando imperial; o êxodo, como esperança de novas condições de vida.

O final do século XX presenciou várias formas de lutas e resistências. Lutas imediatas cujas raízes não se encontram porque estão em um solo movediço. Lutas intensas porque atingem o funcionamento biopolítico do capital. No Império, o sujeito da revolta continua sendo o proletariado, mas entendido diferentemente “como uma vasta categoria que inclui todo trabalhador cujo trabalho é direta ou indiretamente explorado por normas capitalistas de produção e reprodução, e a elas subjugado” (2001:71) – definição de proletariado por Negri e Hardt.

Para o marxismo também são as lutas – no caso, as proletárias -, o motor da história. Nesse corpo teórico, o trabalho está dentro e fora do capitalismo, ele o alimenta e opõe num jogo dialético que pretende a superação desse modo de produção: Explora-se e domina-se não apenas aquele que está inserido no processo produtivo *stricto sensu*, mas opera-se na própria “capacidade universal de produzir, isto é, atividade abstrata e seu poder inclusivo” (2001: 229 apud id, p.32, 2010).

Presença misteriosa, variável e constante, o diagrama imperial de poder não disciplina a multidão num rígido confinamento, embora a técnica disciplinas sobreviva, sua organização faz-se através do controle: “do ponto de vista econômico, o regime salarial é substituído, como uma função de regulamentação, por um sistema flexível e global; o comando normativo é deslocado pelos procedimentos de controle e pela polícia; e o exercício de dominação é formado através das redes de dominação” (2001: 231 apud SOBRAL, p.33, 2010).

E a autora atenta para o perigo deste novo mecanismo de poder - a dificuldade de atacar a complexa máquina imperial: Deleuze tinha razão quando afirmou que “face às formas próximas de um controle incessante em meio aberto, é possível que os confinamentos mais duros nos pareçam pertencer a um passado delicioso e benevolente” (2000: 216 apud id, p.33, 2010).

As virtualidades da multidão trazem as possibilidades (e não as garantias) de sua realização como sujeito político. Esse exercício expansivo articula conhecimento e ser numa interioridade singular que não permite identificá-lo como coisa pública (*res-publica*), mas sim como comum. O objeto ou a coisa pública dependem de uma mediação exterior que os qualifique dessa forma. Mas o comum, o que é de todos constitui-se de forma latente no próprio ato de constituição da multidão<sup>12</sup>.

Enfim, o que Negri e Hardt nos legam é uma analítica que impede dissociar a luta de classe, que possibilita pensar a revolta como constituinte da própria classe. Que proporciona pensar a recusa não apenas como uma negação a um modelo econômico, mas principalmente como vontade e criação de uma nova vida.

---

<sup>12</sup> (SOBRAL, p.41, 2010)

## CAPÍTULO II - As Lutas em Rede

### I. Genealogia da Internet e das Redes Sociais

#### I.1 As raízes embrionárias da Internet

A gênese da internet tem início a partir do trabalho de um homem: Paul Baran. Contratado pela Rand Corporation no final da década de 1950 – considerada um período de transição entre o período de guerras da primeira metade do século XX e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade -, Baran recebeu a missão de desenvolver um sistema de comunicação que sobrevivesse a um ataque nuclear. Analisando os sistemas comunicacionais de sua década, Baran identificou três tipos de rede: centralizada, descentralizada e distribuída.

A rede centralizada segue a lógica da teoria hipodérmica, ou seja, um único nó que se conecta a diversos outros nós, impondo um regime unidirecional de comunicação. Já a rede descentralizada funciona de maneira um pouco diferente: ao invés de um único nó, temos mais nós de distribuição, contudo, ainda há desigualdade na rede, pois são poucos os nós que concentram a maioria das ligações.

Uma rede distribuída, por outro lado, funciona de forma totalmente igualitária: não há uma grande discrepância do número de ligações de cada nó. Embora muitos pensem na Internet como exemplo desse tipo de rede, Barabási (2003) aponta que há uma completa ausência de democracia, justiça e valores igualitários na Web (BARABÁSI, 2003, p. 56). Isto porque, em sua pesquisa, Barabási descobre que a arquitetura da *World Wide Web* é dominada por poucos nós muito conectados, ou *hubs*. Esses *hubs*, tal como Yahoo! ou Amazon.com, são extremamente visíveis para qualquer lugar que se vá, verá um link apontando para eles (2003, p. 58).

Diz-se, então, que a web segue uma lógica do rico fica mais rico. Todavia, segundo as ideias de Baran, um sistema de comunicação que resistisse a um ataque nuclear deveria ser uma rede distribuída, pois, dessa forma o sistema seria redundante o suficiente para no caso de um nó ser destruído, caminhos alternativos possam ser tomados para manter a conexão entre os

outros nós (BARABÁSI, 2003, p. 144). Para colocar esse sistema em prática, era preciso trocar a tecnologia analógica que dominava na época para um sistema digital.

Nasceu, nesse ponto, o embrião da Internet: Paul Baran inventa a comutação por pacote. Sua proposta é de que a informação a ser transmitida seja quebrada em diversos pacotes de tamanho único e, em seguida, esses pacotes seriam enviados por diversos nós. Ao chegar a seu destino, os pacotes seriam remontados, formando, então, a informação inicialmente transmitida. Era uma proposta ousada. Tanto que, a AT&T – empresa que constituía o monopólio das comunicações da época – recusou-se a investir nessa ideia. O projeto de Baran foi arquivado.

Em 1965, preocupado com o gasto excessivo de recursos ocasionado pela falta de comunicação entre os gigantescos e poderosos computadores da agência, Bob Taylor, diretor do programa de computação da ARPA (*Advanced Research Projects Agency* - um centro de pesquisas norte-americano que, embora financiado pelas forças armadas dos EUA, gozava de muita autonomia em seus projetos -, decidiu investir esforços na tentativa de conectar as máquinas. Ressuscitou, então, o projeto de comutação por pacote de Paul Baran. O produto disso muitos conhecem: a Arpanet, o embrião da Internet.

A Arpanet tem sua própria história. Em 1983, foi dividida em MILNET (uma rede mais fechada voltada para ações militares) e ARPA-INTERNET (dedicada à pesquisa acadêmica). Em 1990, foi posta aos cuidados da *National Science Foundation* e renomeada para NSFNET. Em 1995, a NSFNET se extinguiu, possibilitando a operacionalização privada da Internet. Contudo, a Internet não é resultado do desenvolvimento da Arpanet apenas. Concomitante ao desenvolvimento da Arpanet, outras redes de computadores foram criadas fora do regime militar. No final da década de 1970, surgiram diversas redes BBS (bulletin board systems), que permitiam a transferência de arquivos entre computadores pessoais. Esse tipo de rede operava com *softwares* gratuitos, geralmente criados por estudantes e liberados para o domínio público. Graças a essa prática, foi possível a criação da FIDONET, uma rede que interligava as redes de BBS.

Ainda fora da espinha dorsal da Arpanet foi desenvolvida uma outra importante rede. Era comum os departamentos de informática das universidades utilizarem o sistema operacional UNIX. Com a intenção de fazer os computadores UNIX trocarem arquivos foi criado o programa UUCP (UNIX-to-UNIX copy), dando origem posteriormente a rede Usenet News, na qual os usuários trocavam experiências sobre manipulação do código UNIX.

A Internet nasceu a partir da comunicação da Arpanet com outras redes, formando, então, uma rede de redes. Inicialmente, tentou-se conectar a outras redes da ARPA. Em seguida, tentou-se cruzar o Atlântico e conectá-la a outras redes de pesquisa na Europa. Porém, para tanto, seria preciso unificar a linguagem com que os computadores iriam se comunicar, ou seja, era preciso um protocolo padrão: surge assim o TCP/IP. Contudo, a Internet gráfica como a conhecemos não existia. O que existia até então eram programas para compartilhamento de arquivos: era isso que se entendia por comunicação entre máquinas.

O que permitiu à Internet abarcar um alcance global foi a criação da *www*, do programador inglês Tim Berners-Lee. A invenção deu corpo a uma série de projetos utópicos desenvolvidos desde a década de 1940 que visionavam uma revolução na organização da informação: o hipertexto. Berners-Lee também liberou sua invenção para o domínio público, permitindo o aprimoramento de sua tecnologia e o desenvolvimento de aplicativos auxiliares.

Em meados da década de 1990, a Internet já estava privatizada para o uso civil e dotada de uma estrutura aberta para novas invenções. A junção de três fatores, portanto, foram fundamentais para emergir a Internet: a alta verba de financiamento para centros de pesquisa (princípio tecnológico) possibilitada pelo contexto político armamentista da Guerra Fria (princípio político) somado a reminiscência libertária da década de 1960 (princípio social)<sup>13</sup>.

## **I.2 A cultura da internet: dos portais às timelines**

Antonio Negri e Michael Hardt, em seu livro *Império*, afirmam que este período de gênese da Internet – que se convencionou chamar de pós-modernização -, seria o terceiro momento de uma sucessão de paradigmas econômicos definidos pelo setor dominante da economia num dado período histórico: o primeiro desses paradigmas se constitui no período no qual a agricultura e a extração de matérias-primas dominaram a economia; um segundo, no momento no qual a indústria e a fabricação de bens duráveis ocuparam posição privilegiada; e um terceiro – e atual – paradigma, no qual a oferta de serviços e o manuseio de informações estão no coração da produção econômica (NEGRI, 2001).

---

<sup>13</sup> WAICHERT, Thalles. Cartografia da Blogosfera. Uma Abordagem sobre a Produção de Sociabilidade, Linguagem e Subjetividade nos Blogs. 2008, disponível em: <http://thalles.blog.br/wp-content/uploads/2010/11/TCC- THALLES-FORMATADO-FINAL.pdf> )

Os processos de informatização da produção que tem ocorrido desde o início do período pós-industrial acarretaram numa série de transformações que redefiniram grande parte dos elementos do plano social. Como já dito anteriormente, a informação tornou-se a mercadoria de maior valor, tornando, dessa maneira, a estrutura e a administração das redes de comunicação condições essenciais para a produção da economia informacional.

O surgimento da Internet trouxe grandes implicações ao processo de produção de informação, visto que se caracteriza por um conglomerado de redes - ligadas em escala mundial por milhões de computadores - que funcionam como superestradas da informação. O modo de estruturação dessas redes se baseia na lógica rizomática, desenvolvida por Deleuze e Guatarri, caracterizada como um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados, como um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE, 2004). Ou seja, nenhum ponto da rede é fundamental para que os outros pontos se comuniquem, característica que faz da Internet um sistema carregado de um devir democratizador, de difícil regulamentação e coibição no trânsito das informações.

Essa aparente liberdade proporcionada pela Internet acarreta uma série de mudanças culturais nos modos de comunicação entre os indivíduos. Para Pierre Lévy, três princípios norteiam o crescimento do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Vamos às explicações sobre cada um deles. A interconexão é o princípio pelo qual a conexão é sempre preferível ao isolamento, uma vez que o que se busca é a comunicação universal. O segundo princípio é um prolongamento do primeiro, pois o desenvolvimento de comunidades virtuais é constituído a partir das afinidades de interesses, de conhecimentos, e de projetos mútuos num processo de cooperação e troca entre os indivíduos – tudo isso independentemente das distâncias geográficas e das afiliações institucionais. Por fim, para Lévy, o ciberespaço propaga a co-presença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional, caracterizando um processo de virtualização do real por meio das interfaces digitais.

Dessa forma, o ciberespaço funciona como suporte da inteligência coletiva, já que é um fator condicional para a sua própria existência. Segundo definição de Lévy, por inteligência coletiva se entende por um novo tipo de pensamento sustentado por conexões sociais viáveis graças à utilização das redes abertas da Internet. Sendo assim, pode-se afirmar que o

ciberespaço não é criador da inteligência coletiva, mas constitui um ambiente propício a sua inserção e articulação.

Ao longo de seu desenvolvimento, a Internet foi marcada por diversas características - que podem ser consideradas fases -, das quais vamos destacar duas neste trabalho: os portais e as *timelines*. Diferente dos sites comuns nos quais se encontra uma gama relativamente pequena de informações, um portal é um site que funciona como centro aglomerador e distribuidor de uma quantidade grande de conteúdo. Os endereços eletrônicos G1.globo.com e r7.com são exemplos de portais de notícias nos quais se concentra uma enorme gama de informações sobre diversos temas, que variam desde esporte, política e economia à celebridades e programação televisiva. Na sua estrutura mais comum, os portais contam com um motor de busca – utilizado para realizar pesquisas por meio de palavras-chave -; um conjunto de áreas subordinadas com conteúdos próprios; uma área de notícias; e um ou mais fóruns de opinião<sup>14</sup>.

Como se pode ver por meio dos exemplos mencionados acima, os portais ainda existem. Contudo, em grande parte dos sites, eles estão cedendo lugar às chamadas *timelines* – linhas do tempo, na tradução para o português. Como o próprio nome já diz, a *timeline* funciona como um sistema cronológico de divulgação de informações, isto é, grosso modo, funciona como uma cascata de conteúdos que se mantém atualizada por meio de novas informações postadas constantemente por diferentes usuários. Exemplo desse mecanismo se vê no Twitter e, mais recentemente, no novo Facebook. A diferença mais marcante entre portal e *timeline* consiste no fato de as *timelines* permitirem uma maior interação entre os usuários e, conseqüentemente, carregarem consigo um maior potencial disseminador de conteúdo.

## II. A Sociedade em Rede segundo Castells

“A rede é uma estrutura comum a qualquer vida; onde vemos vida, vemos redes” (Fritjof Capra apud Castells, p.46, 2004)

Como já dissemos diversas vezes ao longo deste trabalho, no contexto tecnológico atual, a comunicação de massa vai além da mídia tradicional: graças à Internet e dispositivos

---

<sup>14</sup> Fonte: Wikipedia [http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal\\_\(internet\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portal_(internet)) e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Timeline> - acessados em 4 de outubro de 2011

móveis surgiu um novo ambiente comunicativo, a “autocomunicação” de massa, que alterou profundamente as relações de poder. Nasceu assim uma nova relação entre comunicação e poder.

Segundo Castells (p.33, 2004), o que se valoriza e institucionaliza está definido por relações de poder. O poder é a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar de forma assimétrica nas decisões de outros atores sociais de modo que se favoreça a vontade, os interesses e os valores do ator que tem o poder. O poder se exerce mediante a coação e/ou mediante a construção de significado partindo dos discursos. Logo, pode-se dizer que as relações de poder estão marcadas pela dominação

A capacidade relacional significa que o poder não é um atributo mas uma relação – e uma relação assimétrica, o que significa que nas relações de poder sempre há um maior grau de influência de um ator sobre o outro. Entretanto, não há nunca um poder absoluto, um grau zero de influência daqueles submetidos ao poder em relação aos que ocupam posições de poder. Sempre existe a possibilidade de resistência que põe em questão a relação de poder.

Quando a resistência e a rejeição se tornam consideravelmente mais fortes que o cumprimento e a aceitação, as relações de poder se transformam. Para manter sua dominação, aqueles que mantêm o poder devem destruir a capacidade relacional dos atores que resistem, anulando desse modo a própria relação. “Proponho a ideia de que a pura imposição pela força não é uma relação social, já que leva à obliteração do ator social dominado” (CASTELLS, 2004, p.24)

Quanto maior é o papel da construção de significado em nome de interesses e valores específicos na hora de afirmar o poder de uma relação, menos necessidade há de se recorrer à violência. Ao afirmar isso, Castells trata da importância do discurso (para dominar) e da manipulação (CASTELLS, 2004, p.35). Isto porque, segundo as teorias do poder, a violência e o discurso são os dois principais mecanismos de formação de poder.

Weber relaciona o poder com a política e a política com o estado: “uma relação de homens que dominam homens, uma relação apoiada por meios de violência legítima. Para que exista o estado, o dominado deve obedecer a autoridade dos poderes existentes...o instrumento decisivo da política é a violência” (Weber, 1919 p.78 apud CASTELLS, p.35). O que vai ao encontro do que pensa Habermas, que o processo de legitimação é a chave para permitir ao estado estabilizar o exercício de sua dominação (Habermas, 1976 apud CASTELLS, p.35). Já



Weber pensa que o fundamento de todo estado é a força (Weber (1919), 1946, apud Castells, p.77)

O poder para fazer algo, para Hannah Arendt (1958), é sempre o poder de fazer algo contra alguém, ou contra os valores e interesses desse alguém que estão consagrados nos dispositivos que guiam e organizam a vida social. As sociedades não são comunidades que compartilham valores e interesses. São estruturas sociais contraditórias surgidas de conflitos e negociações entre diversos atores sociais. Os conflitos nunca acabam, simplesmente se mantêm graças aos acordos temporários e contratos instáveis que são transformados em instituições de dominação pelos atores sociais que conquistaram uma posição vantajosa na luta pelo poder (CASTELLS, 2004, p.38).

Mesmo que a ênfase esteja na força, a lógica da dominação também pode integrar discursos como formas alternativas ou complementárias de exercício de poder. As instituições estatais (instituições religiosas, universidades, elites intelectuais e até certo ponto os meios de comunicação) são as fontes principais desses discursos. Para desafiar as relações de poder existentes é necessário que haja discursos alternativos (CASTELLS, 2004, p.40).

Geoff Mulgan teorizou sobre a capacidade do estado para assumir e exercer o poder mediante a articulação de três fontes de poder: violência, dinheiro e confiança:

“estas três fontes de poder sustentam o poder político, o poder soberano para impor leis, dar ordens e manter unidos um povo a um território. O estado concentra força mediante seus exércitos, concentra recursos mediante o tesouro público e concentra poder para moldar as mentes, nos últimos tempos mediante os sistemas de educação e comunicação que são os pilares dos modernos estados-nação...Das três fontes de poder, a mais importante para a soberania é o poder sobre as ideias que dão lugar à confiança. A violência só pode usar-se de forma negativa; o dinheiro só pode usar-se de duas formas: fornecendo-o ou retirando-o. Mas o conhecimento e as ideias podem transformar as coisas, mover montanhas e fazer com que o poder efêmero pareça permanente” (Mulgan, 2007, p.27 apud Castells, p.40-41)

Em resumo: se as relações de poder existem em estruturas sociais concretas que se constituem a partir de formações espaço-temporais, e estas formações espaço-temporais já não se situam primordialmente a nível nacional mas são locais e globais ao mesmo tempo, os limites da sociedade mudam. Isso não quer dizer que o estado-nação desapareça. Significa que os limites nacionais das relações de poder são uma das dimensões nas quais operam o poder e o contrapoder (CASTELLS, 2004, p.43).

“O poder não se localiza em uma esfera ou instituição social concreta, mas está distribuído em todo o âmbito da ação humana. (...) O poder é relacional, a dominação é institucional“ (CASTELLS, 2004, p.39). Em vez de buscar limites territoriais, temos que identificar as redes de poder sócio-espaciais (locais, nacionais e globais) que, em sua interseção, configuram as sociedades. (CASTELLS, 2004, p.43). Isto é, a sociedade de rede é formada por configurações concretas de redes globais, nacionais e locais em um espaço multidimensional de interação social (CASTELLS, 2004, p.44).

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. Os nós podem ter maior ou menor relevância para o conjunto da rede, de forma que os especialmente importantes se denominam “centros”. A importância de um nó provém de sua capacidade para contribuir com a eficácia da rede para alcançar seus objetivos, definidos pelos valores e interesses programados nas redes (CASTELLS, 2004, p.45).

As redes processam fluxos. Os fluxos são correntes de informação entre nós que circulam pelos canais que conectam os nós. As redes estão programadas e ao mesmo tempo são autoconfiguráveis. Nas redes sociais, os objetivos e procedimentos são programados pelos atores sociais. A capacidade das redes para introduzir novos atores e novos conteúdos no processo de organização social, com relativa independência dos centros de poder, se desenvolveu ao longo do tempo com a mudança tecnológica e mais concretamente com a evolução das tecnologias da comunicação (CASTELLS, 2004, p.48).

Castells defende a existência de três características fundamentais da rede: 1- flexibilidade: as redes podem se reconfigurar em função das mudanças em seu entorno, mantendo seu objetivo mesmo variando seus componentes; 2- adaptabilidade: podem expandir ou reduzir seu tamanho com poucas alterações; e 3- capacidade de sobrevivência: ao não possuir um centro e ser capazes de atuar dentro de uma ampla gama de configurações, as redes podem resistir a ataques a seus nós e códigos, porque os códigos estão contidos em múltiplos nós que podem reproduzir as instruções e encontrar novas formas de atuar (CASTELLS, 2002, p.49).

No começo do século XXI – proliferação de dispositivos portáteis que proporcionam uma capacidade informatização e de comunicação sem cabos. Isso permite que as unidades sociais (indivíduos e organizações) interajam a qualquer momento, de qualquer lugar, dependendo de uma infraestrutura de apoio que administra os recursos materiais em uma rede distribuída de informação (CASTELLS, 2002, p.50).

Uma sociedade de rede é aquela cuja estrutura social é composta de redes ativadas pelas tecnologias digitais da comunicação e da informação baseada na microeletrônica. A sociedade de rede é uma sociedade global, mas vale atentar para o fato de que isso não signifique que as pessoas de todo o mundo participem das redes. Na verdade, até o momento, a maioria não está “inserida nas rede” – aqui, trazer dados e falar da questão da inclusão/exclusão digital. A maioria do mundo ainda não tem acesso à tudo isso que estamos tratando aqui. É preciso atentar a isso.

### III - O Ciberativismo e a Lógica do Compartilhamento

“! Quieto todo el mundo! Tengo 140 caracteres y no dudará en usarlos!”

(@microversos)

O novo ativismo e as novas formas de participação política que estão adotando as sociedades, geram questionamentos que fazemos desde o surgimento dessas novas tecnologias até os dias atuais: o que tem de novo nessas novas formas de ciberativismo?; quais são as circunstâncias em que elas surgem e que as explicam?; que dinâmica seguem?; qual é o papel das tecnologias em tudo isso?; e o papel dos meios de comunicação?; em que posição esses fenômenos deixam as elites tradicionais?; e, finalmente, é real o poder da “sociedade conectada”?

Primeiramente, buscaremos entender o contexto em que essas novas formas de mobilização surgem. Os autores partem de três processos que configuram o contexto que explica as mudanças de ações coletivas que estamos vivendo (TASCÓN E QUINTANA, p.12, 2012):

1. A extensão do uso da Internet e da telefonia móvel em todo o mundo: segundo a agência da Organização das Nações Unidas (ONU), em se tratando de tecnologia da informação, em 2012 o número de usuários de telefonia móvel ultrapassaram a cifra dos 5.400 milhões, e dos usuários de Internet passaram dos 2 milhões, isto é, duplicou em apenas cinco anos. Os países em desenvolvimento representam 58% e 74% dessas realidades, respectivamente<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Fundación Telefónica (2012): “Informe anual 2011”

2. A apropriação por parte dos usuários/cidadãos dos princípios e valores próprios da Ética Hacker, vinculada às origens da Internet.<sup>16</sup>
3. A consolidação do modelo social vinculado à denominada sociedade das “redes distribuídas”<sup>17</sup>

A história do ativismo *online* não pode ser um relato linear cronológico. É um processo não linear, sem plano, sem líderes, sem produto final: “não tem nem princípio nem fim, sempre tem um meio pelo qual cresce e transborda”<sup>18</sup>.

### **1.Os Anos 2000: a Disseminação Do Celular e a Chegada das Redes Sociais**

Na primeira década dos anos 2000, o ativismo digital entra em uma nova etapa com a expansão do uso do celular e a chegada das redes sociais. Assim, foram realizados os primeiros protestos instantâneos (“*swarming*”) graças à rapidez de propagação e o relativamente baixo preço de custo que possibilitam os SMS (*Short Message Service*), nasceram grupos em plataformas, à época, embrionárias como o Facebook, onde se aglomeravam opositores e descontentes, e se popularizaram manifestações artísticas como os *flashmob* como ensaio criativo das Ciberturbas<sup>19</sup> que viriam depois.

---

<sup>16</sup> Levy, S (1984): *Hackers. Heroes of the computer revolution*, Nova Iorque, Dell Publishing; Barlow, J. P. (1996): “Declaración de independencia del ciberespacio”; Himanem, P. (2001): *La ética del hacker y el espíritu de la era de la información*; Lessig, L. (2010): “Lawrence Lessig: Re-examining the remix”.

<sup>17</sup> De Ugarte, D., *El poder delas redes*

<sup>18</sup> Deleuze-Guatarri (1988): *Mil Mesetas*, Pre-textos, Valencia

<sup>19</sup> O termo “ciberturba” pode ser definido como a culminação de uma mobilização na rua que contenha um número relevante de pessoas num processo de discussão social conduzido por meios eletrônicos de comunicação e publicações pessoais, em que se rompe a divisão entre ciberativistas e mobilizados.

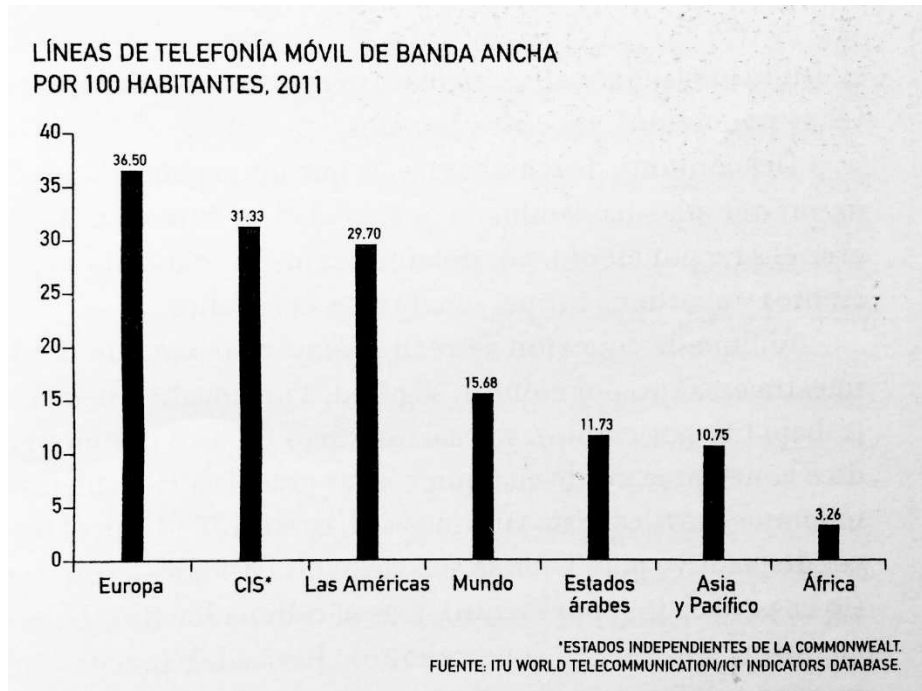


Figura 1: dados de 2011 - Números de linhas de telefones celulares de banda larga por 100 habitantes (Fonte: ITU World Telecommunication/ICT Indicators Database)

Os SMS podem ser considerados as primeiras formas de protestos relâmpagos, uma vez que o progressivo incremento da penetração social dos celulares, “aprofunda e amplifica a sociedade de rede que se formou durante as últimas décadas, em primeiro lugar, mediante redes de intercâmbio eletrônico, mais tarde, com a implementação de redes de computadores e, finalmente, com a Internet”, como assinala Castells<sup>20</sup>. Isto é, pode-se dizer que os SMS propiciaram a rápida mobilização de certos grupos sociais em momentos políticos críticos<sup>21</sup>.

“Um ciberativista é ‘alguém que utiliza a Internet (...) para difundir um discurso e colocar à disposição pública ferramentas que devolvam às pessoas o poder e a visibilidade que hoje monopolizam as instituições (...) A potência das redes distribuídas só pode ser aproveitada plenamente por aqueles que acreditam em um mundo de poder distribuído (...) Em um mundo em que os nós vão sincronizando mensagens até acabar por propiciar uma mudança na agenda pública (...) E, no limite, as mobilizações na rua, as Ciberturbas”<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Castells, M.; Fernández-Ardèvol, M; Linchuan Qiu, J. e Sey, A. (2006): *Comunicación móvil y sociedade: una perspectiva global*, Barcelona, Ariel, Fundación Telefónica.

<sup>21</sup> Castells, M. et al., op.cit

<sup>22</sup> D. de Ugarte, op. cit.

Novas formas de resistência e de protesto mescladas com as tecnologias de Rede e os celulares, que têm sido chaves, sem ir muito longe, nos recentes movimentos pró-democracia e liberdades nos países árabes do norte da África. Para se ter uma ideia da disseminação das redes sociais, em 2012, o Facebook somava 1000 milhões de usuários registrados, e 85% ativos (que publicavam em seu mural ou compartilhavam ou valorizavam conteúdos através dos “likes”), segundo dados da empresa.

O ativismo digital também pôde ser visto na Espanha, contra a chamada “Ley Sinde”, ou no movimento civil – conhecido como #nolesvotes – que pedia para que a população não apoiasse nas urnas os partidos que se mostraram a favor dessa iniciativa parlamentar (a Ley Sinde).

O que ficou conhecido como desobediência civil acabou sendo transformada pelos movimentos modernos em que a Internet tem um papel fundamental. A sociedade agora protesta e, inclusive, consegue mudar os Governos ou derrubar ditadores com um novo tipo de ferramenta de luta política: aquelas que lhes proporcionam as redes.

Além dos movimentos de desobediência civil, o ativismo na rede fixa suas raízes no hackativismo (*hacker* + ativista), que é a utilização de ferramentas e meios digitais para a realização de ações que chamem a atenção da sociedade, para assim tentar conseguir mudanças políticas e legislativas (TASCÓN e QUINTANA, p.31, 2012).

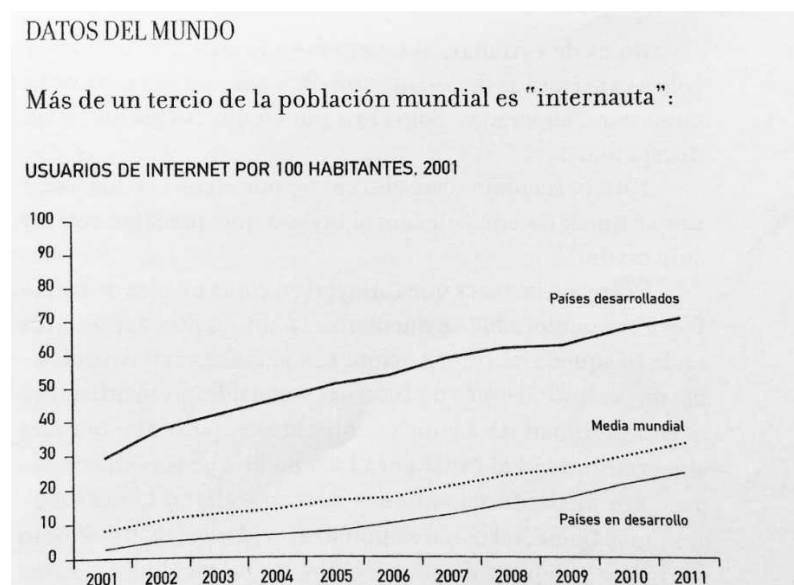


Figura 2: no mundo, mais de um terço da população é internauta (Fonte: ITU World Telecommunication/ICT Indicators Database)

Outra importante novidade bem recente é a democratização das ferramentas ciberativistas. Se há alguns anos somente especialistas em informática ou pessoas que contassem com um grupo ou organização para encabeçar um protesto, hoje qualquer pessoa, sem necessidade de conhecimentos de programação, tem ao seu alcance muitas das ferramentas que permitem realizar ações convocatórias. Isto é, o que há pouco tempo estava nas mãos dos engenheiros da computação, hoje é munição comum para todo o resto da sociedade. Qualquer um pode ter uma página na web, criar uma petição e buscar apoios online (TASCÓN e QUINTANA, p.231, 2012).

## **2. A Erupção das Redes Sociais**

Nos movimentos mais recentes (Primavera Árabe, Occupy Wall Street, 15-M) apareceu com força uma importante transformação: as redes sociais. Os protestos do hacktivismo haviam sido realizados por pequenos coletivos ou pessoas especializadas (programadores). Entretanto, as últimas ações políticas tiveram muito a ver com o Twitter e o Facebook, o que lhes conferiu um caráter de popularidade maior. Muita gente pôde participar dos movimentos que destituíram as ditaduras árabes, por exemplo. As redes sociais transformaram-se num pólo de concentração de ideias, propagandas, conversas, difusão de lemas, etc., para um número muito maior de cidadãos que se juntavam todos os dias nos murais do Facebook para comentar os últimos acontecimentos, para saber o que estava acontecendo em qualquer parte do país.

A capacidade dos Governos de parar esse sistema tem sido quase nula por diversas razões. Em parte porque, hoje em dia, é praticamente impossível bloquear a rede de um país pois existem vários provedores de comunicações. Por outro lado, um corte parcial é impossível que seja “limpo”, isto é, que não afete outros serviços. Como no exemplo do Egito que, ao cortar a Internet, acabou por prejudicar a Bolsa de Valores, o coração econômico do país (TASCÓN E QUINTANA, 2012, p.236).

A verdade é que a Internet foi capaz de acabar com quase todas as indústrias com intermediários. E é por isso que afirma Castells: “Os governos odeiam a Internet, todos os governos. Eu já estive em muitas comissões governamentais, nomeadas pelos governos. (...) Enquanto começa uma comissão o primeiro que chega é o ministro correspondente para tratar

de descobrir como controlar a Internet. Os usuários querem é difundir a Internet, enquanto os governos querem controlá-la”<sup>23</sup>.

A falta de compreensão ante as transformações no ecossistema informativo que estavam sendo produzidas fizeram com que os jornalistas tenham se tornado presa fácil das elites emergentes (TASCÓN E QUINTANA, p.248, 2012). O desgaste da imprensa se justifica, em grande parte, pela falta de credibilidade, pois blogs ganham leitores denunciando feitos que a imprensa já não denuncia mais. Os leitores são conscientes e começam a buscar outras fontes alternativas.

Ao encontrarmos-nos na evolução da chamada “sociedade de fábrica” (hierarquizada, repartida, orientada ao produto final) à uma “sociedade em rede” (horizontal, distribuída, caótica e orientada ao processo), é de se esperar que existam manifestações de ambos modelos que se retroalimentam mutuamente.

Segundo propõem Arquilla e Ronfeldt (2001), para que uma rede seja efetiva ou não depende do que ocorra nos cinco seguintes níveis: 1.nível organizativo (seu desenho de organização); 2.Narrativo (a história que se conta); 3.Doutrinal (os métodos e estratégias); 4.Tecnológico (os sistemas de informação); 5.Social (os laços entre os membros da rede).

Deste modo, “as redes mais fortes serão aquelas em que o desenho organizativo se sustenta com uma história vencedora e uma doutrina bem definida, e nas redes em que tudo isso se estrutura em torno de sistemas avançados de comunicação e se baseia em laços pessoais e sociais fortes”<sup>24</sup>.

As mobilizações sociais que apresentamos neste trabalho apresentam uma organização sem hierarquias baseada em uma estrutura em rede distribuída. Essas novas formas de ativismo “se apoiam em ‘um desenho organizativo aberto’, ‘todos com todos’, remetendo a uma teia de aranha e cuja fortaleza se baseia na discussão e no intercâmbio de informações livres”<sup>25</sup>.

Diferente do ativismo convencional, esse novo ativismo com ausência de líderes e as cúpulas das “revoluções” horizontais dificultam o trabalho do oponente, ao tentar destruí-las. Como está condição outorga uma notável fortaleza (o que não tem cabeça não pode ser

---

<sup>23</sup> Castells, M. (2012): “El poder en la era de las redes sociales”, Nexos, 1 de setembro de 2012

<sup>24</sup> Arquilla, J.; Ronfeldt, D. (2001)

<sup>25</sup> Arquilla, J.; Ronfeldt, D. (2001), op..cit.



decapitado), por parte do poder se tenta, de forma recorrente, construir um inimigo com forma definida e com uma cabeça a ser combatida. Enquanto os movimentos manterem a configuração de enxame, pouco provável que estas investidas dos oponentes tenham algum efeito destrutivo<sup>26</sup>.

As redes distribuídas possibilitam (e crescem com) uma grande interação entre todos os seus membros. A discussão horizontal e a livre troca de informação é o que alimenta esses movimentos, o que os permite serem “auto organizados”, coordenar operações e reunir meios.

Nos movimentos sociais, uma das funções das narrativas é a criação de uma identidade coletiva. No novo ativismo, contudo, isso representa algumas peculiaridades. Uma delas é que a identidade coletiva pode ser algo efêmero, como quando se constrói em torno de uma hashtag no Twitter, que dura o mesmo que dura a ação (TASCÓN E QUINTANA, 2012, p.260).

As vitórias em nível narrativo podem ser por alcançar a agenda pública (dando visibilidade a problemas e realidades que permanecem ocultas), mas, sobretudo, por transformar o marco interpretativo (valores, categorias) em que essas situações se apresentam e no terreno das legitimidades (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.261).

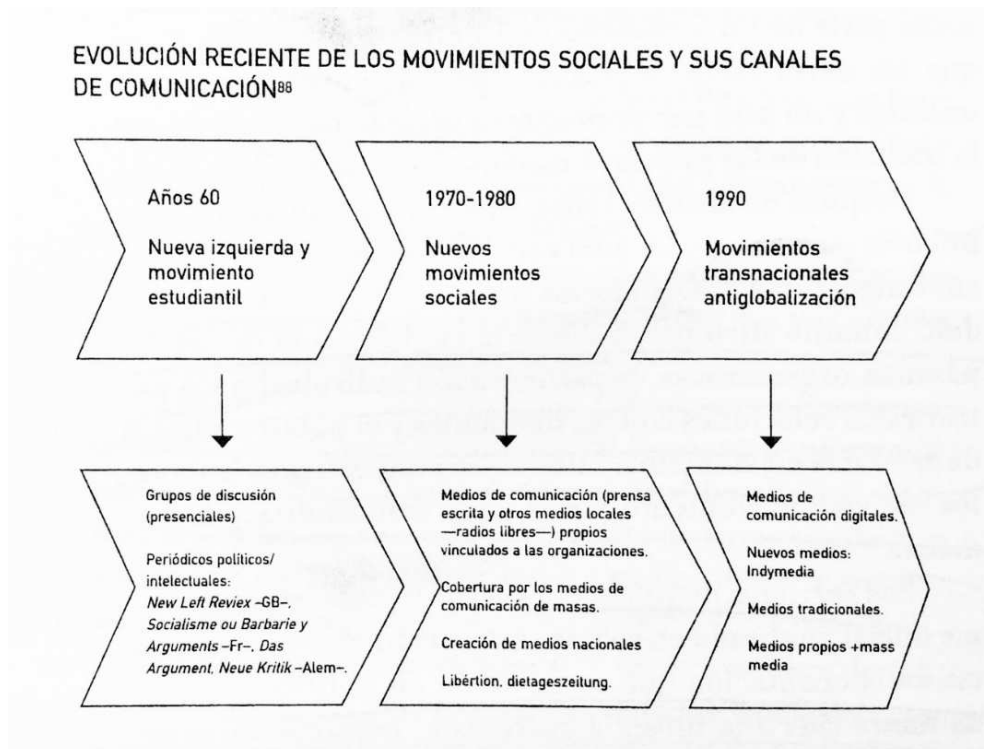


Figura 3: recente evolução dos movimentos sociais e seus canais de comunicação.

<sup>26</sup> (TASCÓN e QUINTANA, p.259, 2012).

As narrativas das novas revoluções empregam tanto os velhos como os novos meios de comunicação e aproveitam a capacidade viral dos “memes” (unidades culturais que são transmitidas de uma pessoa a outra), em um contexto em que o mundo se tornou mais transparente e a informação já não está (necessariamente) midiaticizada.

É importante atentar para o fato de que o uso das redes sociais como o Twitter, faz com que criemos filtros de informação e conteúdo. Por exemplo, a seleção de pessoas ou instituição que seguimos ou bloqueamos. Isso favorece uma visão parcial, reforça preconceitos e nos mantém afastados de quem pensa diferente de nós, como se o diferente não existisse (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.263).

Os movimentos em rede podem se configurar em duas “práticas doutrinárias”, a que se baseia em ações promovidas por múltiplos líderes/organizações (como em Seattle) e a que se baseia no “*swarming*”: pequenas unidades que estão normalmente dispersas convergindo sobre um objeto por todas as direções, quando acabam um ataque, se dispersam preparados para a seguinte operação<sup>27</sup>.

As dinâmicas nas novas revoluções se baseiam no caos (o que explica, entre outras coisas, que seu resultado não se pode prever) e na infecção: o conflito se propaga por contágio, como ocorreu na estouro da Primavera Árabe, replicando estratégias e formas de ação: os acampamentos nas praças, a resistência pacífica ou a ocupação esporádica de espaços simbólicos (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.264).

A tecnologia permite, reforça e inova os territórios e os conteúdos da comunicação mediante a expansão do domínio do possível. Como a comunicação é um processo fundamental da atividade humana, a modificação dos processos comunicativos mediante a interação da estrutura social, a prática social e uma nova gama de tecnologias da comunicação comporta, de fato, uma profunda transformação social<sup>28</sup>.

As tecnologias têm ampliado o poder do indivíduo, mas também “têm um efeito catalisador para emergir de forma rápida e inesperada um movimento de protesto espontâneo<sup>29</sup>”. A possibilidade de contar com tecnologias livres e abertas nas quais se sustentam o resto dos

<sup>27</sup> (TASCÓN e QUINTANA, p.264, 2012).

<sup>28</sup> Castells, M.; Fernández-Ardevòl, M; Linchuan Qiu, I y Sey A. (2006): *comunicación móvil y sociedade: una perspectiva global*, Barcelona, Ariel, Fundación Telefónica

<sup>29</sup> Arquilla, J. y Ronfeldt, D. (2001), op.cit

níveis analisados é essencial para que as multidões mantenham seu poder (TASCÓN E QUINTANA, 2012, p.265).

### 3. A Internet e o Termo Hacker

“Tanto os cientistas como os hackers sabem por experiência que a ausência de estruturas rígidas é uma das razões pelas quais seu modelo é tão poderoso”

(Pekka Himanen, La ética del hacker y el espíritu en la era de la información)

A internet foi criada por um grupo de especialistas, denominados entre eles como *hackers*, defensores dos valores da distribuição do conhecimento científico – aberto, compartilhado, revisável e hierarquizado por meritocracia – e da contracultura, e se funda por esses princípios. A Rede foi criada para compartilhar, cooperar e criar conhecimento de maneira colaborativa a partir do livre acesso à informação. A Ética Hacker, por exemplo, tem como um dos lemas “melhorar as máquinas e melhorar o mundo”.

À época, não havia nem um texto em que se resumisse esse “sonho”, mas Levy resumiu nos seguintes preceitos: 1. O acesso aos computadores e a qualquer coisa que pudesse ensinar algo sobre a maneira que funciona o mundo deveria ser ilimitado e total; 2. Toda a informação deve ser livre; 3. Desconfie da autoridade. Promova a descentralização; 3.O hacker deve ser julgado pelo seu *hacking*, não por critérios como titulação, idade, raça ou posição; 4. Pode-se criar arte e beleza com um computador; os computadores podem mudar sua vida para melhor; 5.Pode-se conseguir com que façam sua vontade. Certamente todos poderiam beneficiar-se de experimentar este poder. Certamente todos poderiam beneficiar-se de um mundo baseado na Ética Hacker.<sup>30</sup>

A palavra Hacker provém do termo em inglês “*hack*” (rachado ou corte) e originalmente se usava para designar quem fabricava móveis a partir de troncos usando um machado. Como os blocos de madeira, os sistemas informáticos também podem ser cortados, desarmados, alterados. “Os *hackers* creem que se pode aprender lições essenciais sobre os sistemas – sobre o mundo – desarmando as coisas, vendo como funcionam, e utilizando esse

---

<sup>30</sup> Levy, S. (1984), op. cit

conhecimento para criar coisas novas e inclusive mais interessantes”, explica Levy em *Hackers. Heroes of the Computer Revolution*<sup>31</sup>.

Mas é preciso atentar para uma diferença, confusão que às vezes faz os hackers parecem culpados por atos ilegais. Há diferença entre os termos “*hacker*” e “*cracker*”, este último diz respeito às pessoas que podem ser consideradas “ladras”, “*crackers* de contrassenhas” ou “vândalos informáticos”. Certamente estes não são os verdadeiros *hackers*, já que não entendem nem seguem a Ética Hacker (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.118).

A ausência de estruturas rígidas e hierarquias contrasta com o sistema vertical estabelecido em todos os âmbitos – político, econômico, social ou cultural – e é um dos traços que mais confundem aqueles de posicionamentos tradicionais quando observam as novas formas de ativismo. Por isso, a estrutura distribuída dos coletivos como, por exemplo, Anonymous choca pelo modo com que enfrenta esse tradicionalismo.

Do ponto de vista do estudo dos movimentos sociais, a configuração horizontal e flexível dos novos fenômenos de ativismo possibilita estudos interessantes, como a análise da construção da identidade coletiva ou dos mecanismos de tomada de decisões. Num modelo meritocrático, o papel de um sujeito na Rede é mensurado por como ele colabora com ela e pelo valor que os outros lhe concedem, em um processo de revisão coletiva que explica, por exemplo, o declive da influência dos meios de comunicação (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.27).

Junto aos fenômenos de mobilização coletiva, até os impulsionando muitas vezes, surgem casos de ativistas individuais que usam as plataformas e redes digitais para fazer com que seu protesto seja conhecido, buscar aliados e enfrentar antagonistas que até pouco tempo eram inalcançáveis. Esses episódios e protagonistas ilustram a tese central do livro “*Ciberactivismo*”, dos autores Mario Tascón e Yolanda Quintana, que afirmam: se algo mudou nas novas formas de mobilização e protestos sociais é que, agora, “todos somos potencialmente ativistas”<sup>32</sup>, pois todos temos armas digitais ao nosso alcance.

Entretanto, já não se trata somente de facilitar a amplificação da mensagem de um coletivo social ou reduzir o custo de suas ações de protesto. O determinante é a transformação do cenário (o espaço público) em que essas batalhas são travadas. Uma transformação cujo

---

<sup>31</sup> Levy, S. (1984): *Hacker. Heroes of the computer revolution*, Nova Iorque, Dell Publishing

<sup>32</sup> De Ugarte, D. (2006): *El poder de las redes*

fundamento não é outro que não a cultura *hacker* e os valores da Rede. Além disso, a situação de crise econômica global e a progressiva deterioração da legitimidade dos intermediários estabelecidos (políticos e jornalistas) favorecem ações de ciberativismo, cujos objetivos apontam para as bases de um sistema decadente: bancos, partidos e meios de comunicação (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.11).

“(...) a modalidade que encabeça essa lista de protetores da expressão no ciberespaço é (mais uma vez) a arquitetura. Anonimato relativo, distribuição descentralizada, múltiplos pontos de acesso, ausência de necessidade de ataduras geográficas, inexistência de um sistema simples para identificar conteúdos, ferramentas criptográficas - todos esses atributos e consequências do protocolo da Internet dificultam o controle da expressão no ciberespaço. A arquitetura no ciberespaço é a verdadeira protetora da expressão.” (Lawrence Lessig, *El Código 2.0*: 379)<sup>33</sup>. Sua estrutura e sua dinâmica são as de “uma multiplicidade de autores que atuam em diferentes frentes simultaneamente e que se organizam sem plano prévio e sem líder, de forma ‘natural’”. Como Internet, é um modelo em rede distribuído em que “todos somos potencialmente ativistas”. (De Ugarte, 2006)

O ciberativismo, como filho da cultura hacker, se reitera no mito do “faça você mesmo”. “A ideia é: desenvolva ferramentas e coloque-as à disposição pública”<sup>34</sup>. Afirmam Tascón e Quintana (2012), “O uso da Rede, da distribuição e da colaboração, possibilita a redução do trabalho total (...) Cada vez que alguém faz algo, com um esforço N, a próxima pessoa que fará algo terá que fazer o esforço N-1 para fazer o mesmo”.

Shirky defende que a união do tempo livre disponível juntamente com a tendência criativa do ser humano e com a “generosidade da sociedade conectada” (com alguns indivíduos que evoluíram seus hábitos, do mero consumo de conteúdo a sua criação e publicação) provoca mudanças que estão melhorando o mundo<sup>35</sup>.

No ativismo, esses recursos replicáveis e modificáveis que surgem da cultura colaborativa não são neutros, como defende De Ugarte: buscam devolver “às pessoas o poder e a visibilidade que hoje as instituições monopolizam”<sup>36</sup>. E Rheingold complementa: “o acesso direto à informação que oferece a internet é, inerentemente, politicamente subversivo” (HOWARD RHEINGOLD, 1993).

<sup>33</sup> Lessig, L. (2005): *El Código 2.0*, Madrid, Traficantes de Sueños

<sup>34</sup> De Ugarte, *El poder de las redes*

<sup>35</sup> Shirky, C. (2010): “Cognitive surplus: creativity and generosity in a Connected Age, Londres, The Penguin Press; Shirky, C. (2010): “How the cognitive surplus will change the world”

<sup>36</sup> De Ugarte, D., op. cit.

A Internet, ainda que não esteja isenta de limitações, oferece um espaço mais aberto, acessível e, salvo exceções, com menos controle prévio que os meios de comunicação tradicionais. Essa liberdade da Rede produz uma alteração nas oportunidades políticas: feito que, segundo Tarrow, é “o principal fator de ativação” das mobilizações.

Em uma sociedade em rede são todas as pessoas que, de maneira colaborativa e sem restrições prévias, contribuem para a criação Dennis McQuail concluiu em 1983: “as *mass media* produzem, reproduzem e distribuem conhecimento que nos permite dar um sentido ao mundo e modelar nossa percepção dele”<sup>37</sup> do espaço público (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.67).

Na era da comunicação de massas, essa que ninguém duvida que nós já deixamos para trás, o espaço público era definido pelos próprios meios. As experiências sociais significativas se adquirem atualmente no espaço público. É nele que se encontram os sistemas valorativos-normativos que orientam e regulam os modos de conhecimento e os espaços sociais. E este espaço público é delimitado pela comunicação de massas, em parte criação específica sua e em parte apropriação dos preexistentes âmbitos político e cultural. Desde modo, é um espaço que pretende ser representativo e normativo. Representativo porque é através dele que se expressaria a sociedade civil em forma de opinião pública. E normativo porque difunde um universo moral prescritivo. (Ortega, 1994)<sup>38</sup>.

Mas a Internet alterou os valores e regras. Na hora de “construir a realidade” já não entra em jogo somente a capacidade de filtro, hierarquização e imposição de valores dos meios. A arquitetura em rede da Internet e a cultura colaborativa que lhe é própria permitem que todos sejamos produtores de conteúdo: qualquer cidadão pode elaborar e difundir conteúdo através de blogs e redes sociais e chegar, praticamente, a qualquer ponto do planeta<sup>39</sup>.

Na Espanha, por exemplo, em 2010, a penetração da Internet superou a da imprensa. Os dados do *Estudio General de Medios* revelaram que, naquele ano, 38% da população se declarava leitora de jornais, enquanto, 38,4% se declarava usuários da Internet. Globalmente, a telefonia móvel é a tecnologia mais implantada: o número de linhas alcança 78% da população mundial (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.76).

---

<sup>37</sup> McQuail, D. (1983): *Introducción a la teoría de la comunicación de masas*, Barcelona, Paidós

<sup>38</sup> Ortega, F. (1994): *El mito de la modernización*, Barcelona, Anthropos.

<sup>39</sup> TASCÓN e QUINTANA, p.72, 2012

Já no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, em 2013, dados relativos ao uso dos telefones celulares. Com informações obtidas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) entre 2005 e 2011, é possível notar o crescimento do uso desses aparelhos no país. Entre os anos da pesquisa, o crescimento do uso pessoal do celular por brasileiros foi de 107,2%.

Já os números de acesso à internet foram um pouco maior, com 143,8% de aumento. Em 2011, eram 115,4 milhões os donos brasileiros de celular, o que representa 69,1% da população com mais de dez anos. Para efeito de comparação, sete anos antes, o número de consumidores era de 55,7 milhões de pessoas. A PNAD obteve dados também sobre a internet no Brasil. Para começar, 46,5% das pessoas com dez ou mais anos de idade acessaram a rede em 2011, confirmando que o número de internautas cresceu em 45,8 milhões.

Frente às limitações dos meios tradicionais, a Internet apresenta os atributos opostos: interatividade, reticularidade (difusão horizontal de mensagens de muitos para muitos) e hipertextualidade, entre outros<sup>40</sup>, que a partir de seus meios sociais (blogs, redes e plataformas) desenvolvem todo seu potencial. Neste cenário, o usuário é produtor, editor e distribuidor de conteúdos. Para se ter uma ideia, a cada 24 horas, no mundo, se escrevem 1,6 milhões de postagem em blogs, se postam 2,6 milhões de vídeos no Youtube, cinco (5) milhões de imagens no Flickr e se publicam 140 milhões de tweets no Twitter<sup>41</sup> (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.82).

---

<sup>40</sup> Scolari, Carlos Alberto (2008): “*Hipermediaciones. Elementos para una teoría de la Comunicación Digital Interactiva*”, Barcelona, Gedisa

<sup>41</sup> Tascón, M.; Quintava, Y. (2012): Ciberactivismo. Las nuevas revoluciones de las multitudes conectadas.

	LEE LAS SECCIONES POLÍTICAS DEL PERIÓDICO	ESCUCHA O VE LAS NOTICIAS EN LA RADIO O LA TELEVISIÓN	APARTE DE LAS NOTICIAS. ESCUCHA O VE OTROS PROGRAMAS SOBRE POLÍTICA EN LA RADIO O LA TELEVISIÓN	USA INTERNET PARA OBTENER INFORMACIÓN ACERCA DE LA POLÍTICA O LA SOCIEDAD
1-2 días por semana	15.3	7.5	16.8	7.1
Con menor frecuencia	17.5	3.5	21.5	9.3
Nunca	33.7	4.5	37.4	65.7
NS	0.0	0.0	0.2	0.4
NC	0.2	0.1	0.2	0.4
(N)				

FUENTE: CIS (2011). ESTUDIO 2914. BARÓMETRO OCTUBRE DE 2011.

Figura 4: no gráfico, de 2011, pode-se perceber o aumento do uso da Internet no mundo. (Fonte: CIS (2011; Estudio 2914, Barômetro Outubro de 2011)

Um papel fundamental dos movimentos sociais é “apontar problemas, vinculá-los a outros problemas e construir marcos significativos mais amplos que possam encontrar eco na predisposição cultural de uma população e transmitir a mensagem uniforme àqueles que ostentam o poder e à outras camadas<sup>42</sup>.”

Nesse processo, os símbolos desempenham um papel chave. Servem para identificar e dar coesão ao movimento (criar identidades coletivas), auto afirmar-se frente a observadores e antagonistas e, também, fixar os valores e conceitos que constituirão o “campo de batalha” em que se “enfrentam” os discursos (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.91). “O principal é que nos dias atuais os movimentos se comunicam com o público amplamente através dos meios de comunicação de massa, e que são usados símbolos espetaculares, dramáticos ou desproporcionais para atrair sua atenção”<sup>43</sup>.

“Porque o ciberespaço – digamos mais uma vez – não é uma ferramenta, não é uma infraestrutura: é um determinado modo de utilizar infraestruturas existentes. Em suma, o ciberespaço é um tipo particular de relação entre pessoas, um verdadeiro movimento social que se desenvolveu às margens dos

<sup>42</sup> (TASCÓN e QUINTANA, p.90, 2012).

<sup>43</sup> Dalton-Kuechler-Burklin (1994), op. cit.



Estados e multinacionais, sobre uma base de funcionamento cooperativo” (Sindominio.net)<sup>44</sup>.

Se antes era “o mundo inteiro está olhando/assistindo”, hoje o correto seria dizer que “o mundo inteiro está contando”. O exemplo do 15-M serve para todos os protestos: cada manifestante tem uma história, um vídeo, uma foto. E assim constroem uma crônica em coro.

De certo modo, a história do ciberativismo é também a história da apropriação dos mecanismos e instrumentos para contar e difundir informações. Uma evolução que passa por dois processos: o da democratização tecnológica, com a expansão de novas ferramentas e canais e, em paralelo, o deslocamento de legitimidades que, afinal, terminará por retirar das elites o poder sobre os computadores, onde criavam a realidade<sup>45</sup>.

Dessa maneira, a progressiva generalização do acesso às novas tecnologias criou multidões conectadas que, em momentos críticos, formam legiões de ativistas. Esse caminho não só permitiu dispor de novas ferramentas, mas de modificar essencialmente os valores e dinâmicas da mobilização social (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.102).

#### **4. Internet Como Arma Global**

##### **Os Zapatistas: a primeira guerra em Rede (1994)**

Os zapatistas – Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) – são considerados pioneiros no uso político da Internet. Manuel Castells, em “El poder de la identidad”, se refere a eles como “a primeira ‘guerrilha informacional’<sup>46</sup>”.

Para transmitir seus ideais se dirigiram aos meios de comunicação convencionais (mas era incerta a divulgação de informações a respeito dos zapatistas), então, recorreram às possibilidades da comunicação direta que a Internet oferecia. Era um modo de evitar relatos tendenciosos, faltas interpretações e rótulos que reproduziam estereótipos.

---

<sup>44</sup> Sindominio.net: una apuesta por la telemática antagonista e por la inteligencia colectiva”. Sindominio.net, 30 de setembro de 2003

<sup>45</sup> (TASCÓN E QUINTANA, p.102, 2012)

<sup>46</sup> Castells, M. (1997): The Power of identity, Oxford, Blackwell Publishing Ltd.

O papel da Internet para difundir internacionalmente informações sobre a rebelião indígena em Chiapas se desenvolveu rapidamente. Uma atenção que lhes serviu de escudo para prevenir a repressão militar por parte do Governo. A rede foi um meio para a rápida circulação de notícias e para organizar redes de apoio. Foram reunidos esforços para tecer uma rede de apoio ao movimento zapatista.

As comunidades zapatistas são indígenas, pobres e não sofrem somente com frequentes cortes no campo das comunicações por computador, mas também de eletricidade e dos sistemas de telefonia necessários. Nessas condições, os materiais do EZLN eram preparados inicialmente como comunicados escritos para os meios de comunicação e eram entregados aos jornalistas ou a amigos para enviar aos meios. Esse material teve que ser escrito à máquina ou escaneado em formato eletrônico para sua distribuição na internet<sup>47</sup>. Em qualquer caso, em pouco tempo, havia dezenas de webs, em vários idiomas, com informação detalhada sobre situação em Chiapas<sup>48</sup>.

Em 1993, o analista da *Rand Corporation* cunhou o termo “*netwar*”, que ele explica como: as forças revolucionárias do futuro podem consistir cada vez mais em extensas redes de multi-organizações sem identidade nacional particular, que alegam surgir da sociedade civil e inclusive de alguns grupos e indivíduos agressivos tão hábeis no uso da tecnologia avançada de comunicação como o uso de munições<sup>49</sup>.

Referente aos meios de comunicação, um dos méritos estrategicamente mais geniais da guerrilha zapatista consistiu em converter o nome de seu porta-voz, o subcomandante Marcos, em um nome coletivo “Somos todos Marcos” (TASCÓN e QUINTANA, 2012, p.147).

A defesa da liberdade de expressão não era o único objetivo frente àquela defesa da fronteira. Outras foram as reivindicações do acesso universal, as campanhas contra as leis de regulação da Rede, a defesa da privacidade, a defesa das liberdades relacionadas com o software livre e o “*copyleft*” e a batalha das redes p2p e os direitos de autores e distribuidores.

---

<sup>47</sup> Cleaver, H. (1998): “The Zapatista Effect: The Internet and the rise of an alternative political fabric”, Nova Iorque, Routledge.

<sup>48</sup> (TASCÓN e QUINTANA, p.146, 2012)

<sup>49</sup> (TASCÓN e QUINTANA, p.147, 2012)

Finalmente, o acesso universal da Rede acabou se impondo e a democratização das tecnologias se tornou realidade, o que é considerado, pela grande maioria dos estudiosos, uma conquista histórica.

### **A Batalha de Seattle (1999)**

Os protestos contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), durante sua reunião em Seattle (EUA) em 1999, foram a primeira grande ocasião em que se viu como um movimento pode alimentar, propagar e chegar a ser global através das, então novas, tecnologias da comunicação<sup>50</sup> (TASCÓN E QUINTANA, 2012, p.10).

Se algo marcou as manifestações conhecidas como “Batalha de Seattle” (os protestos realizados nesta cidade do estado de Washington, entre o dia 29 de novembro e 3 de dezembro de 1999), onde milhares de pessoas se mobilizaram contra os acordos da Cúpula da Organização Mundial do Comércio (OMC) foi a autonomia definitiva dos movimentos sociais em relação aos meios de comunicação de massa.

Nos anos 90, movimentos transnacionais incorporaram a Internet como ferramenta de comunicação preferencial, tanto através de canais, como o e-mail e sites, como a de novos meios alternativos aos tradicionais. Os manifestantes contra a OMC foram os primeiros a tirar o máximo proveito da altamente densa e ampla rede de meios alternativos de comunicação através da Internet. O uso de “forças especiais dos meios de comunicação” é um dos sinais de identidade da *Netwar* (guerra em rede).

Um dos elementos destacados desta “infraestrutura de comunicações flexível e improvisada” foi *Indymedia*. Baseado em um software para publicação aberta e interativa (“*open publishing software*”) *Indymedia* foi um meio pioneiro ao permitir a qualquer usuária tanto a subir conteúdos na Internet como comentar as histórias, opiniões e imagens postadas por outros. Um de seus criadores explicava que *Indymedia* “podia ser vista como parte de um fenômeno mais amplo da internet, em que os sites estão impulsionados pela criatividade de

---

<sup>50</sup> Aelst, P. van y Walgrave, S. (2004): “New media, new movements?” The role of the internet in shaping the ‘anti-globalization’ movement”, em Dponk, W. van de; Loader, B. D.; Nixon, P. G. y Rutch, D. (eds.), *Cyberprotest. New media, citizens and social movements*, Londres, Routledge.

seus usuários e não somente por produtores profissionais, como era a tradição dos primeiros meios eletrônicos”<sup>51</sup>.

Os serviços de inteligência canadenses, em um informe oficial publicado em seu site, interpretavam os protestos antiglobalização que se iniciaram em Seattle da seguinte forma: “A Internet confere nova vida à filosofia anarquista, permitindo a comunicação e a coordenação sem necessidade de uma fonte central de comando e facilitando ações coordenadas com mínimos recursos e burocracias”<sup>52</sup>.

Assim que acabaram os protestos, um dos grafites que os ativistas espalharam pelas ruas da cidade foi: “*We Win*” (“ganhamos”).

---

<sup>51</sup> Arnison, M. (2002): “*Open publishing in the same a free software*”, citado por Wright, S., “*ICTs in anti-capitalism movements*”, em Donk W et al., “*Cyberprotest...*”, Routledge, 2003

<sup>52</sup> Canadian Security Intelligence Service (2000): Report n° 2000/08, “*Anti-Globalization – A Spreading Phenomenon*”, 22 de agosto de 2000.

## ***INTERMEZZO II***

### ***Narradores de Si. De Como a Multidão Passou e Narrar sua Própria História***

Ao lançar um breve olhar sobre a história da cultura, é possível apontar para o fato de que a descentralização dos meios de produção comunicacional que vemos hoje é novidade, já que nunca antes foi tão possibilitada como agora. Diversos são os instrumentos que permitem e auxiliam essa descentralização, como computadores pessoais, softwares livres, câmeras fotográficas digitais, *mobiles* e câmeras de vídeo. Pode-se dizer que a produção colaborativa possibilitada por essas ferramentas fomenta e gera novas mídias livres a todo instante – novas mídias estas que são, em geral e claramente, fruto de processos colaborativos.

Com efeito, vale ressaltar que, como nos pontua Chris Anderson, —o fato de qualquer um ser capaz de produzir conteúdo só é significativo se outros puderem desfrutá-lo. O PC transformou todas as pessoas em produtores e editores, mas foi a Internet que converteu todo mundo em distribuidores (ANDERSON, 2006, p.53). Isto é, além de produzir conteúdo e informação é fundamental que essa produção seja difundida e adquira grande alcance de inserção. Nesse contexto, a internet exerce papel de extrema importância, pois possibilita a distribuição de conteúdo e a abrangência das mídias livres para um número – pode-se dizer - ilimitado de expectadores. Hoje é possível, por meio das redes *online*, que um conteúdo alcance milhares de pessoas a nível global em apenas alguns segundos.

Segundo Dan Gilmore (2005), com o crescimento das produções colaborativas *online*, há a possibilidade de qualquer pessoa fazer notícia e dará nova voz as pessoas que se sentiam sem poder de fala. Ou seja, a própria prática jornalística se abriria fortemente, à colaboração e a publicação se transforma em não apenas o ponto final, mas sim a parte que deverá ser completada pela conversação. Com essa reapropriação dos modos de produção, são favorecidas as políticas democráticas de comunicação, e de participação popular no campo da comunicação uma vez que o aparelhamento tecnológico da sociedade que, principalmente, através da internet, possibilitam às pessoas a produzirem informações e conteúdos multimídia e os distribuírem, em diversos formatos, em redes sociais *online*, em sites independentes, fortalecem e fomentam a produção de mídias livres.

A cultura colaborativa em rede se acelera por causa, segundo Anderson (2006), de três forças. A primeira é a da democratização das ferramentas de produção. O melhor exemplo disso é o computador pessoal, que pôs todas as coisas, desde as máquinas de impressão até os

estúdios de produção de filmes e de músicas, nas mãos de todos (ANDERSON, 2006, p.52). Isso fez com que o universo de conteúdos disparasse, aumentando a oferta de bens e de produção de comunicação. A força difusa dessa produção é visível ao se notar os números do Youtube, por exemplo, onde cerca de 70 mil vídeos são hospedados diariamente no site e os usuários assistem 100 milhões de vídeos por dia em seus servidores. E os dados são de 2006<sup>53</sup>.

Uma segunda força é a de redução dos custos do consumo pela democratização da distribuição. E uma terceira força é a ligação cada vez mais próxima entre oferta e demanda. Milhares de usuários, em seus blogs, são capazes atualmente de formar preferências, que chegam até a eles graças a tecnologias de busca. O contato entre consumidores acaba por gerar um efeito colateral positivo: a conversação entre eles, à medida que descobrem —que, em conjunto, suas preferências são muito mais diversificadas do que sugerem os planos de marketing

A partir dessa reflexão, surge um questionamento: como, então, estabelecer o comum? Negri e Hardt afirmam que devemos reconhecer que democracia não é uma exigência absurda ou inatingível. A vasta maioria de nossas interações políticas, econômicas, afetivas, linguísticas e produtivas baseia-se sempre em relações democráticas. Embora pareçam espontâneas ou fixadas pela tradição, são na realidade processos civis de troca, comunicação e cooperação democráticas que desenvolvemos e transformamos diariamente.

Dessa forma, podemos considerar que nós – os indivíduos - constituímos as mídias, somos as mídias e, portanto, os fazedores de mídia livre. Esse processo é possibilitado pelo fato de a tecnologia de produzir informação estar aberta a todos, o que faz com que os antes somente leitores se tornem agora colaboradores. Processo descrito por Cocco ao afirmar que, a convergência multimidiática (COCCO, 1996) constituiu-se na base de articulação das novas ferramentas (*softwares* e tecnologia digital) para que o usuário/consumidor se transforme em usuário/produtor e, assim, coloque em xeque a tradicional separação entre trabalhador e meios de produção, entre o mundo do trabalho e o mundo da vida. A hipótese do capitalismo cognitivo (CORSANI, 2003) sustenta-se justamente na perspectiva de uma transformação radical das formas de produção, acumulação e organização social pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs).

---

<sup>53</sup> Sobre isso, ler INFO ONLINE, disponível em: <<<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/072006/17072006-2.shl>>> acesso 01/07/2008 )

Mas vale atentar para o fato de que, para o ativismo, sem dúvida, o uso de plataformas comerciais como Facebook e Twitter representa também sérios inconvenientes. O principal deles é a propriedade e o controle dos dados e conteúdos, que não pertencem ao usuário, mas sim à empresa. Isto supõe, por exemplo, que eles possam ser cedidos para os Governos.

## **CAPÍTULO III - Cartografia das Controvérsias Brasileiras**

### **I. Teoria Ator-Rede e Cartografia das Controvérsias**

#### **Reagregando o Social: Implicações da Sociologia de Associações**

Com o intento de propor um novo modo de se aplicar a sociologia ao comportamento dos indivíduos, Bruno Latour (2012) atenta para a importância de se debruçar com outros olhos sobre esse campo teórico. Para isso, o autor redefine a noção de social a fim de capacitá-la a rastrear conexões – isso porque, ele defende a necessidade de se examinar mais profundamente o conteúdo exato daquilo que se “agrega” sob uma sociedade.

Segundo o francês, devido à constante restrição do significado do termo (contrato social, questão social, assistentes sociais), nossa tendência é limitar o social aos humanos e às sociedades modernas, esquecendo que a esfera do social é bem mais ampla que isso – ele define o social não como um domínio especial ou um objeto particular, mas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação. Isto é, para ele, o social é um deslocamento, uma transformação, logo, é um tipo de associação momentânea caracterizada pelo modo como se aglutina e assume novas formas.

E é por meio da instituição de diferenças entre a sociologia tradicional e uma nova forma de sociologia que Latour traz à luz esta nova forma de enxergar o social e de aplicar a sociologia. Ao defender que o que ele define como “sociologia do social” precisa de, em determinados casos, ceder lugar a uma nova forma de sociologia, a “de associações”, o autor defende que, “ainda que a maioria dos cientistas sociais prefira denominar “social” como uma coisa homogênea, aludindo a um estado de coisas estável, é perfeitamente lícito chamar pelo mesmo termo uma série de associações entre elementos heterogêneos, isto é, as conexões entre as coisas” (LATOUR, 2012, p.23).

Para melhor esclarecer, Latour (2012) relaciona a sociologia do social ao ato de aprender a dirigir por uma rodovia já existente e, em contrapartida, confere à sociologia de associações o ato de explorar pela primeira vez o território acidentado em que uma estrada foi planejada contra o desejo de muitas comunidades locais. Pode-se dizer, portanto, que a sociologia de associações toma como enigma a solucionar o que a sociologia do social considera sua solução.

A proposta de redefinição do termo social se justifica devido ao aspecto enigmático desse campo. Latour exemplifica: “uma nova vacina está sendo preparada, um novo



movimento político está sendo criado, um novo sistema planetário está sendo descoberto, uma nova lei está sendo votada, uma nova catástrofe está ocorrendo. A cada instante, precisamos reformular nossas concepções daquilo que estava associado” (LATOURE, 2012, p.23). Parte daí a necessidade de se manter aberto às constantes mudanças e, conseqüentemente, às novas configurações da vida.

No entanto, vale ressaltar que, apesar de defender que em muitos casos a sociologia do social deve ceder lugar à sociologia de associações, em diversas outras situações é indispensável recorrer à sociologia do social, pois ela oferece uma maneira prática e oportuna de designar todos os elementos já aceitos na esfera coletiva. Noções como “França”, “capital social”, “totalitarismo”, “classe média baixa” são apenas alguns dos exemplos (LATOURE, 2012). Entretanto, em circunstâncias nas quais as inovações proliferam, em que as fronteiras de grupo são incertas, em que o leque de entidades a considerar flutua, a sociologia do social não consegue mais encontrar novas associações de atores.

Está aí a importância da sociologia de associações: devolver aos atores a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social. Enquanto a sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi agregado, a de associações tem o objetivo de “seguir os próprios atores”, isto é, tentar entender suas inovações a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos.

A fim de melhor trabalhar com as cinco principais instituições das ciências sociais, Latour propõe o estudo de cinco grandes incertezas: 1- a natureza dos grupos: há várias formas contraditórias de se atribuir identidade aos atores; 2- a natureza das ações: em cada curso de ação, toda uma variedade de agentes parece misturar-se e deslocar os objetivos originais; 3- a natureza dos objetos: o tipo de agências que participam das interações permanece, ao que tudo indica, aberto; 4- a natureza dos fatos: os vínculos das ciências naturais com o restante da sociedade parecem ser constantemente fonte de controvérsias; 5- o tipo de estudos realizados sob o rótulo de ciência do social, pois nunca fica claro em que sentido exato se pode dizer que as ciências sociais são empíricas. Para este trabalho, é pertinente focar apenas nas três primeiras grandes incertezas, visto que esta parte constitui uma boa apresentação da visão de Latour acerca do estudo sociológico na contemporaneidade.

A primeira destas fontes de incerteza estabelece que não há grupos, apenas formação de grupos. Enquanto os sociólogos do social consideram necessário reconhecer a existência inquestionável de fronteiras – ao determinar grupos, por exemplo -, os sociólogos de

associação defendem que existem inúmeras formações de grupo e alistamento em grupos contraditório. Deve-se, assim, adotar o procedimento dos atores e sair pelo mundo rastreando as pistas deixadas pelas atividades deles na formação e dismantelamento de grupos – sem que se determine, já de início, que tipo de grupo e nível de análise enfatizar, a fim de não restringir o estudo. Latour instaura que os grupos não são coisas silenciosas, mas “o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele” (LATOURE, 2012, p.55).

Latour critica a abordagem dos sociólogos do social ao afirmar que eles estão sempre prontos a produzir termos precisos, bem escolhidos e sofisticados para exprimir aquilo que eles dizem que os atores dizem, sob a justificativa de que há a “necessidade de restringir o alcance da investigação” ou pelo “direito que tem o cientista de definir seu objeto”. Uma das diferenças entre as escolas é que a primeira tem seu olhar dirigido ao mundo exterior – com atores e estudiosos em barcos separados -, enquanto na segunda o cientista integra aquilo que faz o grupo existir, durar ou desaparecer – nesse caso, atores e estudiosos permanecem num só barco e desempenham o mesmo papel, ou seja, a formação de grupos.

Ademais, o francês acusa os sociólogos do social de apelar para a “inércia social” - porque, para eles, a ordem é a regra; a decadência, a mudança ou a criação são as exceções. Já para a sociologia de associações, se pararmos de fazer e refazer grupos, não haverá grupos – o que significa que, para os sociólogos de associações, a regra é a performance. “O objeto de uma definição ostensiva permanece aí, não importa o que aconteça ao dedo indicador de quem assiste. Mas o objeto de uma definição performativa desaparece quando não é representado – ou, caso permaneça, isso significa que outros atores entraram em cena” (LATOURE, 2012, p.63).

Três questionamentos norteiam a forma como a Teoria Ator-Rede (*Actor Network Theory*, em inglês) pode ser utilizada para reunir conexões sociais de acordo com os três deveres assumidos pela sociologia do social: 1- como dispor as muitas controvérsias sobre associações sem restringir, de antemão, o social a um domínio específico?; 2- como tornar plenamente rastreáveis os instrumentos que permitem aos atores estabilizar essas controvérsias?; por meio de quais procedimentos é possível reagregar o social não numa sociedade, mas num coletivo?

O que faz com que tudo se passe de maneira diferente com a ANT é que, segundo a teoria, nem a sociedade nem o social existem; precisam ser retraçados por meio de mudanças

sutis na conexão de recursos não sociais. “A fim de interpretar o mundo, temos de esquecer a estranha ideia de que todas as línguas podem ser vertidas para o idioma já solidamente estabelecido do social” (LATOURE, 2012, p.69).

Latour atenta para o fato de fazer grande diferença se os meios de produzir o social são encarados como intermediários ou mediadores. Os primeiros, segundo ele, transportam significado ou força sem transformá-los, isto é, definir o que entra já define o que sai. Já os segundos não podem ser contados como apenas um, podem valer por um, por nenhum, por vários ou uma infinidade; o que entra neles nunca define exatamente o que sai. Isto é, “os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012, p.65).

A verdadeira diferença entre as duas escolas de pensamento se torna visível quando os “meios” ou “ferramentas” usados na “construção” são encarados como mediadores e não como meros intermediários. Enquanto os sociólogos do social acreditam em um tipo de agregados sociais, poucos mediadores e muitos intermediários; para a ANT, não há um tipo preferível de agregados sociais, existem incontáveis mediadores e, quando estes são transformados em fiéis intermediários, não temos aí a regra.

A segunda fonte de incerteza trata de afirmar que “a ação é assumida”. No termo “ator-rede”, o “ator” não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que se aglomeram em sua direção – logo, empregar a palavra “ator” significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar. Se se diz que um ator é um ator-rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação – contudo, cabe dizer que não é porque hesitamos quanto à fonte da ação que precisamos nos apressar em esclarecer de onde ela provém (LATOURE, 2012).

A título de entendimento, cabe destacar que, para Latour, uma ação invisível, que não faça diferença, não gere transformação, não deixe traços e não entre num relato não é uma ação. Isso porque, ainda segundo ele, as ações sempre aparecem num relato como responsáveis por um feito, ou seja, como algo que afeta um estado de coisas.

A terceira fonte de incerteza sustenta que os objetos também agem. Portanto, nossa principal pergunta em relação a um agente é esta: ele faz ou não diferença no curso da ação de outro agente?

“Se a ação se limita ao que os humanos fazem de maneira “intencional” ou “significativa”, não se concebe como um martelo, um cesto, uma fechadura, um gato, um tapete, uma caneca, um horário, uma etiqueta possam agir. (...) Em contrapartida, se insistirmos na decisão de partir das controvérsias sobre atores e atos, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator” (LATOURE, 2012, p.108)

A ANT não alega que os objetos fazem coisas “no lugar” dos atores humanos: diz apenas que nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o que e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada. Latour critica, mais uma vez, os sociólogos do social ao afirmar que, para eles, os objetos existem, naturalmente, mas não são alvo de pensamento social. “Parece não haver meio, veículo ou porta de entrada para inseri-los no tecido formado pelos outros laços sociais. Quanto mais pensadores radicais insistem em atrair a atenção para os humanos nas margens e na periferia, menos citam os objetos” (LATOURE, 2012, p.111). No entanto, uma vez libertos do silêncio, os objetos começam a balbuciar. Partem então em todas as direções, sacudindo os atores humanos para despertá-los.

Mas Latour faz um adendo: para serem levados em conta, os objetos precisam ingressar nos relatos. Quando não deixam traços, não fornecem nenhuma informação ao observador e não produzem efeito visível em outros agentes, permanecem em silêncio e deixam de ser atores: não são mais levados em conta. Há também outra questão. Os objetos, pela própria natureza de seus laços com humanos, logo deixam de ser mediadores para se transformarem em intermediários – “uma vez construído, o muro de tijolos não pronuncia uma palavra” (LATOURE, 2012, p.118).

Já que os objetos, por mais importantes que sejam, tendem a recuar depressa aos bastidores, é preciso adotar certos truques para forçá-los a falar. Por ora, neste trabalho, apenas citaremos brevemente as quatro ocasiões nas quais Latour acredita ser mais fácil visualizar o objeto em ação: 1- no estudo de inovações e controvérsias, pois nessas situações os objetos podem ser mantidos por mais tempo como mediadores visíveis antes de se tornarem intermediários invisíveis; 2- ao surgir, no curso normal da ação, elementos estranhos, exóticos, arcaicos ou misteriosos; 3- em acidentes, rupturas e golpes, pois nessas ocasiões intermediários completamente silenciosos se tornam mediadores; 4- sempre é possível trazer os objetos dos bastidores utilizando arquivos, documentos, lembranças, etc.

## Proposições da Teoria Ator-Rede

Se o social permanece estável e consegue justificar um estado de coisas, não é ANT. (Latour, 2012)

Em alguns momentos deste trabalho, citamos a Teoria Ator-Rede (Actor-Network Theory, em inglês); a título de melhor entendimento, faz-se necessário dissecar esta noção dizendo, já a princípio, que a ANT é uma maneira de se referir à sociologia de associações. De início, Latour pensou em utilizar outro termo, mas ao perceber que o acrônimo ANT significa formiga em inglês (*ant*), acreditou ser pertinente mantê-lo por se tratar, em suas palavras, “de uma formiga escrevendo para outras formigas” (2012). Logo, concluiu que a expressão era perfeitamente adequada para um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e societário.

O que propõe a ANT é que não se tente disciplinar os atores e enquadrá-los em suas categorias; a intenção é que se atenham a seus próprios mundos e só então que expliquem sobre o modo como os estabeleceram. O que significa que a tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não a quem os analisa. Sendo assim, a ANT não considera sua função estabilizar o social em nome das pessoas que estuda: este é o dever dos “próprio atores”.

Ao longo de sua teorização, Latour recorre a diversos exemplos e associações para facilitar o entendimento sobre a ANT. Em determinado momento, o autor relaciona a sociologia de associações ao trabalho de um cartógrafo ao registrar a forma de uma costa estrangeira num pedaço de papel. Ele explica que se poderia desenhar em formato geométrico – as baías devem ser círculos, os cabos devem ser triângulos e os continentes ser quadrados. Contudo, ao constatar a tremenda confusão gerada por esses registros, ele perceberá ser necessário desenhar a costa na forma tortuosa que a história geológica lhe imprimiu, mesmo que com tantos e sinuosos contornos. Isso porque, nenhum deles se adaptaria perfeitamente às formas geométricas predeterminadas – assim como ocorre com diversas “situações sociais”, muitas vezes impossíveis de ser encaixadas em moldes determinados.

E, de certa forma, o francês faz uma provocação aos sociólogos do social ao dizer que “agora que os geólogos aceitaram a noção de plataformas continentais rígidas e frias flutuando livremente sobre o leito quente e pastoso, que se projeta das profundas fendas oceânicas, os

geólogos não se encontram, por assim dizer, em ‘terrenos mais firme?’ – instaurando, assim, que também devemos achar nosso terreno firme: sobre as areias movediças do acontecimento (LATOUR, 2012, p.45).

### **Cartografia das Controvérsias, Cartografia de Conflitos**

Desenvolvida principalmente por Michel Callon e Bruno Latour, a Cartografia das Controvérsias é um método intimamente ligado às noções fornecidas pelos próprios atores sobre social, ator, ações e objetos – ideias tratadas anteriormente neste trabalho. Se, muitas vezes, é tortuoso promover o estudo de situações já “encerradas pela história”, torna-se ainda mais complexo analisar casos que ainda estão em aberto, em constante conflito. E foi pensando nesses casos controversos que Callon e Latour desenvolveram este método.

Assim como a ANT – e por ser parte desta teoria -, a Cartografia das Controvérsias enfatiza a ideia de que os atores, humanos e não humanos, estão constantemente ligados a uma rede social de elementos - materiais e imateriais. Isto é, as redes são compostas não apenas por pessoas, mas também por máquinas, animais, textos, dinheiro, arquiteturas – enfim quaisquer materiais. Portanto o argumento é que o que compõe o social não é simplesmente humano. O social é também composto por todos esses materiais.

Mas, afinal, o que é uma controvérsia? Para Tommaso Venturini, é um debate a respeito de uma técnica ou fato científico que ainda não foi determinado; é se confrontar com formas de conhecimento que ainda estão instáveis, sobre as quais não existe um guia claro. E por que focar em controvérsias em vez de fatos científicos estabelecidos? O autor justifica: o conhecimento técnico e científico é sempre apresentado em sua forma final, sem sequer oferecer clareza sobre como sua certeza foi alcançada. A ideia é que se destitua ao máximo das certezas por meio do confronto direto com uma situação de conflito<sup>54</sup>.

A palavra “controvérsia” refere-se a cada porção de ciência e tecnologia que ainda não se estabilizou ou se limitou numa “caixa preta”; utiliza-se esse termo para descrever a incerteza compartilhada. Isto é, controvérsias são situações nas quais os atores discordam (ou melhor, concordam com seu desacordo). As controvérsias começam quando os atores descobrem que eles não podem ignorar uns aos outros e terminam quando os atores passam a gerenciar um

---

<sup>54</sup> (FONTE: Artigo de Tommaso Venturini, disponível em: <http://www.demoscience.org/controversies/description.php>)

compromisso sólido e estável. Qualquer coisa entre esses dois extremos pode ser chamada de controvérsia. Isto é, controvérsias são os lugares onde as relações mais heterogêneas são formadas<sup>55</sup>.

Uma das maiores dificuldades encontradas hoje na pesquisa de processos que envolvam a web, é desenvolver uma metodologia capaz de dar conta da imensidão e da fluidez dos dados que ela abarca. A cartografia de controvérsias foi desenvolvida como uma versão didática da Teoria Ator-Rede, a fim de capacitar estudantes universitários na investigação do debate sociotécnico contemporâneo.

O oceano de informações que se produz hoje é tanto o "problema" a ser enfrentado quanto sua "solução". As mesmas ferramentas de produção e circulação das controvérsias podem ser apropriadas para cartografá-las. Neste sentido, a cartografia é também um dispositivo de visualização das controvérsias que permite não só a compreensão de um campo de problemas, mas também a participação política nas questões científicas e tecnológicas.

Há a necessidade de criação de dispositivos políticos capazes de potencializar a participação democrática no contexto das novas redes e tecnologias digitais. Uma de suas questões centrais poderia ser – como agir e fazer agir politicamente hoje, utilizando as redes e tecnologias digitais? Diante de uma reconfiguração significativa nos modos produção e circulação de informações (especialmente visível na Internet em sua versão 2.0), é preciso criar dispositivos que potencializem, tanto no âmbito cognitivo, quanto social e político, a participação nos debates e decisões da vida pública. Na ausência da fonte de autoridade que garanta a verdade ou confiabilidade da informação, são as controvérsias mesmas que precisam ser cartografadas. Cartografar controvérsias é, portanto, uma abordagem ao mesmo tempo teórica, metodológica e política que se inscreve no programa da ANT (*Actor Network Theory*) e que encontra um terreno fértil nas redes e tecnologias digitais de comunicação distribuída.

Simplificando em breves palavras, podemos dizer que o método consiste em: 1- localizar uma controvérsia que se queira estudar; 2- captar os dados necessários a respeito do tema a ser tratado, mediante ferramentas como o YourTwrapperkeeper – que, quando programado, recolhe informações e conteúdos da rede social Twitter; 3- identificar o que deve ser analisado sobre a controvérsia escolhida – pois sempre há possibilidades de muitos focos;

---

<sup>55</sup> (FONTE: Artigo de Tommaso Venturini, disponível em: [http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso\\_venturini/Diving\\_in\\_Magma.pdf](http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/Diving_in_Magma.pdf))

4- e, por fim, realizar uma análise metódica dos dados, por meio de programas como o Gephi - que funciona como um gerador de grafos a partir das informações captadas anteriormente<sup>56</sup>.

## II. Genealogia dos Recentes Protestos no Brasil

O ano de 2010 foi o marco inicial do levante da multidão que se observa até os dias de hoje em todo o globo. Em dezembro desse ano, teve início a Primavera Árabe, quando populações de países do oriente médio e do norte africano foram às ruas para se manifestar contra as tentativas de repressão e censura na Internet por parte dos Estados, as más condições de vida, além do desemprego e da injustiça política e social de seus governos. Segundo Rosiny (2012), a autoimolação do jovem Mohammed Bouazizi em razão do confisco, pelo governo da Tunísia, de seu único meio de sobrevivência – uma singela barraca de legumes – foi o estopim para que algo impactante acontecesse no mundo árabe. A partir daquele final de ano de 2010, sucessivas revoltas, deflagradas por pequenos grupos, depois atingindo grandes massas e se espalhando como um efeito “dominó” por todo o Norte da África e Oriente Médio, determinaram inesperadas perspectivas sobre o futuro político, constitucional e social desses Estados.

Uma característica fundamental da Primavera Árabe é sua transnacionalidade: o episódio desencadeante de Túnis, na Tunísia, foi fonte de inspiração para outros movimentos no Egito, Marrocos, Líbia, Bahrein e Síria, e ainda colocou em alerta todos os países do Golfo Pérsico, Irã e Jordânia. Tal espraiamento das revoltas foi auxiliado pela instrumentalização dos novos meios de comunicação. O papel do Facebook e da rede de televisão Al-Jazeera, tanto na coordenação de eventos e reuniões, quanto na mobilização emocional (ao mostrar imagens, vídeos e discursos em favor da mudança), deve ser ressaltado (BECK E HÜSER, 2012). O fato é que a população árabe não é a mesma de 30 anos atrás – é mais informada, composta de maior contingente de jovens universitários, com acesso a meios de comunicação e demandas democratizantes<sup>57</sup>. A partir daí, uma onda de protestos cobriu o globo, não somente o chamado Mundo Árabe.

Na Espanha, o movimento intitulado 15M (devido à data de início, 15 de maio) tomou as ruas e praças com reivindicações que iam desde a defesa de uma democracia mais participativa, sem interferências dos bancos e das empresas, até uma luta para melhorar o

<sup>56</sup> Para um maior detalhamento acerca da metodologia e das ferramentas que podem ser utilizadas para aplicá-la: (<http://www.tommasoventurini.it/web/index.php?page=exploring-controversies> e <http://www.tommasoventurini.it/web/index.php?page=representing-controversies>)

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.opiniaopublica.ufmg.br/emdebate/dawissonjoaopaulo.pdf> Acessado em abril de 2014



sistema democrático como um todo. Sobre isso, Javier Toret (2012) afirma que um movimento auto-organizado foi se formando por milhares de pessoas anônimas nas redes sociais entre fevereiro e maio de 2011, sob o nome de Democracia Real Já (DRY – Democracia Real Ya) e com o lema de “não somos mercadoria nas mãos de políticos e banqueiros”. Inspirados na Primavera Árabe e no calor da crise econômica, esse movimento foi capaz de organizar uma mobilização coletiva e distribuída em mais de 70 cidades espanholas – ato totalmente inédito nos últimos 30 anos na Espanha.

Começamos a nos organizar criando um grupo no Facebook e logo depois estávamos no Twitter, Youtube e Tuenti (as redes sociais mais utilizadas na Espanha), para difundir a mensagem da convocatória, mas sobretudo para fazer com que as pessoas rompessem a fronteira entre admirar um processo e incorporar-se ativamente nele. Em apenas alguns meses de trabalho na Internet construímos uma energia colaborativa incrível capaz de envolver milhares de pessoas numa campanha para mobilização em 15 de maio. A campanha não era meramente um protesto contra o estado das coisas, mas também pregava oito reivindicações claras: a eliminação dos privilégios da classe política, o controle das instituições bancárias, direito à habitação, medidas contra o desemprego, serviços públicos de qualidade, nova tributação, democracia participativa e redução dos investimentos militares. Essa situação converteu a crise econômica e social em algo intolerável. A manifestação do dia 15 de maio de 2011 modificou subitamente a relação entre o tolerável e o desejável na sociedade espanhola (TORET, 2012)<sup>58</sup>.

Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street de fato ocupou diversas cidades do país numa luta contra a desigualdade social e econômica, a ganância, a corrupção e a indevida influência de empresas – sobretudo no setor financeiro – no governo do país. E, dessa maneira, uma onda de indignação foi tomando todo o mundo. No Brasil não foi diferente. Em meados de 2011, com a realização das Marchas da Maconha, da Liberdade e das Vadias, já se anunciava que os brasileiros também estavam tomados pelo desejo de ir às ruas lutar por suas causas.

Em 2013, o pontapé inicial dos protestos teve à frente o Movimento Passe Livre, que desde 2005 luta pela redução na tarifa das passagens do transporte público em grandes centros urbanos como Florianópolis, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao longo desses anos, o MPL alcançou, em geral, apenas repercussão local, conseguindo êxitos pontuais como a redução de algumas tarifas, mas sem grandes transformações na política de mobilidade pública.

Em junho deste ano, a prefeitura da cidade de São Paulo e o governo do Estado anunciaram um aumento de R\$0,20 (vinte centavos) na tarifa do transporte público urbano.

---

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.universidadnomada.net/spip.php?article380> Acessado em abril de 2014

Estimulada pelos ideais do MPL, a população foi às ruas nos dias 6, 7 e 11 se manifestar contra o aumento, e foi recebida com truculência por parte da polícia. Nessas manifestações, alguns manifestantes e policiais ficaram feridos. A violência policial gerou indignação e, no dia 13 de junho os protestos começaram a se espalhar por algumas cidades do Brasil.

Na cidade de São Paulo, houve muita represália policial, com vários manifestantes e inclusive jornalistas sendo feridos. Houve também muitos casos de “detenção para averiguação”, em que manifestantes foram detidos por motivos como “portar vinagre” (substância que alivia o incômodo causado pelo gás lacrimogêneo utilizado pela polícia para dispersar os manifestantes). A partir deste dia (13), uma onda de indignação fez com que houvesse um crescimento exponencial no número de participantes nas manifestações.

Essa indignação tomou as ruas por todo o país. No Rio de Janeiro, em alguns dias, as manifestações chegaram a 100 e 300 mil pessoas. Em São Paulo, a 150 mil. Em Vitória, 100 mil. Houve protestos diariamente em várias cidades do Brasil entre os dias 17 ao 21. Entretanto, a questão do transporte começa a sair de pauta, por ter sido atendida em várias cidades – várias cidades conseguiram a reversão do aumento nos valores do transporte público. Em São Paulo e no Rio de Janeiro o anúncio foi feito no dia 19 de junho, mas em tom ameaçador, com governantes dizendo que isso afetaria outras áreas, como saúde e educação.

Por volta do dia 20 de junho, as manifestações tomam outro caráter, e começam a ter temas menos focados na questão do transporte e causas cada vez mais heterogêneas. Surgem pautas como as PECs 37 e 33, a “Cura Gay”, o Ato Médico, Reforma Política e gastos exorbitantes com a Copa das Confederações FIFA 2013 e com a Copa do Mundo FIFA 2014. Além de várias outras pautas locais e específicas de cada uma das cidades envolvidas nos protestos. No dia 20 de junho, houve um pico de mais de 1,4 milhão de pessoas nas ruas de mais de 120 cidades pelo Brasil<sup>59</sup>.

Com base na genealogia dos protestos no Brasil e na Teoria Ator-Rede, descrita anteriormente neste capítulo, consideramos que os protestos no Brasil são controvérsias a serem estudadas, pois: 1- as manifestações são areias movediças nas quais devemos achar nosso terreno firme; 2- é lícito chamar de controvérsia uma série de associações entre elementos heterogêneos, isto é, as conexões entre as coisas; 3- A cada instante, precisamos reformular nossas concepções daquilo que estava associado. Parte daí a necessidade de se manter aberto às constantes mudanças e, conseqüentemente, às novas configurações da vida; 4-

---

<sup>59</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_no\\_Brasil\\_em\\_2013](http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013). Acesso em: 15 de agosto de 2013

os protestos devolvem aos atores a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social, e também de tentar entender suas inovações a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos; 5- a cartografia das Controvérsias é um método intimamente ligado às noções fornecidas pelos próprios atores sobre social, ator, ações e objetos; 6- a cartografia das Controvérsias enfatiza que as redes são compostas não apenas por pessoas, mas também por máquinas, animais, textos, dinheiro, arquiteturas – enfim quaisquer materiais, como a Internet, por exemplo; 7- A palavra “controvérsia” refere-se a cada porção de ciência e tecnologia que ainda não se estabilizou ou se limitou numa “caixa preta”. Utiliza-se esse termo para descrever a incerteza compartilhada. Controvérsias são os lugares onde as relações mais heterogêneas são formadas – assim como as manifestações o são.

### **III. Estudo de Caso: O #vemprarua no Twitter**

#### **1. Rede #vemprarua Completa e Sem Aplicação de Métricas:**

Com o objetivo de mostrar a rede completa do #vemprarua, de 15 de junho a 15 de julho, geramos a visualização a seguir, sem aplicação de qualquer tipo métrica – ao contrário do que foi feito nos grafos trazidos a seguir. O resultado é uma nuvem de cores (ver figura 5), nós (atores/usuários) e arestas (RTs), que representam todos os atores envolvidos na rede #vemprarua no período analisado. Obviamente, devido ao grande volume de dados – foram quase meio milhão de *tweets* contendo a *tag* #vemprarua no mês analisado -, não é possível visualizar cada ator e sua devida importância na rede. Entretanto, optamos por disponibilizar esse grafo completo, sem métrica, para que o leitor tenha a dimensão do tamanho e da importância da rede #vemprarua na data analisada.



equivale ao número de comunidades formadas entre os nós a partir de suas arestas, ou seja, os RTs que esses receberam ou executaram.

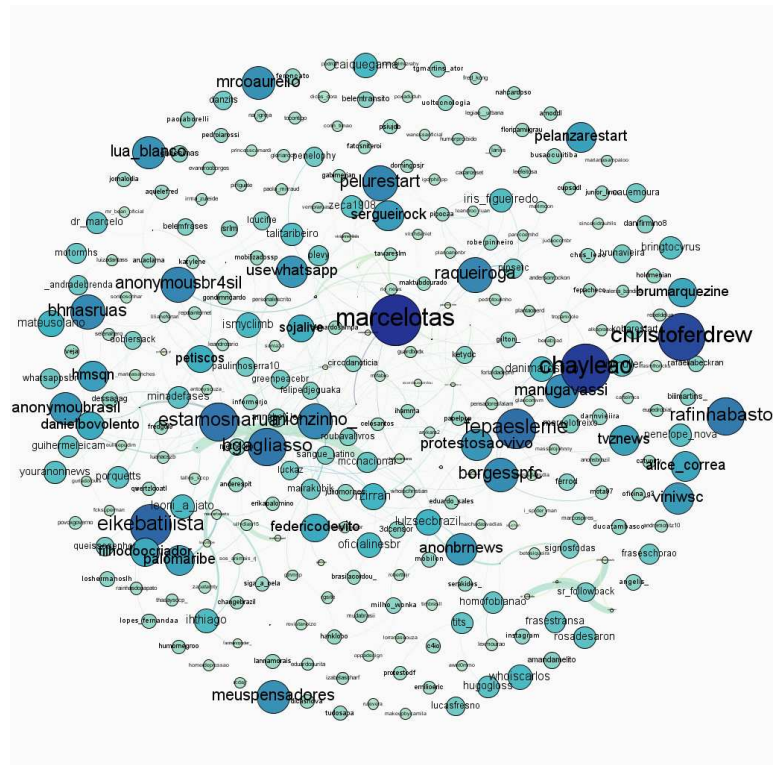


Figura 6: gerada a partir das estatísticas de Modularidade (representada pelas cores) e Grau de Entrada (representado pelo tamanho dos nomes, isto é, da legenda dos nós)

Para gerar a Figura 6, além de aplicar a estatística de modularidade, utilizamos também a estatística de grau de entrada, já que os resultados da aplicação de uma, nesse caso, não interferem nos resultados da aplicação de outra. A seguir, explicamos a métrica de grau de entrada, a partir do mesmo grafo (ver Figura 6).

### 3. Grau de Entrada

A segunda estatística aplicada no grafo do #vemprarua foi a de grau de entrada. O grau de um nó ou vértice é dado pelo número de arestas que lhes são incidentes. O grau de entrada, especificamente, retrata quem são os mais retuitados da rede. Isto significa dizer que, ao aplicar a estatística de grau de entrada, descobrimos quais são os perfis que mais receberam RTs na rede do #vemprarua.

Aqui, utilizamos o Force Atlas 2, um layout de força direcionada que simula um sistema físico. Nós se repulsam enquanto arestas atraem os nós que elas conectam (como molas). Essas forças criam um movimento que converge para um estado de equilíbrio. O desenho de força direcionada tem a especificidade de colocar a função de um nós para todos os outros, não limitando a característica única de cada um deles. Isso faz com que o grafo nem sempre apresente a mesma configuração final, pois o resultado depende das forças aplicadas, mas também ao estado inicial dos nós e até mesmo a aproximação com o algoritmo. Nesse, layout, não se deve ler a posição de um nós, mas sim compará-la com os outros nós na rede (JACOMY, et al, 2011).

No grafo aqui produzido (ver Figura 6: modularidade + grau de entrada), além de aplicar as estatísticas modularidade e grau de entrada, aperfeiçoamos a apresentação dos dados com outras duas funções do Gephi: o tamanho dos nós e as cores dos nós e das arestas. Assim, aqueles que possuem os maiores nós são os que tiveram maior destaque nessa estatística, ou seja, foram os perfis que mais foram retuitados na rede #vemprarua.

Ao analisar o grafo, percebe-se que três perfis se destacam: 1- @marcelotas: jornalista e apresentador do programa CQC da Band; 2- @chayleao: ator da novela adolescente Rebelde e atual apresentador da MTV Brasil; 3- christoferdrew: ativista e músico folk estadunidense<sup>60</sup>. Além de outros menores, mas também evidentes: 4- @eikebatiiista: perfil humorístico e fake sobre Eike Batista, empresário brasileiro com atuação nos setores de energia, petróleo e gás; 5- @fepaesleme: atriz brasileira; 6- @bgagliasso: ator brasileiro; e 7- @rafinhabastos: comediante brasileiro. Estes são, portanto, em ordem de aparição, os perfis que mais receberam RTs na rede #vemprarua. Há também outros nós, de menor escala, mas que também têm sua importância na constituição dessa rede, como: @anonymousbr4asil, @anonbrnews, @bergesspvc.

#### 4. Grau de Saída

Outra estatística importante é o grau de saída. Se o grau de entrada equivale ao número de RTs que os perfis receberam, o grau de saída trata do contrário: representa o número de RTs que os perfis deram. A figura 7 foi gerada a partir das estatísticas de modularidade e grau de saída, seguindo a mesma fórmula adotada para criar a Figura 6 (modularidade + grau).

---

<sup>60</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Christofer\\_Drew](http://pt.wikipedia.org/wiki/Christofer_Drew)

Na Figura 7, pode-se perceber que três perfis se destacaram, evidentemente sendo muito maior que os demais; estes são os que tiveram maior grau de saída, isto é, os três que mais deram RTs na rede do #vemprarua: 1- @anonymousfrai: um bot anônimo que retuita os tweets com determinadas palavras e hashtags – e #vemprarua é uma dessas tags monitoradas e retuitadas automaticamente pelo bot; 2-@toni\_joiarara: um fake que faz alusão ao próximo personagem do ator Thiago Lacerda em Jóia Rara, próxima novela a estrear na Rede Globo - como diz a bio da conta, “Serei o próximo personagem do Thiago Lacerda em #JoaiaRara #ToniVidaloka; 3- @mariahbretzke: usuária do Twitter que se autodenomina “Mariah GuaraniKaiowá”.

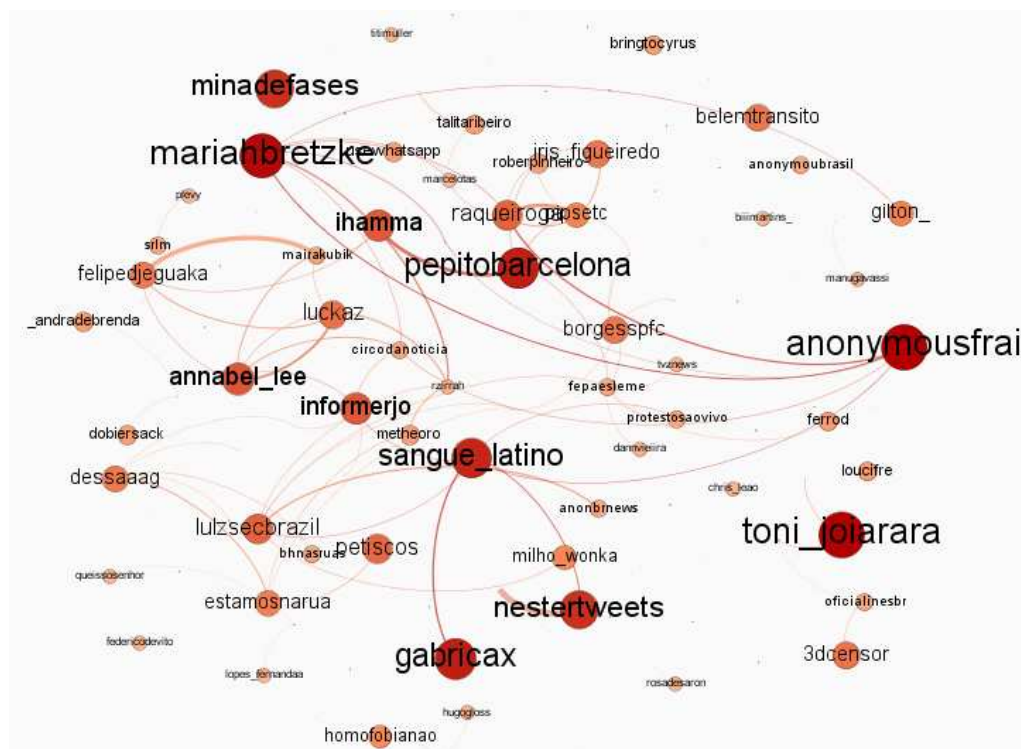


Figura 7: gerada a partir das estatísticas de Modularidade (representada pelas cores) e Grau de Saída (representado pelo tamanho dos nomes, isto é, da legenda dos nós)

## 5. HITS

Essa métrica determina dois valores para uma página (ou nó): a sua autoridade e o valor de hub. Criado por Jon Kleinberg, esse modelo é baseado em uma estrutura de hyperlinks que permitem a interferência de autoridade e algoritmos que identificam páginas relevantes para tópicos de busca de caráter geral. Ou seja, essa métrica está relacionada entre as páginas (ou

nós) que são autoridades sobre um tópico e as páginas que interligam essas autoridades, os hubs (FILHO, 2005). Os hubs são, portanto, aqueles que indicam para boas autoridades, enquanto as autoridades são as páginas pontuadas por muitos bons hubs (KLEINBERG, 1998).

Na rede formada pela *hashtag* #vemprarua após a mineração dos dados com o algoritmo HITS, selecionamos inicialmente para a análise a estatística de autoridade.

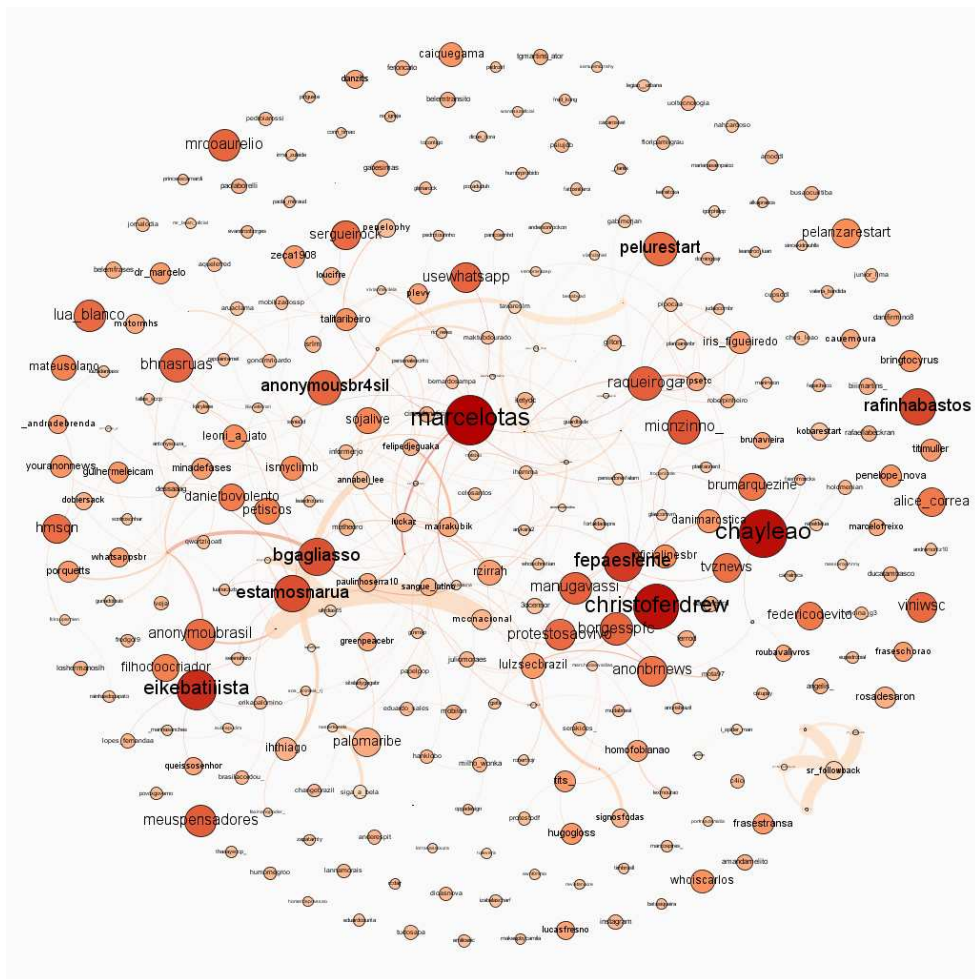


Figura 8: gerada a partir da estatística Hits, com a métrica de Autoridade. Cores e tamanhos dos nós representam as maiores autoridades da rede #vemprarua

Observa-se que as autoridades em torno do tema #vemprarua coincidem com os valores mais altos de grau de entrada (ver figura 8). Portanto, percebe-se que os mais destacados são os mesmos nessas duas estatísticas: 1- @marcelotas, 2- @chayleao e 3- @christoferdrew. Além de outros menores, mas também evidentes: 4- @eikebatiista, 5- @fepaesleme, 6- @bgagliasso e 7- @rafinhabastos. Como mostra a Figura 3, as cores e os tamanhos dos nós representam as maiores autoridades da rede #vemprarua. Dizer que esses perfis são autoridades significa dizer que são os perfis cujas mensagens apresentam uma maior relevância e popularidade na rede. E



além desses mais destacados, há outros de menor escala, mas que também foram fundamentais para a constituição dessa rede: @estamosnarua, @pelurestart, @lua\_blanco, apenas para mencionar alguns.

Em seguida, analisamos os hubs dessa narrativa, gerando um outro grafo (ver Figura 9). Mas, dessa vez, encontramos um núcleo formado por outros tipos de perfis e que desempenham um papel diferente daqueles apresentados na métrica de autoridade.

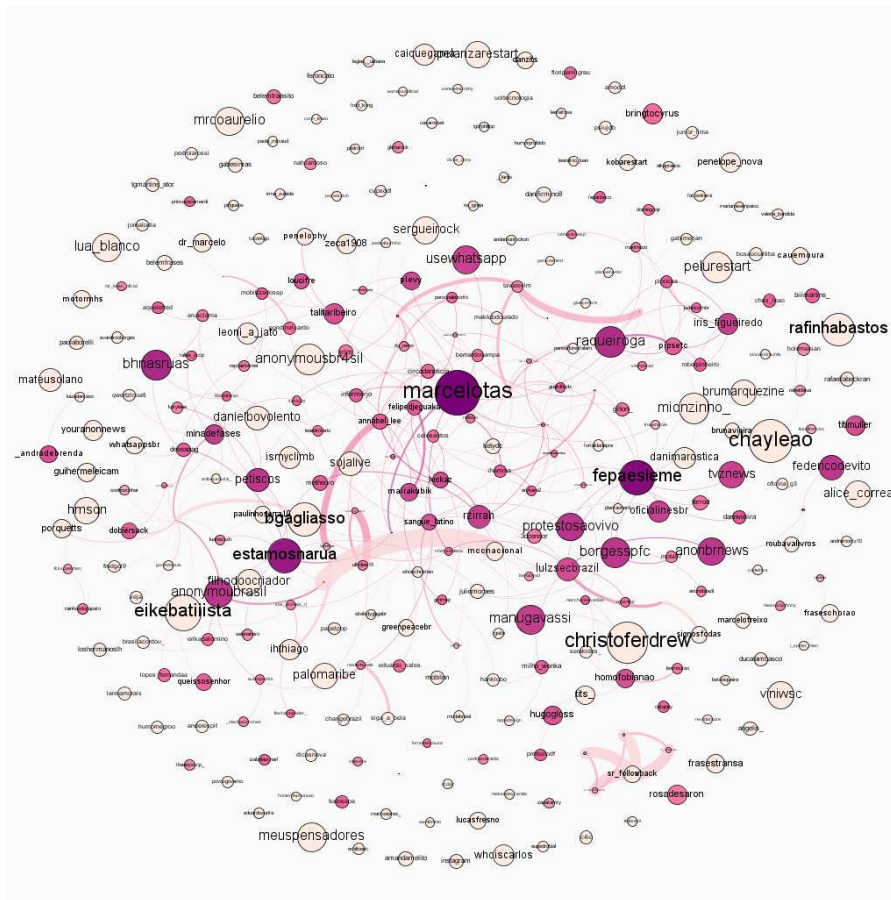


Figura 9: gerada a partir da estatística HITS, com a métrica de Hub. As cores e tamanhos dos nós representam os maiores hubs da rede #vemprara.

Os perfis 1-@marcelotas, 2-@fepaesleme e 3-@estamosnarua (perfil que, segundo sua bio, traz “informações sobre protestos no Brasil e no mundo. Somos mídia independente brasileira”) são, em ordem de aparição, os maiores hubs dessa rede – representados pelas cores e pelos tamanhos dos nós. É interessante notar que os dois primeiros são hubs porque os nós conectados a eles são muito dependentes, não estão ligados na rede. Já no caso do

@estamosnarua parece ocorrer o inverso: o perfil é hub pois os nós conectados a ele não dependem apenas dele, mas sim de toda a rede, à qual estão ligados.

## 6. Centralidade de Intermediação

O valor encontrado no Gephi para a centralidade de intermediação – conhecida no Gephi também com o nome de Betweenness - diz respeito à medida do potencial de um nó de servir como intermediário, ou seja, essa estatística demonstra o quanto um ator facilita a circulação de informação numa rede. Segundo definição encontrada no próprio Gephi, essa estatística “mede a frequência com que um nó aparece nos caminhos mais curtos entre nós da rede”. Logo, pode-se dizer que quanto mais um nó for encontrado no menor caminho entre dois nós aleatórios, maior será a sua centralidade de intermediação.

Krebs (2006) explica que uma pessoa com uma maior centralidade de intermediação tem uma das melhores localizações na rede, mesmo que tenha poucas conexões diretas, ela exerce uma função importante, pois funciona como um porteiro em uma fronteira, permitindo ou não a entrada de conteúdo. De acordo com Silva (2010), a centralidade de intermediação atribui importância a um nó devido ao fato da passagem de fluxo por ele interligar outros dois nós da rede e disso ocorrer pelo menor caminho possível. Nesse caso, o nó com maior centralidade de intermediação é aquele que participa de maneira mais ativa em um processo de interação.

Observa-se também que um nó com centralidade de intermediação igual a zero (0) não é o caminho para nenhum outro nó na rede, ele encontra-se na extremidade da rede, logo seu valor é nulo. O nó encontra-se no grafo porque deu RT em alguém, mas não tem conexão com nenhum outro nó da rede, isto é, é interessante notar que esses nós são, em geral, fãs dos nós com maior grau de entrada. Na rede geral do #vempraru, a partir dessa métrica (ver Figura 10), nota-se que os perfis que tiveram maior valor para a estatística de intermediação são 1- @Annabel\_lee: usuário(a) do Twitter, 2- @informerjo: segundo a própria bio do Twitter, “informações sobre o Rio de Janeiro, Denúncias, Trânsito, Desastres, Alagamento, Acidentes on time, full time!!!”; 3- @luckaz: Lucas Moraes, jornalista; 4- @corneteiorj: perfil aparentemente anônimo que diz, em sua bio, “Vou cornetar tudo...Vou divulgar! Com muita ironia e sarcasmo...Tô falando que vou falar...”; 5- @celosantos: usuário do Twitter; 6- @querovoz: traz em sua bio a frase “2013: O ano em que o Brasil descobriu que democracia aqui é só um rótulo pra gringo ver! #VemPraRua! #AcordaBrasil” .

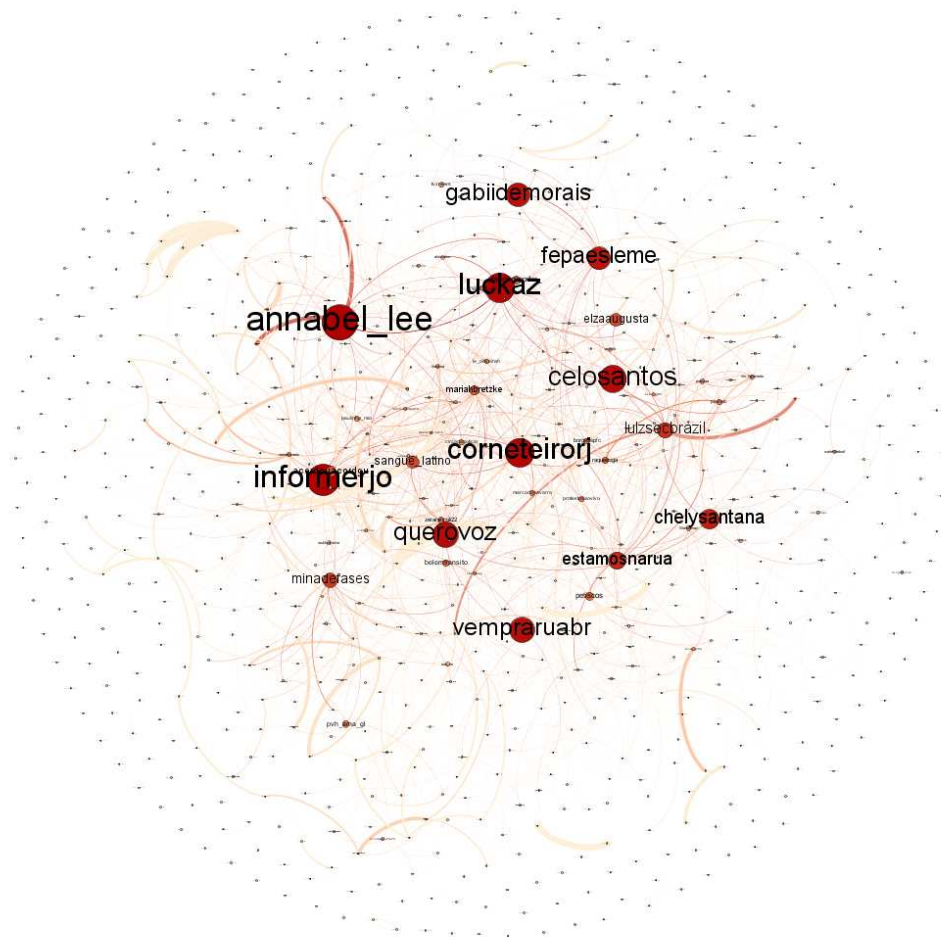


Figura 10: gerada a partir da estatística de Centralidade de Intermediação. Cores e tamanhos dos nós representam os atores mais intermediários desta rede

## 7. Centralidade de Autovetor

Nessa métrica, é possível encontrar os atores mais influentes em função da qualidade de suas adjacências ou seja, aqueles que estão mais próximos dos demais, considerando-se toda a estrutura da rede. Aqui, a importância do nó é baseada em suas conexões. Segundo Silva (2010), se um nó está ligado a outros que se encontram em uma posição central na rede, esse ponto terá centralidade de autovetor elevada. O processo de centralidade aqui se dá a partir do outro, o que quer dizer que se pode ter o valor de centralidade de autovetor alto, mesmo se a influência for apenas sobre um nó, porque esse nó está ligado a outros importantes, e assim sucessivamente.

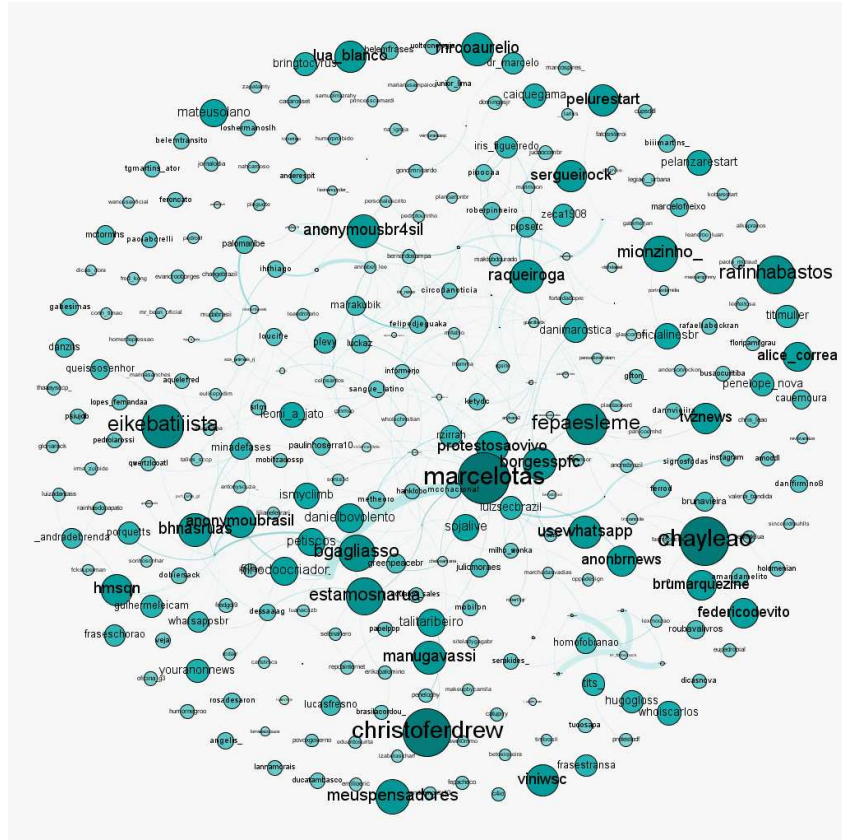


Figura 11: gerada a partir da estatística de Autovetor. Cores e tamanhos dos nós representam os atores com maior centralidade de autovetor

A rede constituída pelo #vemprarua apresenta, em sua grande maioria, perfis com centralidade de autovetor igual a zero (0), o que mostra que esses nós apenas indicaram outro nó e não receberam nenhuma indicação. Ou seja, eles deram RT em algum outro nó que exerce um papel relevante na rede, tendo um grande número de conexões.

No núcleo desse grafo (ver Figura 11), entretanto, perfis de alto valor de grau de entrada e autoridade voltam a aparecer. Aqui, o nó mais central é o @marcelotas, em seguida, 2- @chayleao e 3- @christoferdrew. A aparição desses perfis com alto grau na estatística de centralidade de autovetor deve-se à característica de PageRank<sup>61</sup> desse algoritmo, ou seja, sua centralidade é mais alta do que a dos demais nós, pois eles são citados por mais usuários.

<sup>61</sup> Sistema algorítmico que dá peso numérico a elementos hiperligados, como as páginas da Internet, com intuito de medir a importância de cada “nó” no grupo por meio de um motor de busca. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/PageRank>

## **A Explosão do #VemPraRua no Brasil: os dias 15, 16 e 17 de junho de 2013**

Depois de analisados os dados do #VemPraRua capturados entre os dias 15 de junho e 15 de julho de 2013, trataremos agora de focar o estudo nos três primeiros dias em que essa tag foi utilizada a fim de mostrar como seu uso foi se intensificando a medida em que os protestos se alastravam pelas redes e ruas do Brasil. Para isso, vamos analisar os dias 15, 16 e 17 de junho na rede Twitter. Os grafos que seguem abaixo dizem respeito aos principais atores/usuário dessas determinadas fases dos protestos.

Para dados de registro, vale dizer que em todos os grafos gerados neste trabalhos – inclusive nos grafos acima –, aplicamos a métrica Spline, que permite que não só os principais atores apareçam, mas também aqueles atores menores, que têm importância fundamental na constituição dessa rede. Dessa maneira, os grafos não mostram apenas os maiores nós, de maior destaque na rede, mas também aqueles um pouco menores que são imprescindíveis para a estruturação dessa rede.

### **O dia 15 de junho: a gestação do #vemprarua na rede**

No primeiro dia que optamos por recortar o uso da tag #vemprarua (ver figura 12), é possível perceber que se destacam, em ordem de aparição 1-@Annabel\_lee: usuário(a) do Twitter; 2-@ihthiago, usuário do Twitter, aparentemente jovem; 3-@markynalmeida, conta até então ativa no twitter, mas que aparentemente foi desativada; 4-@anonbrnews: um dos perfis do Anonymous Brasil no Twitter; 5-@nataliapassos\_: perfil aparentemente jovem, com a cantora Demi Lovato na foto de capa e site direcionando para o site da norte-americana. Essas foram as maiores autoridades dessa rede.

Para não mostrar somente os principais atores/usuários, aplicamos a ferramenta Spline, que é capaz de mostrar também os nós menores, mas que têm fundamental importância na rede, como por exemplo: 6-@signosfodas: perfil que divulga humoristicamente as características de cada signo, e trz na bio “Maior Twitter de Signos do Brasil. Seu Signo Atualizado Todos os Dias”; 7-@palomaribe: conta da usuária Paloma Ribeiro, aparentemente jovem do ensino médio, tem em seu fundo de capa a imagem de um galã do cinema americano.

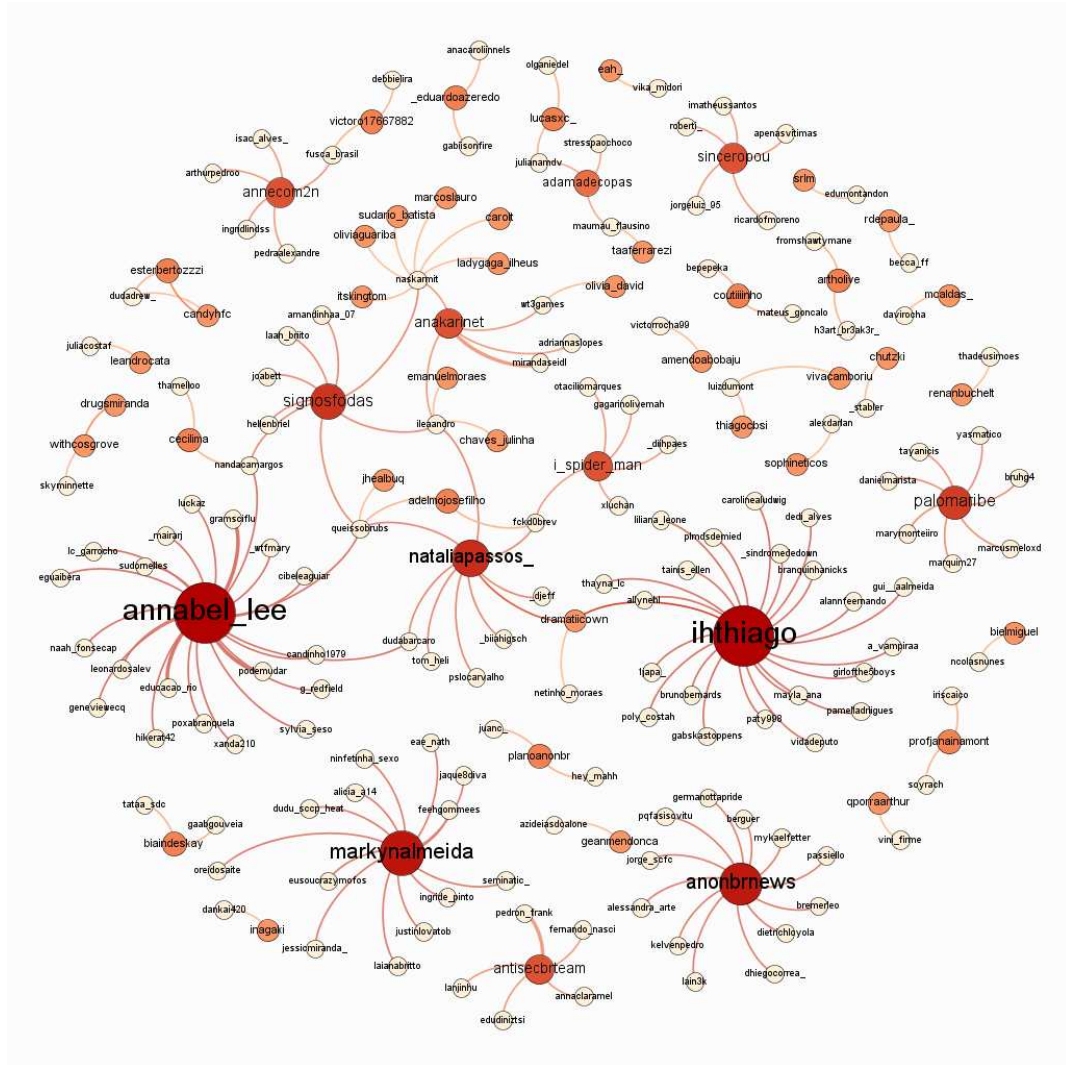


Figura 12: os principais atores do dia 15 de junho de 2013 na rede #vempruarua

## Análise Semântica dos protestos no Brasil: 15 de junho de 2013

Para analisar semanticamente os protestos, optamos por fazer recortes temporais, o que nos possibilitou verificar exatamente a escalada de temáticas e os interesses se transmutando ao longo dos dias iniciais dos protestos que utilizaram a *tag* #vempruarua. Portanto, segue abaixo a análise semântica do dia 15 de junho de 2013:





Figura 14: as palavras mais ditas no dia 15 de junho de 2013

### Os URLs<sup>62</sup> mais compartilhados pelos ativistas no dia 15 de junho de 2013

Além de estudar quem foram as principais autoridades – atores – desses primeiros dias de luta, buscamos também saber quais foram os URLs mais compartilhados por eles, a fim de saber um pouco mais afundo que conteúdo foi mais disseminado pelos ativistas. Percebe-se, nesta análise, como os usuários da rede começaram a compartilhar links, como e quando isso se tornou prática mais comum, quais os tipos de links mais disseminados por eles e quem foram os atores que mais tiveram seus URLs compartilhados.



Figura 15: URL mais compartilhado no dia 15 de junho de 2013: <http://t.co/OrixxLU5Cn>

<sup>62</sup> Um URL (de Uniform Resource Locator), em português Localizador-Padrão de Recursos, é o endereço de um recurso (como um [arquivo](#), uma [impressora](#)etc.), disponível em uma rede; seja a [Internet](#), ou mesmo uma rede corporativa como uma [intranet](#).



A primeira URL mais disseminada no dia 15 de junho teve 13 compartilhamentos (figura 15). Trata-se de um tweet do usuário @alcoolizou, que diz “VEM PRA RUA PQ A RUA É A MAIOR ARQUIBANCADA DO BRASIL #ChupaDilma #VemPraRua #AcordaBrasil”. O tweet vem acompanhado de uma imagem, montagem que mostra diversas cidades brasileiras com suas ruas tomadas de gente.



Figura 16: Segundo e terceiro URL mais compartilhado do dia 15 de junho: <http://t.co/Um7KRBNFKJ>

O segundo URL mais disseminado do dia 15 de junho é um vídeo que foi compartilhado 12 vezes (figura 16). Postado pelo canal Anonymous Brasil no Youtube, o filme, que dura cerca de dois minutos, foi visto - até o momento de captura para este trabalho - por cerca de 90 mil pessoas. O Terceiro URL mais disseminado neste dia foi exatamente este mesmo vídeo descrito anteriormente, compartilhado também 12 vezes. Veremos mais adiante que este filme foi compartilhado em outros momentos n’os dias em que se seguem as manifestações.

Intitulado Vem pra Rua, trata-se de uma montagem de diversos momentos, frames e fotos dos protestos e da repressão policial sofrida pelos manifestantes. Além das imagens, o vídeo traz frases, em ordem de aparição: “V de Vinagre”, “#ImaginaAFesta”, “Vem Pra Rua”, “O aumento da tarifa é apenas o estopim”, “A revolução é agora”, “Acorda Brasil”, “Chega de repressão”, “Não é sobre 20 centavos, estúpido”, “Chega de descaso”, “Copa do Mundo = 33BI”, “Olimpíadas = 26BI”, “Salário Mínimo = 678 reais”, e ao final questiona “E você ainda acha que é por 20 centavos?”. Tudo isso com trilha sonora da música do grupo O Rappa, que

foi feita para uso comercial e acabou sendo adotada nos protestos, por cantar “vem pra rua porque a rua é a maior arquibancada do brasil”.

### **Dia 16 de junho de 2013: o #vemprarua começa a ganhar força na rede e na rua**

A partir do segundo dia de análise mais enfática, podemos perceber que o número de atores/usuários utilizando a *hashtag* #vemprarua aumenta consideravelmente em relação ao dia 15 de junho. Para dados de registro, vale dizer que em todos os grafos gerados neste trabalho, aplicados a métrica Spline, que permite que não só os principais atores apareçam, mas também aqueles atores menores, que têm importância fundamental na constituição dessa rede. Como no dia 15 o volume de dados não era grande, não retiramos os menores nós do banco de dados, mas nos dias 16 e 17, quando a circulação de tweets foi muito mais intensa, antes de aplicar o Spline, fomos até o banco de dados e deletamos aqueles nós que são praticamente nulos – com graus muito pequenos em relação ao primeiro. Deletando esses nós “insignificantes” a rede fica mais limpa, logo, sua visualização torna-se mais fácil.

No dia 16 de junho, os atores que mais se destacaram foram, em ordem de aparição: 1-@palomaribe: esse mesmo usuário, que aparece no dia 15 de junho, mas em menor escala, no dia 16 já aparece como principal ator da rede. Trata-se da conta da usuária Paloma Ribeiro, aparentemente jovem do ensino médio, tem em seu fundo de capa a imagem de um galã do cinema americano; 2-@danielbovolento: perfil do publicitário Daniel Bovolento, escritor no @ksalsemvergonha e entretodasacoisas.com.br; 3-@leoni\_a\_jato: perfil oficial do cantor Leoni; 4-@inthiago: usuário do Twitter, aparentemente jovem; 5-@lulzsecbrazil: perfil autodenominado de A Jangada do LuIz, que conta com cerca de 33 mil seguidores quando visualizado<sup>63</sup>.

Outros usuários também fizeram grande diferença nessa rede, é o caso de 6-@oficialinesbr: conta que aparentemente está desativada na rede social, 7-@anonbrnews: um dos perfis do Anonymous Brasil no Twitter; 8-@signosfodas: perfil que divulga humoristicamente as características de cada signo, e trz na bio “Maior Twitter de Signos do Brasil. Seu Signo Atualizado Todos os Dias”; 9-@penelophy: perfil de Natalie Soares, jovem que se diz “uma idosa cheia de histórias pra contar. Viagens. Ballet. Séries. Editora de

---

<sup>63</sup> Visualizado em 14/03/2014

Conteúdo. Sundaycooks. ABBV. Little Vales – sundaycooks.com”. Esses perfis aparecem em menor escala em relação aos principais, mas que também têm sua importância.

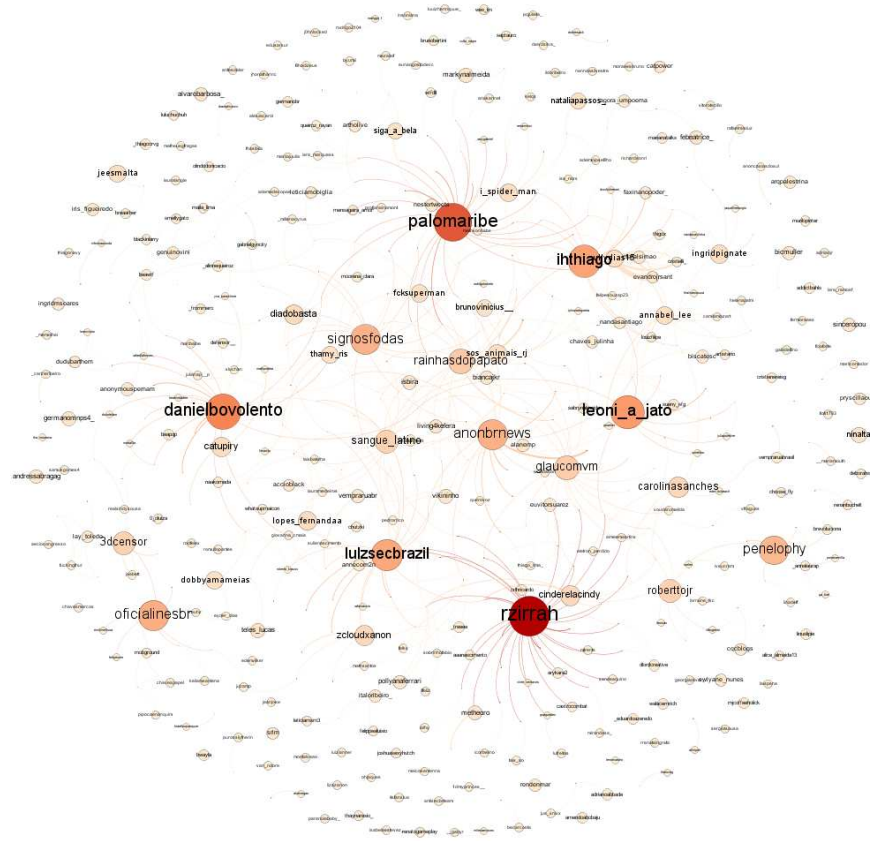


Figura 17: os principais atores do dia 16 de junho de 2013 na rede #vemprarua

## Análise Semântica dos Protestos no Brasil: 16 de junho de 2013

### a) As hashtags mais utilizadas:

Como se pode ver na Figura 18, as *hashtags* mais utilizadas no dia 16 de junho foram: #chupadilma, #brasilacordou, @ogiganteacordou, #changebrazil, #protestorj, #vemprarua, #berlinsupportsbrazil, #vemprajanela, #brasiléhoradeacordar, #acordabrazil e #protestosp. Já se pode notar que houve mudanças em relação ao dia anterior. Agora a #protestosrj está bem maior, isto é, foi muito mais utilizada. Surgiu a #berlinsupportsbrazil que já é um indício do que estaria por vir: diversos países fazendo manifestações e indo às ruas em apoio aos protestos no Brasil. Também aparecem, em menor escala, a #protestosp, protestobh, #anonymouspernambuco e #acordamaranhao, já demonstrando o espalhamento das



Rua, Amanhã, Brasil, Rio, Jovens, Governo, Come, Pára, Borracha, Acordando, Atingidos, Galera, Povo, Balas. Essas foram as palavras mais ditas no dia 16 de junho, o que também mostra uma diferença em relação ao primeiro dia analisado. Se no dia 15 as palavras tinham cunho mais convocatório e com um certo tom de “despertar” para a manifestação, no dia 16 algumas palavras já sinalizam a que os protestos vieram e demonstram que contornos estão tomando as manifestações. Já é possível perceber que as pessoas falam de violência policial, com as palavras Borracha, Balas e Atingidos. E também pode-se perceber que à essa altura dos protestos, os manifestantes já adotam um certo caráter identitário. Isso fica comprovado pelo uso das palavras Povo e Jovens.

### Links mais compartilhados no dia 16 de junho de 2013



Figura 20: URL mais compartilhado no dia 16 de junho: <http://t.co/DLayvcsmvx>

No dia 16 de junho, o URL mais disseminado foi compartilhado 145 vezes (figura 20). Trata-se do *tweet* “começou. Jovens atingidos por bala de borracha no Rio #protestorj #vemprarua”, acompanhado da foto de um jovem alvejado por uma bala de borracha e pessoas tentando ajudá-lo.



Figura 21: Segundo URL mais compartilhado de 16 de junho: <http://t.co/R2B6he2bYH>

O segundo URL mais disseminado do dia 16 de junho foi compartilhado 36 vezes (figura 21). Trata-se de um vídeo postado diretamente no Facebook, intitulado “rede globo e vaiada e repórter vai embora sem fazer a reportagem”. No vídeo, filmado provavelmente pelo celular de um ativista a repórter da Rede Globo tenta, em meio aos manifestantes, gravar uma matéria. Mas é impedida e expulsa do local pelo grupo de manifestantes que seguem em coro a todo o tempo “Abaixo a Rede Globo, o povo não é bobo”.

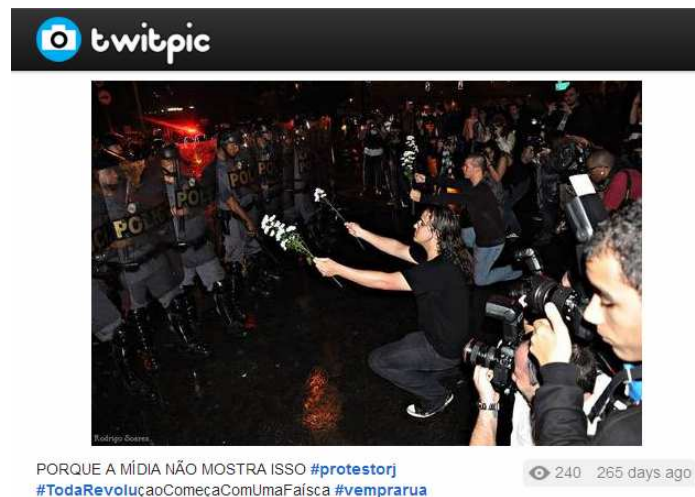


Figura 22: Terceiro URL mais compartilhado de 16 de junho: <http://t.co/D8hLKXf1Qe>

O terceiro URL mais compartilhado (22 vezes) no dia 16 de junho é uma imagem do twitpic em que alguns manifestantes, ajoelhados, oferecem flores aos policiais militares. A

imagem ainda traz os dizeres “PORQUE A MÍDIA NÃO MOSTRA ISSO #protestorj #todarevolucaocomecacomumafaisca #vemprarua”.



Figura 23: Quarto URL mais compartilhado do dia 16 de junho: <http://t.co/Um7KRBNFKJ>

O quarto URL mais compartilhado (18 vezes) do dia 16 de junho é justamente o vídeo Vem Pra Rua, do canal Anonymous Brasil, citado acima – no dia 15 de junho.

### **Dia 17 de junho de 2013: a explosão do #vemprarua nas redes e na rua**

Como neste dia o volume de dados recolhidos é muito grande, e a fim de entender melhor como esse importante dia de protestos se desenhou na rede, optamos por recortá-lo em quatro fases: madrugada (00h às 6h), manhã (6h às 12h), tarde (12h às 18h) e noite (18h às 00h). Começaremos a análise na ordem do dia, da madrugada até a noite, para que seja possível estudar a constituição e o fortalecimento dessa rede.





Brasil. Seu Signo Atualizado Todos os Dias”, 8-@bringtocyrus: conta com cerca de 4 mil seguidores, aparentemente de humor/parodia, devido às postagens e à bio “até o justin bieber é mais hannah montana que a miley cyrus”, 9-@cacofonias: perfil anônimo que traz em sua bio “Mais sensacionalista do que sensacional – sensacionalista.com.br”, 10-@vulgomenor: perfil desativado quando visitado<sup>65</sup>.

## Análise Semântica dos Protestos no Brasil: 17 de junho de 2013 - Madrugada

### a) As hashtags mais utilizadas:



Figura 25: as hashtags mais utilizadas na madrugada do dia 17 de junho

Da madrugada do dia 16 para o dia 17, o protesto começou a ganhar mais força e as tags mais utilizadas foram: #acordabrasil, #vempraruajanela, #vempraruapvh, #vempraruajanela, #ogiganteacordou, #todarevoluçãocomeçacomumafaísca, #changebrazil. Há também a tag #protestorj, nesse momento, maior que #protestosp amostra de que uma manifestação que começou de fato em São Paulo acabou tomando o Rio de Janeiro de maneira abrupta e intensa. Além disso, aparece a #abaixoaredeglobopovonaoébobo, o que demonstra a insatisfação pública com a cobertura que a grande mídia, no caso a Rede Globo, vinha fazendo das manifestações. Aparece, ainda, uma tag contrária a #chupadilma (que surge forte desde o dia 15 de junho), essa tag é #apoiodilma, o que mostra a pluralidade dos manifestantes, uns contra e outros a favor do governo. Surge também, pequena, a tag #lajeadoacordou, já numa demonstração clara de que os protestos não se concentravam entre o eixo Rio-São Paulo, mas que também se interiorizou pelo país.

<sup>65</sup> Visitado em 14/03/2014

## b) As palavras mais faladas nessa rede:



Figura 26: as palavras mais ditas na madrugada do dia 17 de junho

As palavras mais faladas nessa madrugada foram: Brasil, Dia, Galera, Protesto, Amanhã, Matriz, Rua, Quinta, Horas, Gente, Rua. Acompanhada de outras menores, mas também importantes, Arquibancada, Dilma, Porque, Mudar, Hoje. As expressões mostram claramente que algo – um protesto – está sendo marcado pelos manifestantes, basta ver as palavras Amanhã, Horas, Dia, Matriz – fortes indicativos de que ao longo do dia 17 iria ocorrer um protesto.

### - Manhã: os principais autores do #vemprarua na manhã do dia 17

Já na manhã do dia 17 de junho, destacaram-se os seguintes nós, sempre em ordem de aparição: 1-@eikebatiiiista: perfil humorístico e fake sobre Eike Batista, empresário brasileiro com atuação nos setores de energia, petróleo e gás; 2-@minadefases: Perfil de uma jovem de Porto Velho (Rondônia) que diz se chamar Mile Everdeen, que traz em sua bio “Eu estou amadurecendo não mudando. Demi Lovato”; 3-@dobiersack, 4-@whatsappsbr: perfil que traz na bio “Frases de Whatsapp e Twitter. Parodia”. E, em menor escala, mas também importantes: 5-@qwertzlcoatl, 6-@mionzinho\_: perfil do humorista que acompanha Marcos Mion, Victor Coelho; 7-@antonysouza\_: jovem usuário chamado Antony Souza; 8-@leni\_a\_jato: perfil oficial do cantor brasileiro Leoni.

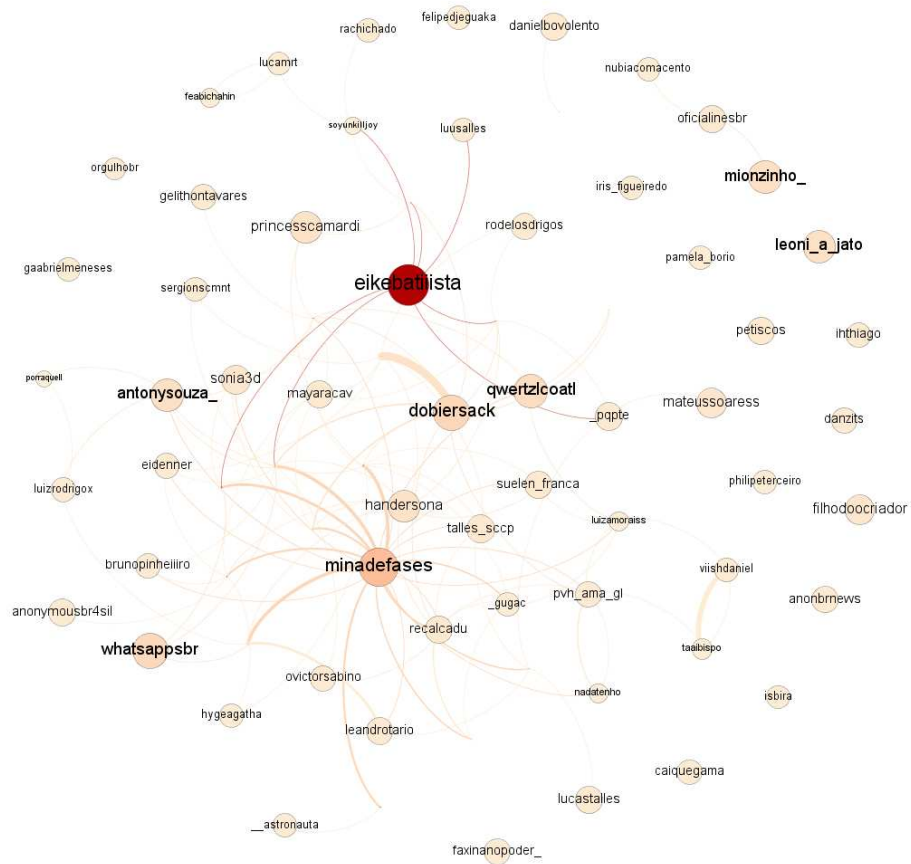


Figura 27: os principais atores da rede #vem pra rua na manhã do dia 17 de junho de 2013

## Análise Semântica dos Protestos no Brasil: 17 de junho de 2013 - Manhã

### a) As hashtags mais utilizadas:



Figura 28: as hashtags mais utilizadas na manhã do dia 17 de junho

Pela manhã do dia 17, as tags mais utilizadas foram: #abaixoaredeglobopovonaoébobó, #vempraruapvh, #vemprarua, #acordababril #menoscopadomundomais #protestorj #ogiganteacordou. Outras, como #legalizaçãodovinagre fazem menção ao fato de a polícia prender manifestantes que portavam vimagre (conhecido por proteger o rosto da ação do gás lacrimogênio lançado pela polícia). A tag #whitemonday faz menção a uma campanha que um grande grupo de manifestantes fez para que todos se vestissem de branco para ir às ruas na manifestação daquele dia. Outro indicativo de que os protestos se espalharam pelo país é a tag #protestosalvador.

#### b) As palavras mais faladas nessa rede:



Figura 29: palavras mais ditas na manhã do dia 17 de junho

Ainda pela manhã do dia 17, as palavras mais faladas pelos manifestantes foram: Estádio, Volta, Rua, Mundo, País, Brasil, Falta, Agora, Construir, Hoje, Protesto. Em menor escala, vêm Livre, Povo, Inimigo, Vem, Passe, Polícia, Dia, Arquibancada. A palavra Estádio trata-se de uma crítica que grupos de manifestantes faziam aos jogos que o Brasil sediará em 2014 e 2016 – Copa do Mundo e Olimpíadas.

### - Tarde: os principais atores do #vemprarua na tarde do dia 17

Na tarde do dia 17 de junho, os usuários que mais se destacaram na rede #vemprarua foram: 1-@fepaesleme, 2-@marcelotas, 3-@eikebatiista: perfil humorístico e fake sobre Eike Batista, empresário brasileiro com atuação nos setores de energia, petróleo e gás; 4-@sergueirock: perfil fake do roqueiro brasileiro Serguei, que traz em sua descrição “Serguei, ex da Janis Joplin e Divido do Rock (Perfil aprovado e autorizado pela equipe do Serguei. Conteúdo 100% criado por @tucahernandes e @phmaster”.

Outros com escala um pouco menor, também exerceram sua importância nessa rede: 4-@zeca1908: descrição traz as informações “Vlogueiro do Espora Afiada no Terreirão. Vídeo novo toda sexta”, perfil tem cerca de 15 mil seguidores – trata-se de um administrador de um canal de youtube sobre futebol; 5-@federicodevito: perfil que traz na descrição “cineasta, argentino e viciado em cinema”; 6-@caiquegama: perfil do jovem de 19 anos, Caíque Gama, integrante da boyband Fly, 139 mil seguidores quando consultado.

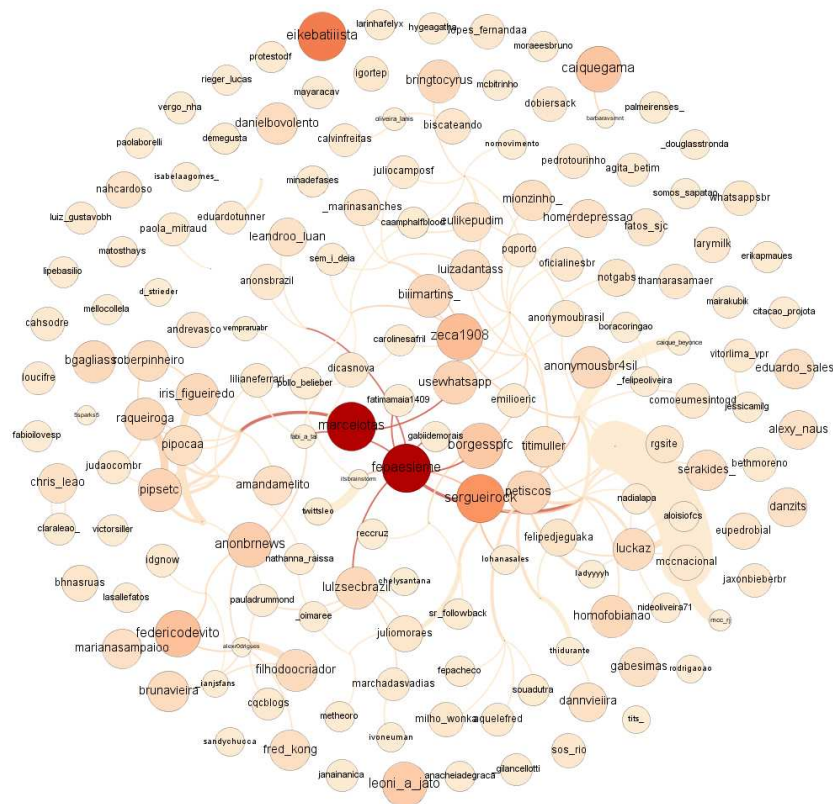


Figura 30: os principais atores do #vemprarua na tarde do dia 17 de junho de 2013



tags #protestosbr, #pracimadelesbrasil e #mudarnosofuturo, que apontam para a esperança dos brasileiros manifestantes.

**b) As palavras mais faladas nessa rede:**



Figura 32: palavras mais ditas na tarde do dia 17 de junho

Ainda na tarde do dia 17 de junho, as palavras mais faladas na rede foram: Rua, Largo, Batata, Rio, Brasil, SP, Hoje, Agora, Muito, Dia, Manifestantes, Protesto, Mundo, BH. Mais indícios de que protestos estão sendo marcados pelos manifestantes. Além dessas, há as expressões, em menor escala, Volta, Estádio, Tudo, Parar, Movimentos, Linda, Construir, Brasília, Orgulho. Um misto de agendamento de protestos, críticas aos jogos que serão realizados no Brasil e de palavras de força e esperança como Linda, Construir e Orgulho.

### - Noite: os principais atores do #vemprarua na noite do dia 17

Na noite do dia 17 de junho, os usuários mais destacados foram, em ordem de aparição: 1-@chayleao, 2-@marcelotas, 3-@mionzinho\_, 4-@manugavassi: perfil da cantora Manoela Gavassi, com mais de mil seguidores; 5-@viniwsc: perfil do jovem Vinicius Sousa, que traz em sua descrição “preguiçoso demais pra escrever frases inteligentes” 6-@mrcoarelio: aparentemente jovem ator Marco A. Bianchini, que traz em sua bio “Ator. Guiado por Deus, iluminado e protegido pela força de Zeus”.

E os seguintes, em menor escala, mas também de grande importância para a rede foram: 7-@tvznews: perfil voltado para jovens, com a bio “Perfil de Notícias, Coberturas e Tops Criados para diversos Fã Clubs”, 8-@usewhatsapp: perfil que, aparentemente, não posta nada, só retweeta muito; 9-@estamosnarua: perfil que, segundo sua bio, trazia “informações sobre protestos no Brasil e no mundo. Somos mídia independente brasileira”. Isso na época dos protestos, agora, quando tentamos visualizá-lo, não há tweet algum publicado<sup>66</sup>.

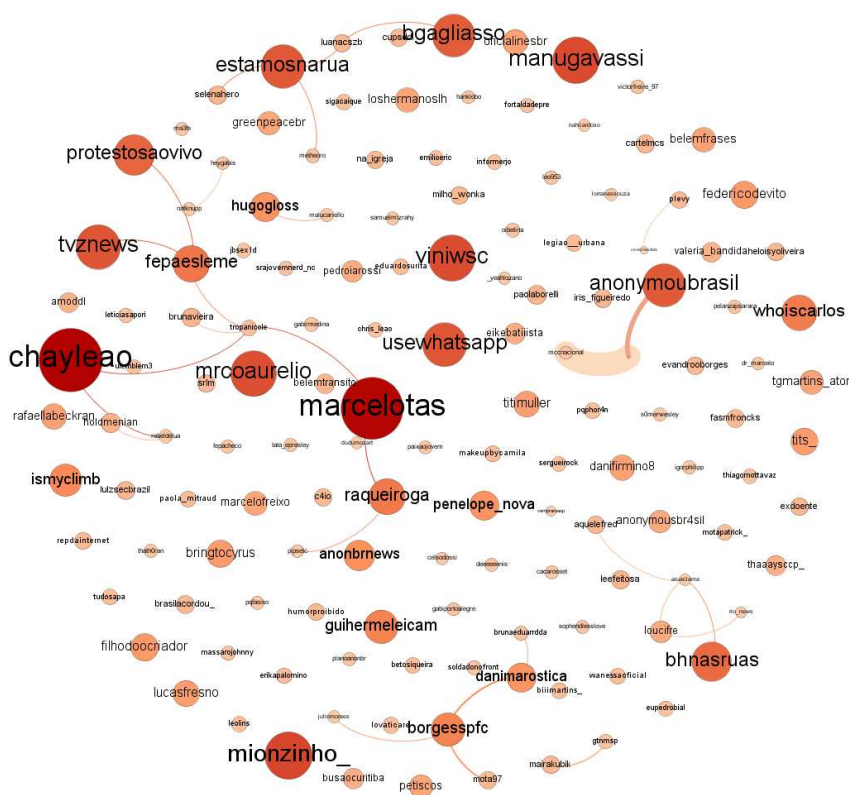


Figura 33: os principais atores do vem pra rua na noite do dia 17 de junho de 2013

<sup>66</sup> Verificado em 14/03/2014



## Análise Semântica dos Protestos no Brasil: 17 de junho de 2013 - Noite

### a) As hashtags mais utilizadas:



Figura 34: hashtags mais usadas na noite do dia 17 de junho

As tags mais usadas na noite do dia 17 foram foram: #ogiganteacordou, #acordabrazil, #vemprarua, #verasqueumfilhoteunaofogealuta, #mudabrazil, #protestosp, #protestorj, #changebrasil, #brasilacordou, #passelivre. As grandes palavras-chaves desse início de protesto. Há ainda as tags em menor escala, #arevoluçaõnao-será-televisionada, #aglobonaomerepresenta, que demonstram novamente a indignação dos manifestantes em relação às coberturas da grande mídia sobre os protestos. As tags #copadasmanifestações e #fifadaputa, claramente criticando os jogos que serão realizados no Brasil em 2014 e 2016. A tag #valedoribeiraacordou é mais uma prova do alastramento das manifestações pelo Brasil adentro. E a tag #tonessacampanha, que indica apoio aos manifestantes.

## b) As palavras mais faladas nessa rede:

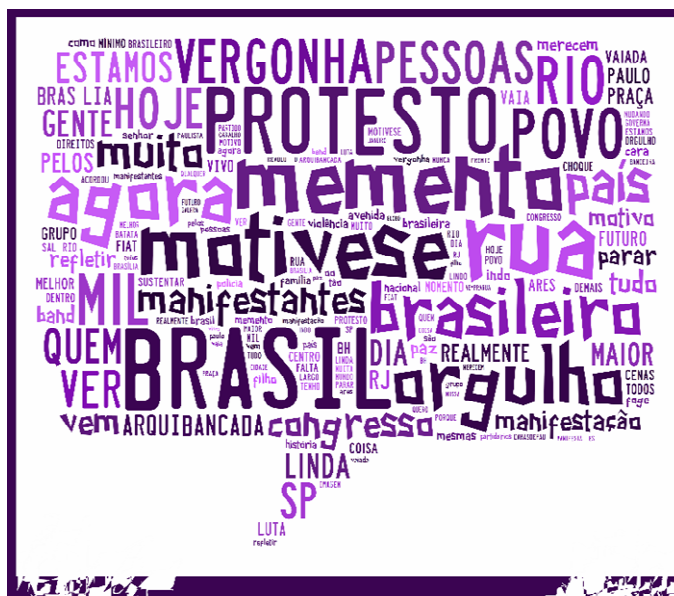


Figura 35: nuvem de palavras mais ditas na noite do dia 17 de junho

As palavras mais ditas na noite do dia 17 de junho foram: Memento, Motivese, Rua, Brasil, Orgulho, Protesto, Vergonha, Povo, Rio, Pessoas, brasileiro, Agora. Vale um adendo para explicar que Memento é fruto de um tweet do ídolo teen Chay Suede, que dizia “o memento é esse!” – mesmo com o erro de digitação, o tweet foi replicado milhares de vezes, por isso a palavra encontra-se entre as mais faladas do dia na rede #vempraru. Palavras tão diferentes como Vergonha e Orgulho, dizem respeito ao misto de sensações dos manifestantes, que estavam com vergonha da cobertura da grande mídia e da ação policial, e ao mesmo tempo com orgulho de ver que milhares de brasileiros estavam indo às ruas para protestar. O termo Motivese provavelmente significa Motive-se, mas com o script o traço foi retirado. As palavras que vêm em menor escala também são significativas: Manifestantes, Congresso, Linda, SP, Arquibancada, Estamos, Maior, Mil.

### - Dia 17 de junho de 2013: Rede Completa

Geramos um grafo (figura 36) a fim de mostrar a rede do dia 17 de junho completa. Essa rede não foi dividida em períodos, ela vai de 00h às 00h, isto é, captura dados de todo o dia. Quem mais se destacou, nesse dia por inteiro foram os perfis: 1-@marcelotas, 2-@chayleao, 3-

@eikebatiista: perfil humorístico e fake sobre Eike Batista, empresário brasileiro com atuação nos setores de energia, petróleo e gás, 4-@fepaesleme.

Além desses, outros de escala um pouco menor também exerceram influência na rede: 5-@mionzinho\_, 6-@usewhatsapp: perfil que, aparentemente, não posta nada, só retweeta muito; 7-@manugavassi: perfil da cantora Manoela Gavassi, com mais de mil seguidores; 8-@viniwsc: perfil do jovem Vinicius Sousa, que traz em sua descrição “preguiçoso demais pra escrever frases inteligentes”; 9-@mrcoarelio: aparentemente jovem ator carioca Marco A. Bianchini, que traz em sua bio “Ator. Guiado por Deus, iluminado e protegido pela força de Zeus”; 10-@bgagliasso, 11-@tvznews: perfil voltado para jovens, com a bio “Perfil de Notícias, Coberturas e Tops Criados para diversos Fã Clubes”.

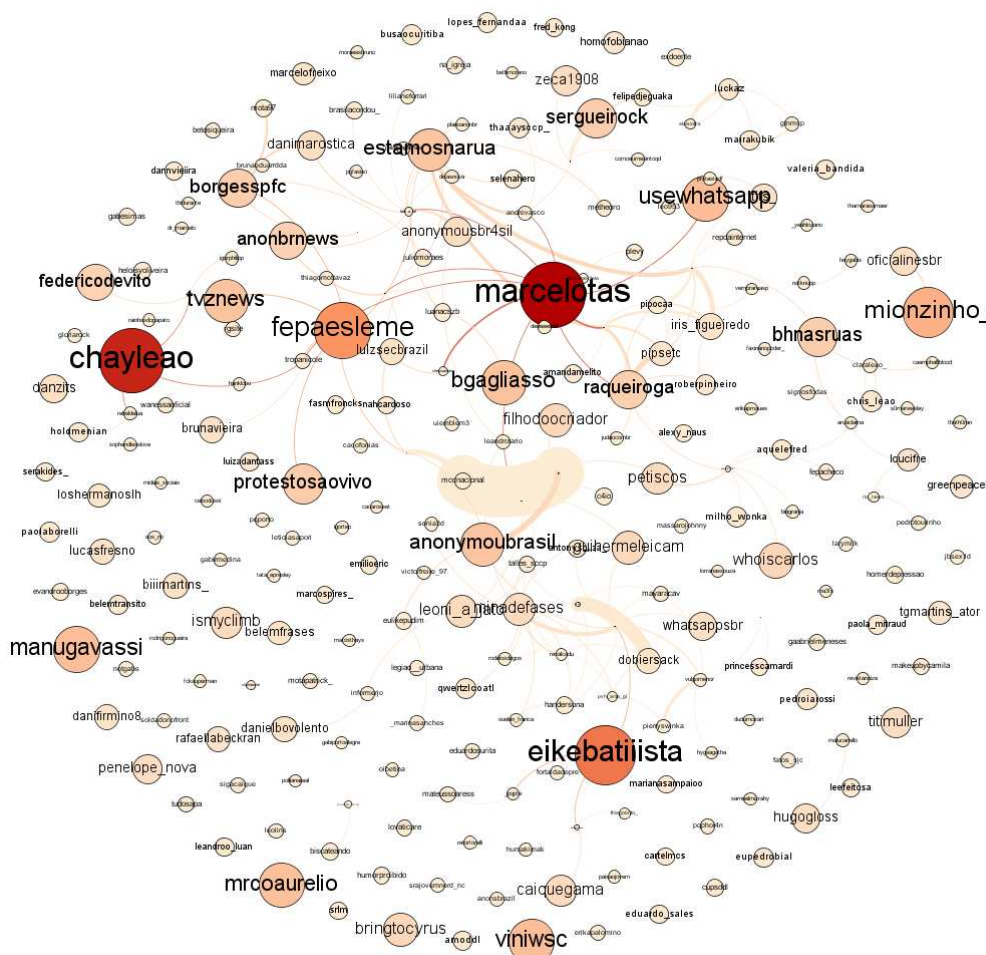


Figura 36: os principais atores do #vemprarua no dia 17 de junho de 2013



b) As palavras mais faladas nessa rede:



Figura 38: as palavras mais faladas no dia 17 de junho

As palavras mais ditas no dia 17 de junho foram: Rua, Mundo, Falta, Muito, Agora, Brasileiro, Orgulho, Brasil, Batata, Protesto, Rio, Largo, Motivese, Memento, SP, Hoje, Povo, Mil. O fato da palavra Memento aparecer entre as mais citadas já foi explicado acima, reforça-se aqui: ela é fruto de um tweet do ídolo teen Chay Sued, que dizia “o memento é esse!” – mesmo com o erro de digitação, o tweet foi replicado milhares de vezes, por isso a palavra encontra-se entre as mais faladas do dia na rede #vempraruá.

Em menor escala vêm as palavras Pessoas, Brasília, Lindo, Linda, Maior, Mudar, Luta, Bandeira, Congresso, Paulista, que dizem respeito, em geral, ao fato de as pessoas estarem manifestando e enxergando algo de bonito naquela mobilização.

## Os Links mais Compartilhados no dia 17 de junho de 2013:



Figura 39: URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/4ivArCGkKz>

O URL mais compartilhado no dia 17 de junho trata-se de uma foto do Instagram que mostra vários manifestantes fotografando um ônibus com destino assinalado “Ceasa”, com diversos cartazes colados em sua frente. O cartaz que mais se destaca diz “Mais Amor Por Favor”. Foi postado pela usuária @manugavassi, com os dizeres “#VemPraRua! Estamos mudando o país!”. Foram 420 compartilhamentos.

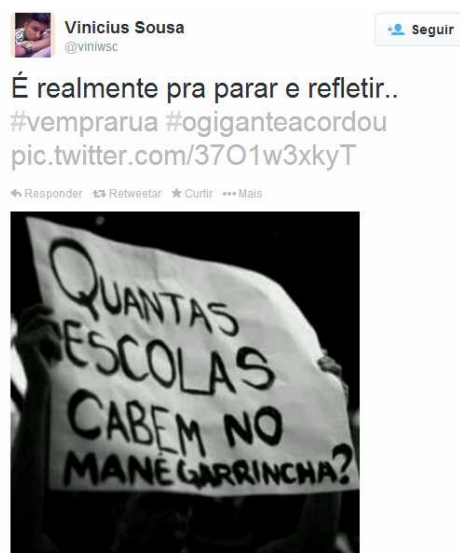


Figura 40: segundo URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/37O1w3xkyT>

O Segundo URL mais compartilhado do dia 17 de junho, 351 vezes, foi uma foto de um cartaz que diz “Quantas escolas cabem no mané garrincha?” (estado construído para os jogos que ocorrerão no Brasil nos próximos anos). A imagem foi postada pelo usuário @viniwsc no Twitter e traz os dizeres “É realmente para parar e refletir...#vemprarua #ogiganteacordou”.



Figura 41: terceiro URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/NdKtalCEtF>

O terceiro URL mais compartilhado neste dia, 229 vezes, também é fruto de uma postagem no Twitter, do usuário @mrcoarelio, que diz “#mudabrasil #vemprarua” e exibe a foto de um cartaz com os dizeres “Paz sem voz não é paz, é medo”.



Figura 42: quarto URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/K6Bnt9QaeQ>

Compartilhado 204 vezes, o quarto URL mais disseminado no dia 17 de junho também provém do Twitter. Trata-se de uma imagem de uma jovem no meio de uma multidão, segurando um cartaz que diz “pode ser que no final a gente diga, 20 centavos mudou o país”. A foto foi postada pelo usuário @tvznews, que diz “#mudabrasil #vempraruá”.



Figura 43: quinto URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/uWnRyX0NK0>

O quinto URL mais compartilhado no dia 17, 182 vezes, foi o tweet “Irlanda faz protesto a favor dos brasileiros #VemPraRua #ChangeBrazil”, acompanhada de uma foto om diversos cartazes em prol dos protestos no Brasil. O post é da usuária @bringtocyrus.



Figura 44: sexto URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/VwfSm1ZisS>



O sexto URL mais compartilhado no dia 17 de junho é do mesmo usuário que o quarto URL, @TVZNews, e traz a mesma imagem que o terceiro URL mais compartilhado desse dia: “#mudabrasil #vemprarua” e exibe a foto de um cartaz com os dizeres “Paz sem voz não é paz, é medo”.

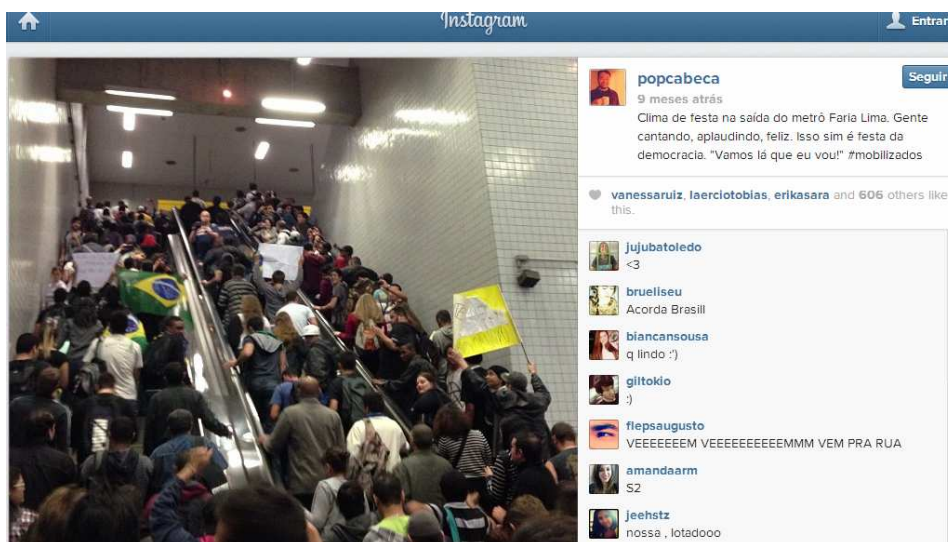


Figura 45: sétimo URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/2MDjKykOYO>

Compartilhado 170 vezes, o sétimo URL mais disseminado no dia 17 foi uma postagem feita no Instagram pelo usuário @popcabeca, que exibe uma foto de uma estação de metrô repleta de gente rumo aos protestos. Na postagem, o usuário diz “Clima de festa na saída do metrô Faria Lima. Gente cantando, aplaudindo, feliz. Isso sim é festa da democracia. ‘Vamos lá que eu vou’! #mobilizados”.



Figura 46: oitavo URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/KdqpphRyHB>

Com 155 compartilhamentos, o oitavo URL mais difundido no dia 17 de junho é uma postagem no Instagram do famoso apresentador @marcelotas, com os dizeres “CQC hoje ao vivo do estúdio e das ruas #GiganteAcordado #vemprarua #protestosBR” e uma foto da ilha de edição do programa.

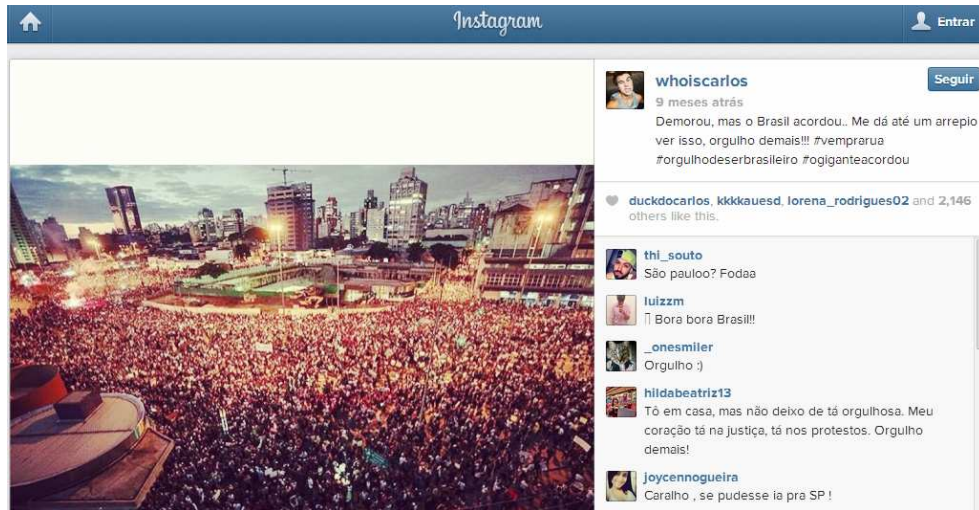


Figura 47: nono URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/ENhTICU3SJ>

A nona foto mais compartilhada nesse dia, 140 vezes, é um post no Instagram do usuário @whoiscarlos, que traz uma foto de um espaço público repleto de manifestantes. E o usuário diz “Demorou, mas o Brasil acordou...Me dá até um arrepio ver isso, orgulho demais!!! #vemprarua #orgulhodeserbrasileiro #ogiganteacordou”.

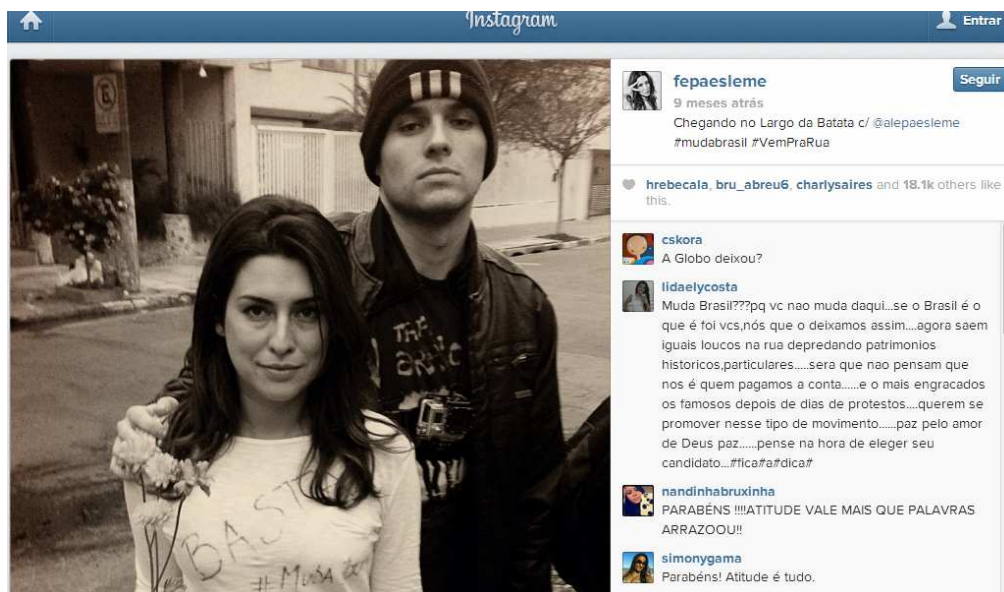


Figura 48: décimo URL mais compartilhado do dia 17 de junho: <http://t.co/QbzC4waKU3>

O décimo URL mais compartilhado no dia 17, 134 vezes, é uma postagem no Instagram da famosa atriz global @fepaesleme (Fernanda Paes Leme), que traz uma foto dela com um parente, dizendo “Chegando no Largo do Batata com @alepaesleme #mudabrasil #vemprarua”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos no início deste trabalho: uma onda de protestos invadiu o Brasil em junho de 2013. Se antes as manifestações populares ficavam a mercê apenas da cobertura jornalística da grande mídia, de alguns anos para cá, a população empoderou-se da narrativa dos fatos e agora pode narrar sua própria história. Isso é possível graças à apropriação por parte da população de novas tecnologias, como Internet e celulares.

Sendo assim, o relato dos protestos de junho de 2013 no Brasil, teve sua narrativa feita a partir de dois principais olhares: a visão da grande mídia diante dos fatos, isto é, das grandes empresas de comunicação, e também a visão de cada manifestante que estava na rua protestando ou em casa apoiando os protestos via Internet.

O que muda quando a sociedade passa a ter acesso também aos conteúdos criados livremente, de fontes alternativas, sem ligação direta com empresas ou corporações, conteúdos criados por apenas cidadãos? Muda, em primeiro lugar, a opinião pública. Se antes a população era considerada “massa de manobra” da chamada grande mídia, hoje os jovens ativistas de rua ou de sofá são legitimamente considerados criadores e distribuidores de conteúdo e informação – o que permite que a opinião pública não só deixe de seguir os moldes das *mass media*, mas também que a opinião pública agora passa a ser moldada, em grande parte, pelo próprio público.

Esse empoderamento tornou-se possível graças à incorporação das novas tecnologias, - como Internet e *smartphones* -, por parte da população, o que permite que seus usuários saiam às ruas em busca de relatos paralelos, de dentro dos movimentos sociais. Ao longo desse trabalho mostramos como a população tomou, a partir do uso das tecnologias, as rédeas dos relatos dos protestos no Brasil. Com isso, nasce uma nova linguagem narrativa: a produzida e reproduzida pela própria multidão.

As mídias livres e colaborativas representam, portanto, uma forma importante de resistência biopolítica dentro do campo da comunicação, uma resistência criativa, que se engaja na criação e na conjugação de toda uma rede de diferenças de multiplicidades. “A resistência está intimamente ligada ao investimento constitutivo no reino biopolítico e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade” (HARDT & NEGRI, 2005, p. 437).

Claramente, esse processo não teve início em 2013 no Brasil, mas sim com a Batalha de Seattle, com a Primavera Árabe, com o movimento Occupy Wall Street, enfim, com a cultura hacker. O que todos têm em comum é o fato de funcionarem em rede, produzindo novos conteúdos e linguagens de trabalho e possibilitando a distribuição de informação livremente. Como sinaliza Castells (2013), são redes de indignação e esperança que lutam pelos seus ideais.

A liberdade de expressão e a neutralidade de rede são condições necessárias, mas não suficientes, para garantir o direito à informação dos cidadãos, requisito essencial para a participação política e fundamental para os sistemas democráticos. Esse direito compreende tanto o dever de transparência por parte do Governo e de todos os outros poderes como a possibilidade para os cidadãos de terem acesso aos dados ou documentos de relevância pública. (QUINTANA e TASCÓN, p.282, 2012)

Segundo Tascón e Quintana (p.266, 2012), até o momento, a rede tem resistido e tem portado as ferramentas e os valores que estão propiciando as novas revoluções. Para que continue assim, dependerá em grande parte de que os cidadãos sejam conscientes da reversibilidade desta situação e de suas consequências. Ainda segundo os autores, “a liberdade de difundir e ter acesso a qualquer tipo de conteúdo na Internet tem sido um fator chave para o ativismo e a mobilização social das multidões” (TASCÓN e QUINTANA, p.278, 2012).

Segundo Hardt e Negri (2005), uma das demandas políticas centrais da multidão é essa: o direito à reapropriação dos meios de produção. O que vem sendo conquistado a partir do uso das redes sociais, como comprovam as jornadas de junho analisadas nesse trabalho. Eis uma forma de resistência.

Ao nosso ver, as jornadas de junho podem ser consideradas um movimento multitudinário, pois foram constituídas por cidadãos comuns que se uniram na rede e na rua para reivindicar suas pautas, exigir do poder público, manifestar suas insatisfações e suas demandas. Como podemos perceber na análise semântica, não há uma única hashtag ou um grito uníssono, mas sim múltiplas *tags*, isto é, muitas pautas reivindicatórias. Isso nos faz crer que trata-se de uma multidão – segundo o conceito de Negri e Hardt: diversa, heterogênea, porém unida em prol do bem comum.

O que se pode concluir com base nas URL mais compartilhadas durante os três dias estudados nesse trabalho é que, no dia 15 de junho, foram poucos os compartilhamentos, porque foi nesta data que a *tag* #vemprarua começou a se proliferar. No dia 16, o movimento

tornou-se um pouco maior na rede e houve mais compartilhamentos de links entre os manifestantes, como se observa na análise acima. Já no dia 17, o auge do uso da *tag* #vemprarua, muitos foram os links compartilhados – por isso constam em maior número neste trabalho -, e o número de compartilhamentos saltou de 13 (o URL mais compartilhado do dia 15) para 420 (o URL mais compartilhado do dia 17). Isso retrata bem como o movimento traçou-se na rede e como ampliou-se gradativamente, ao longo dos dias analisados neste trabalho – 15, 16 e 17 de junho.

Com base nos estudos realizados neste trabalho, comprovamos a hipótese de que os usuários de Twitter que são famosos televisivos aparecem sim com grande destaque na rede geral do #vemprarua, mas, olhando os pormenores, percebe-se que do dia 15 ao dia 17, quem de fato constituiu a rede #vemprarua e a fez crescer cada vez mais foram os usuários desconhecidos, anônimos, não-famosos. Isto significa dizer que os usuários famosos televisivos têm, obviamente, sua importância e, quando aparecem nesta rede, movimentam multidões de fãs. Entretanto, eles aparecem apenas na tarde do dia 17 de junho e ganham força na noite do mesmo dia. Ou seja, tudo o que foi construído até aí, nos dias 15, 16 e ao longo do dia 17 de junho, foi mérito de usuários anônimos do Twitter. O que queremos dizer é que a rede foi constituída sem os famosos, apenas pela multidão de indignados que se uniu em prol desse movimento. A rede existiu sem a atuação dos famosos. E existiria sem os famosos, apenas com a força da multidão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADEU, Sérgio; PERPETUO, Irineu. **O Futuro da Música Depois da Morte do CD**. São Paulo: Momento editorial, 2009. Disponível em: <http://www.futurodamusica.com.br/futuro-da-musica.pdf>

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa – do Mercado de massa ao Mercado de nicho**. Editora Elsevier. Rio de Janeiro: 2006.

ANTOUN, Henrique ; MALINI, Fabio. **Ontologia da Liberdade na Rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos**. In: XIX COMPÓS – Rio de Janeiro, 2010

BAUWENS, Michel. **A Economia Política da Produção entre Pares**. Disponível em <http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-br-0607/msg00000.html>

CALMON, Priscilla. Trabalho de Conclusão de Curso – **Narrativas Controversas: As Tramas Emergentes da Ciberguerra do #Wikileaks**. UFES, 2013. Disponível em: <http://www.labic.net/wp-content/uploads/Narrativas-controversas-As-tramas-emergentes-da-ciberguerra-do-Wikileaks.pdf>

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009

CATANI, Afrânio. **O Que é Capitalismo**. Editora Brasiliense: 1980

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DOBB, Maurice. **Capitalismo, Ontem e Hoje**. 3ª Edição, Lisboa: Ed. Estampa, 1975

FERREIRA, Sérgio Rodrigo. Artigo Científico – **Nós a Mídia: Formação da Opinião na Internet, Comunidades Virtuais e Blogosfera Capixaba**. 2008, disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1068-1.pdf>

FILHO, Francisco Bejamin. **XHITS: Estendendo o algoritmo hits para a extração de tópicos na WWW**. Tese – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

2005. Disponível em:

[http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=7081@1&msg=28#](http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=7081@1&msg=28#) . Acesso em: 12 de agosto de 2013.

FREITAS, Leandro Q. **Medidas de centralidade em grafos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I - a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALVÃO, Alexander; SILVA, Gerardo; COCCO, Giuseppe. **Capitalismo Cognitivo – trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005

GORZ, André. **O Imaterial – Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. São Paulo: Ed. Record, 2000

\_\_\_\_\_. **Multidão, guerra e democracia na era do império**. Rio de Janeiro: Record, 2005

HERKENHOFF, Gabriel. Trabalho de Conclusão de Curso - **Internet e Opinião: conflitos dentro e contra a Opinião Pública**. Ufes, 2009. Disponível em: <http://www.labic.net/wp-content/uploads/2011/03/TCC-Gabriel.pdf>

JACOMY, Mathieu. et al. **A Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization**. 29 ago.2011. Disponível em: [http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2\\_Paper.pdf](http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2_Paper.pdf) . Acesso em: 10 de agosto de 2013.



KREBS, Valdis. **La vida social de los routes. Aplicando el conocimiento de las redes humanas al diseño de las redes de ordenadores.** REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales, ano 9, vol.11, 2006. Disponível em: [http://revistaredes.rediris.es/htmlvol11/Vol11\\_9.htm](http://revistaredes.rediris.es/htmlvol11/Vol11_9.htm) . Acesso em 13 de agosto de 2013.

KLEINBERG, Jon M. **Authoritative Souces in a Hyperlinked Environment.** In Proceedings of the 9th ACM-SIAM, 1998. Disponível em: [www.cs.cornell.edu/home/kleinber/auth.pdf](http://www.cs.cornell.edu/home/kleinber/auth.pdf) . Acesso em 11 de agosto de 2013.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social – uma introdução à teoria do Ator-Rede.** Salvador- Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

LEMONS, André. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão.** 2004, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibermob.pdf>

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix.

MALINI, Fabio. **O Comunismo das Redes. Sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet.** Rio de Janeiro: 2007.

\_\_\_\_\_. **O valor no capitalismo cognitivo e a cultura hacker.** 2009, disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/311/216>

\_\_\_\_\_. **O Comunismo das redes - sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet/ Fábio Malini.** Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO, 2007. Disponível em: <http://fabiomalini.files.wordpress.com/2007/12/tese-final.pdf>

NEGRI, Antonio; LAZZARATO, Maurizio. **Trabalho Imaterial – formas de vida e produção de subjetividade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001

QUINTANA, Yolanda; TASCÓN, Mario. **Ciberactivismo – las nuevas revoluciones de las multitudes conectadas**. Espanha: Catarata, 2012

SILVA, Thiago S.A. **Um estudo de medidas de centralidade e confiabilidade em redes**. 2010. Dissertação – (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia.

SOBRAL, Simone. **O Império e a Resistência** - em **O Trabalho da Multidão**. Org.: Anelise Pacheco, Giuseppe Cocco, Paulo Vaz. Gryphus, 2002 Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2010.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação, criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VIRNO, Paolo. **Virtuosismo e Revolução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

WAICHERT, Thalles. Trabalho de Conclusão de Curso – **Cartografia da Blogosfera. Uma Abordagem sobre a Produção de Sociabilidade, Linguagem e Subjetividade nos Blogs**. 2008, disponível em: <http://thalles.blog.br/wp-content/uploads/2010/11/TCC-THALLES-FORMATADO-FINAL.pdf>

WIKIPEDIA. **Teoria dos Grafos**. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_dos\\_grafos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos) . Acesso em: 12 de agosto de 2013